

Sá de João Pessoa
(Poeta Popular)

A P R E S E N T A
A Obra-Prima de

Mário
de
Andrade
Macunaíma



Herói de nossa gente...
(Em versos de cordel)

Rio de Janeiro
1987
Digitalizado em
2009

INTRO

Todo livro tem sua história. Este também. Quando botei nas mãos o livro **Macunaíma**, de Mário de Andrade já estava um marmanjo de 45 anos de idade. Posso dizer que foi uma idade boa, porque já tinha percorrido muita estrada como leitor e pude, desde o primeiro contato, tirar todo o sabor e prazer da alegre rapsódia de Mário de Andrade. Só dois livros me trouxeram alegria logo na primeira leitura: **Macunaíma** e **Dom Quixote**, de Miguel de Cervantes (a seguir vem **O mentecapto**, de Fernando Sabino e **Meu tio Atahualpa**, de Paulo de Carvalho Neto).

Depois da leitura de **Macunaíma** virei fã de carteirinha. Comecei a querer abarcar todas as leituras de Mário de Andrade, tudo que fosse a ele e com o seu tempo estivesse relacionado. Vi o filme, assisti à peça. Nessa época eu estava também envolvido com os poetas de cordel da Feira de São Cristóvão e a conexão com a poesia popular foi imediata. Larguei o livro e comecei a transpor para versos populares a história de **Macunaíma**.

Quando já estava com cerca de 300 estrofes de seis versos produzidas (algumas foram publicadas no jornal D. O. Leitura de São Paulo), de repente me deu um estalo. O que eu estava fazendo era transpor a interpretação pessoal da leitura de **Macunaíma** e não **o livro Macunaíma**. Essa linha não me pareceu correta, porque certamente a minha memória iria falhar e não sairia um trabalho de meu gosto.

Parei tudo e comecei de novo.

Desta vez com o objetivo de transpor, de fato e o mais literal possível: escrevendo os versos populares com o livro ao lado. E desta vez já com o acréscimo de tudo assimilado com a leitura de **Roteiro de Macunaíma**, de M. Cavalcante Proença (livro para o qual eu tinha uma continuação em mente) e **Moronguetá, Um decamerão indígena**, de Nunes Pereira. Livros recomendados para quem leu ou vai ler **Macunaíma** de Mário de Andrade.

Bom, foi assim que tudo saiu, com o livro de Mário de Andrade ao lado, aproveitando ao máximo suas próprias palavras e expressões, como também o roteiro dos capítulos. Fácil? Não! Fácil não foi. Principalmente porque acabou se me assenhoreando todo o tempo, além de se mostrar um trabalho pesadíssimo, para o qual me faltou tempo e paciência para rever tudo com o devido cuidado. Por isso quase desisti (com escritores amadores acontece isso). Agora um novo trabalho pesado tive para esta edição virtual. Foi duro, mas consegui!

Para a introdução de cada capítulo tomei o exemplo de Bocage, que iniciava alguns poemas seus (principalmente aqueles coletados em **Poesias eróticas, burlescas e satíricas**), com um resumo que ele chamou *toda a história numa décima*. Aqui também tentei fazer assim.

Por outro lado, não posso dizer – porque me faltam condições – se o trabalho saiu a contento. Agora já estou muito distante do texto – e ele de mim. Agrava qualquer tipo de análise o fato de que não costumo reler o que escrevo. Assim, não posso fazer qualquer avaliação. Quando termino um trabalho me sinto livre dele. Pronto, já é do mundo!

Ademais, para se saber se uma transposição dessa magnitude deu certo, é preciso que muita gente leia, para tirar desses leitores o depoimento de que o texto foi coerente e dele conseguiu tirar proveito e alegria como o romance de Mário de Andrade nos traz. Felizmente esse fato somente os leitores podem constatar.

Por fim quero dizer que quem fez a transposição de **Macunaíma** para a Literatura de Cordel foi realmente o poeta popular **Sá de João Pessoa**, que a esta altura já abandonou a poesia, mas deixou uma dezena de folhetos de cordel espalhados por aí para nos alegrar.

Rio de Janeiro, Cachambi, 15/04/2009.

Salomão Rovedo e Sá de João Pessoa

Sá de João Pessoa
(Poeta Popular)

Apresenta a Obra-Prima de

Mário de Andrade

Macunaíma

Herói de nossa gente...

...em versos de cordel

Escrito em: 1987/1992
Digitalizado em: 2009

Capa:
Grande Otelo em Macunaíma (1969), filme de Joaquim Pedro
de Andrade.

I

Macunaíma

Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

O herói nasceu no coração da mata,
De natureza selvagem e virgem,
Emudeceu o mundo em atroz vertigem,
Que seu caráter sem medo retrata
O resplendor que a todos arrebatava
Vendo a figura que a terra anuncia:
A floresta, os rios, a pradaria,
Os pássaros e as demais criaturas
Aprovam essa real investidura
Com respeito, louvor e honraria.

E assim a nossa história se inicia.

I

No fundo do mato-virgem
Macunaíma nasceu,
O herói de nossa gente
Era Preto como breu,
Filho do medo da noite
Quando a terra escureceu.

No momento que o silencio
Foi ruim, mas infecundo,
Escutando o quiriri
Grave calado profundo,
No lasso Uraricoera
Nosso herói veio ao mundo.

A mudeza foi tão grande
Que se ouvia a calada
Do menino sarapanta,
Com a língua atropelada
O guri Macunaíma
Muito vê e não diz nada.

Que a Índia tapanhumas
Pariu um miúdo feio
Chamado Macunaíma,
Mesmo não tendo correio
A notícia se espalhou
No mataréu, de permeio.

Numa longa pajelança
Debaixo da noite quente
Rei Nagô fez um discurso,
Avisou pra toda gente
Que o herói era sabido
Forte, fraco, inteligente.

Quando era pra dormir
Trepava no macuru,
Esquecia de mijar,
Então se dava o rebu:
A mãe que dormia embaixo
Recebia o xixi cru.

Ai que preguiça! Reclama
Do alto de um jirau,
Vê o trabalho na taba
Trabalhar faz muito mal!
O herói porém se diverte
Destruindo o saúval.

Dois manos o herói tinha
Maanape, velho enrugado,
Cabelos brancos corridos
E Jiguê, moço dotado,
Jovem na força do home,
Guerreiro desacetado.

De cedo Macunaíma
Já pensa ganhar vintém,
Nu se banha co'as cunhãs,
Mergulhando vai-e-vem,
Põe a mão nas graças delas,
Descobre o prazer que tem.

Macunaíma no rio
Nu o herói se incendeia.
Mexe no seio das índias,
Rola com alas n'areia,
É guaíamum, é pacu
A cunhatã é sereia.

Lá por volta dos seis anos
Deram água de chocalho,
Macunaíma passou
A falar que nem bandalho,
Mais que a nega-do-leite
Taramela o pirralho.

Os manos Jiguê e Maanape
Trabalham firme e duro,
Macunaíma porém
Sequer pensa no futuro
Brincar com cunhatã gosto,
Outra coisa não aturo!

Atrelado num jirau
La no canto da maloca,
Toda a tribo vai à luta
Macunaíma se entoca,
Todo mundo trabalhando
E o malandro nem se toca!

Pede pra véia largar
De ralar a macaxeira
Me leva pra passear
Quero brincar na ribeira.
A mãe secundou: Sossega!
Deixa de falar besteira!

O herói choramingou
Por aquela negativa
E continuou chorando
Pra ver se ela cativa,
No outro dia também
Repetiu a tentativa.

Sem ter nada o que fazer
A velha vai perturbar
Mãe larga desse trabaio,
Me leva pra passear!
Porém a mãe não deixou
Da mandioca ralar.

No outro dia esperou
De olho esquerdo dormindo
Que a mãe principiasse
O trabalho, e sorrindo
Berrou: Pára de tecer:
Quase a véia ia caindo.

Mas era tudo mutreta
Que tava metido o piá
A mãe pediu Minha nora
Leve o calumi pra lá!
O herói foi se chegando
Pro lado da Sofará.

Morena moça e bela,
Pintada de urucum,
Olorosa como a murta,
Cabelos da cor do anum,
Lábios roxos da jussara
Com sabor de araticum.

Ao lado de Sofará
O herói ficou comportado,
Levando o piá nas costas
Foram os dois pro banhado
O longe estava bonito,
O rio lindo – parado.

Os biguás e biguatingas
Avoando pela praia
Arrumavam o colorido
Por riba da atalaia,
Os guarás se despertavam
E espantavam a jandaia.

O menino reclamou
Que tinha muita formiga
E pediu pra Sofará,
Numa conversa-cantiga:
Me leva dentro do mato
na derrama me abriga.

Logo deitou o culumi
Nas tiriricas tajás
For sobre a serrapilheira,
O moleque num zástrás
Virou num príncipe lindo
Rei das tribos dos goiás.

Andaram muito por lá
Apreciando as belezas,
Volta e meia o príncipe
Brincava com a princesa
E no brincar demonstrou
Sabedoria e destreza.

Ao voltarem pra maloca
A cunhã tava cansada,
Diz-que de tanto levar
O curumi na lombada,
Jiguê chegava da pesca
Vindo de cara enfezada.

Pelo sim e pelo não
O Jiguê se enquilizou,
Pegou a sua mulher
E os carrapatos catou
Depois bateu nela muito,
Sem um isto ela agüentou.

Depois da sova Jiguê
Foi lá foi trançar uma corda
De fibra de curauá
Pra ver se pega anta gorda
Pois pelo rastro que viu
A bicha tava de engorda.

Macunaíma pediu-lhe
Pedaço de curauá,
Porém Jiguê se negou
A dar corda pro piá
Dizendo isso n'é coisa
Pra molequinho brincar.

Macunaíma insistiu
Ficou de mal com Jiguê,
O mano então concedeu.
Falou a Sofará: você
Arruma fio pro menino
Parar com tal tererê.

O herói agradeceu
pediu ao Pai-de-Terreiro
Trançar uma corda forte
E soprasse um fumaceiro
Feito de petum-de-roló,
Suerdieck bem maneiro.

Quando tudo tava pronto
Macunaíma pediu:
Mãe deixe o cachiri,
Me leve lá para o rio!
Sabe que a velha não pode
Mas Sofará consentiu.

Nas converses das mulheres
Chegando o pino do dia,
As peraltagens do herói
Pra muito assunto servia,
Espinho que pinicar
Desde cedo se anuncia.

De volta pros carurus
Nas macias sororocas,
O pequeno foi crescendo,
A cunhatã via as cocas,
Admirou mil araras,
Os nambus e as anhupocas.

De novo virou no prínspe
Lindo belo encantado,
Sofará se ouriçou
Mas esperou um bocado,
No bebedouro da anta
Ele armou um bom laçado.

Depois passaram o dia
Na beira do rio a brincar,
Tardinha nem bem voltaram
O mano estava a chegar,
Sofará, que não fez nada,
Acabou por apanhar...

Jiguê tinha em Sofará
Sua boa companheira
Bonita bela lindona
Morena de mel faceira
Junto mais Macunaíma
Viviam na brincadeira.

Brincam rolando na praia,
Nos galhos da copaíba,
Brincam no chão e no céu
Um por baixo outro por riba,
O riso dos dois gozando
Troava na Paraíba.

Mas Jiguê, coitado, ouviu
O vento cantar vitória,
Surrou Sofará e também
O herói da nossa história,
Que pra sarar da tal sova
Tomou malva com chicória.

No outro dia a arraiada
Estava ainda trepando
Por cima da galhadura,
Macunaíma, acordando
Preparou um tal rebu
Pra todos ir avisando.

Vão todos no bebedouro
Buscar a anta caçada!
Mas ninguém acreditou,
Levaram na caçoada,
Foram pra faina diária
Sem ligar pra lorotada.

O herói ficou invocado
E pediu pra Sofará:
Chegue lá no bebedouro,
Depois retorne pra cá.
A moca foi e voltou
Contando o que viu por lá.

Então toda a tribo foi
Buscar a anta em festa,
Matutando a inteligência
Que o curumi tem na testa,
Jiguê - que não pegou nada,
Um desgosto manifesta.

Na hora de repartir
A pacuera de anta,
Não deu carne ao herói,
Só deu bofe o sacripanta:
O piá jurou vingança,
Com Sofará se adianta.

Virado príncipe e belo,
Após brincarem três feitas,
Correram pro mato a fora
Pelas picadas estreitas,
Fizeram festinhas muitas
E amor de formas perfeitas.

Brincaram de fazer cócegas
E se enterraram na areia,
Arderam em fogo-de-palha,
Como Ulisses e a Sereia
E tantos socos trocaram
que a coisa ficou feia.

O herói sofria de gosto
Então a moça mordeu
Com força o dedão do pé,
O sangue jorrou ateu
Os dois se torceram de riso,
Macunaíma a gemeu.

Brincaram dependurados
De novo na copaíba
Macunaíma pintou
Ora abaixo, ora arriba,
O corpo use da moca
Com sumo de tapiriba.

Nessa linda brincadeira
O herói deu um puxão,
O galho arrebentou,
Os dois caíram no chão,
Voltando da sapituca
Não se viu mais ela não.

Se levantou pra buscá-la
Porém do galho mais baixo
Por cima dele furou
O silêncio do rebaixo,
O urro da suçuarana
Deixou o herói cabisbaixo.

Estatelado de medo,
Pra ser comido sem ver,
Fechou os olhos todinhos
E então pode perceber
Um risinho bem matreiro,
No peito um guspe bater.

Pois não era a cunhatã?
Macunaíma atirava,
Pedras que nela feriam,
Excitada ela gritava,
Depois a pedra major
Três dentes arrebentava.

Então - juque! - ela pulou
Na barriga do herói,
Como uma cobra enrolou
Na posição de caubói,
De prazer depois uivou,
Que o prazer também dói.

Já a estrela Papaceia
Rebrilhava no seu céu
Quando a cunhatã voltou
Fatigada pra dedéu,
Não sabendo que Jiguê
De tudo tirou o véu.

E Jiguê bobo de raiva
Pegou o rabo-de-tatu,
Arrebitou com vontade
Desfazendo o sururu,
Deixando lanhos na pele,
Na bunda do herói nu.

O berreiro foi tão grande
Que encurtou o tamanho
E os pássaros caíram
Da noite vasta pro chão,
Se transformando em pedra,
Depois em pé de feijão.

Quando Jiguê não mais pôde
A bunda do herói surrar,
Macunaíma correu
Ao capão pra mastigar
Muita raiz de cardeiro
Pros cortes recuperar.

Jiguê levou Sofará
Pro pai dela e dormiu
Todo folgado na rode,
Na taba então se sentiu
Um grande imenso silencio,
Só Paui-Pódole ouviu...

O malsucedido foi
Pro herói de bom cuidado,
Macunaíma cresceu
Forte feio descarado,
Já não era um chicuta
Sempre fraco e malinado.

Eis o retrato infiel
Do peralta picareta,
Guspia na cara dos machos,
Pros velhos fazia careta,
Nas cunhatãs, só naquelas,
De Eros mostra a faceta.

II

Maioridade

Tu não é mais curumi, rapaiz, tu não é mais curumi não.

Macunaíma prossegue mostrando
Que nasceu pra gozar a vida boa,
Iriqui, que Jiguê trouxe, amou-a,
Querendo agradar à mãe vai levando,
Aonde há fartura e clima brando,
Maltrata os manos, mas a mãe o castiga,
Largando-o em lugar de mato e urtiga,
Onde não poderá jamais crescer,
Depois verá a própria mãe falecer
Frechada como se fosse uma inimiga.

A leitura não termina – prossiga!

II

Jiguê, que era muito bobo,
No outro dia ressurgiu
Puxando outra cunhatã
Que por ali conseguiu,
Era uma feme levada,
Linda como não se viu.

Pro Lugar da Sofará
Tinha que ser a cunhã
Tão bonita como a noite,
E mais bela que a manhã,
Riso de mico-dourado,
A voz de guriatã.

Iriqui sempre trazia
Um ratão vivo escondido
Na maçaroca dos pelos,
No corpo um jeito atrevido,
Leve, moreno, faceiro,
Gozoso, chulo, bandido.

A moça pintava o rosto
Com rosa do tipiri,
O corpo com jenipapo,
Os beijos com açaí,
Não tinha cunhã mais bela
Do que a bela Iriqui!

Óleo fresco de pau-rosa
Nos cabelos deslustrados,
Iriqui ficou cheirosa,
E seus rastos aromados,
Um ramo de caranás
E os piás enfeitados.

Depois de todos comerem
A anta de Macunaíma,
A fome deu no mucambo
De forma triste malina,
Ninguém pegava mais caça,
Estava seca a ravina.

A comida se acabou
Promode uma enchente,
Apodreceu o milharal,
Quem foi que mandou a gente
Matar pra matar a fome
Boto que é bicho inocente?

Foi por causa que Maanape
Matou boto pra comer,
Sapo-Cunaru, chamado,
Maraguigana foi ver
E o pai do boto enfezado,
Fez a disgrama ocorrer.

Maanape, mano do herói,
Maanape catimbozeiro,
Mais irritou o Cunaru,
Pois não é que o asneiro
Sacrificou o Boto-Rosa
Que é Boto-Uiaeiro?

O rio vasto invadiu
A roça de milharal,
Todo milho apodreceu
Também o mandiocal,
A tribo comeram tudo
Da crueira ao batatal.

Macunaíma porém
Inda quis se divertir:
Falou pros manos que tinha
Piaba, jeju, acari,
Aruanã, jaú, pintado,
Cubiu, traíra, mandi.

Que fossem bater timbó!
Mas timbó não tinha mais,
O herói manhoso falou:
Junto da grotta, atrás,
Onde tem prata enterrada,
Timbó tem até demais.

Então vem com a gente
Pra mostrar onde que é,
E foram na traiçoeira
Margem do igarapé,
Onde é terra, onde é rio,
De ruim nem dava pé.

Maanape e Jiguê estavam
Lambuzados, descontentes,
Bem degradingolados - juque!
Nos barreiros das enchentes
Pulapulavam os buracos
Dando gritos estridentes.

É que tinha candiru
Peixe muito safadinho,
Se não proteger atrás
Ele entra de mansinho
Aproveitando o espaço
De qualquer buracozinho.

Macunaíma se ria
Vendo micagens dos manos
Campeando o tal timbó,
Fingiam muitos afanos,
E ele ali no sequinho
Pra não molhar os tutanos.

Os manos passavam perto
Abaixado ele gemia,
Fingindo muita fadiga
Nem do seco ele saía,
Depois sentou na barranca
Pra assustar a moscaria.

Os mosquitos assanharam,
Piuns, maruins, arurus,
Tatuquiras, muriçocas,
Meruanhas e be-ús,
Carapanãs, borrachudos,
Picavam os índios nus.

No fim da tarde vieram
Macunaíma buscar,
Chegaram mui tiriricas
Do timbó não encontrar,
O herói de medo achou
Por bem um conto inventar.

Sei que timbó já foi gente
Um dia assim como nós,
Assim que viu campear
Ouvir bulha, ouviu voz,
Rapidinho sorveteu
No seu passinho veloz!

Os manos se admiraram
De tamanha sapiência,
Voltaram então pra maloca
Já perdendo a paciência
Vendo o herói enxerido
Demonstrando competência.

No dia seguinte disse:
Mãe quem leva nossa casa
Pra outra banda do rio?
Fecha os olhos, não atrasa,
Quero ver se a sua fé
De uma vez extravasa!

Então o herói carregou
Tejupar, marombas, flechas,
Piquis, sapiguís, corotes
E no matagal embrecha
Até chegar num bom teso
For detrás de algumas brechas.

Quando a véia abriu os olhos
Tava lá e tinha mil peixes,
Tinha caça e bananeiras,
Mandioca assim aos feixes,
A mãe foi pegar pacova
Não é coisa que se deixe!

Inda que mal lhe pregunte,
Mãe, pra que tanta pacova?
Eu vou levar pro Jiguê,
Pra Iriqui levo uma prova,
Pra Maanape que tem fome...
O herói disse: Uma ova!

Ficou mui contrariado,
Maginou, Maginou e disse:
Mãe quem lava a maloca
Pra longe desta imundície?
Fecha os olhos e pergunta,
Ele falou com arteirice.

A velha fechou dois olhos
Do jeito que ele pediu,
O herói levou os carregos
Pro outro lado do rio,
Vizinhandos os tejupares
Do seu largado gentio.

Então na velha se deu
Uma raiva bem marvada,
Resolveu dar um castigo
Naquela paste incarnada,
Largou o piá num capão
Onde num tinha mais nada.

Mãe-véia tava danada
Com aquelas peraltagens,
Pôs na cintura o herói,
Levou pra outras pastagens
Botou o curumi no campo,
Onde só tinha miragens.

Perdido e só no coberto,
Sem poder crescer mais não,
O herói assuntou o deserto,
Quis chorar, mas chorou não,
Vagamundou de déu em déu
Animando a solidão...

E carregando o piá,
De macaco na cintura,
Partiu nesse mundo afora,
Varou pela mata escura,
Chegou ao capoeirão
No meio duma planura.

Foi no cafundó-do-judas,
Depois de andar légua e meia
Não se enxergava mais mato
No coberto que planeia,
Apenas ornamentado
Por cajueiros n' areia.

Nem mesmo guaxe animava
A solidão do pedaço,
Ali que a velha botou
O curumim no espaço,
Onde nem crescer podia
Nem se tornar um devasso.

Pro piá ela falou:
Agora a mãe vai simbora,
Tu ficas perdido e nu
Não cresce não mais agora.
E num rompante sumiu
Na direção da aurora.

Macunaíma assuntou
Todo deserto e sentiu
Que ia muito chorar,
Mas ali ninguém não viu
O choro então abortou,
Nem u' a lagrima saiu.

Deu coragem, botou pé
Na poeira da estrada,
Tremelicando as perninhas
Que tinham f arma arqueada,
Vagamundou déu em déu
Uma semana contada.

Até que um dia topou
Com o velho Currupira
Moqueando carne seca
Num trance de sicupira,
Ao lado do Papamel,
Sou cachorro caipira.

O Currupira ele vive
No grelo do tucunzeiro,
Pede fumo pra quem passa,
É duende mui arteiro,
Os pés virados pra trás
Mostram que é feiticeiro.

Macunaíma chegou
Falando pra aparição,
Pedi caça pra comer
Currupira negou não,
Cortou um naco da perna
E fez a moqueação.

Pegou a deu pro menino
E depois lhe perguntou:
O que você tá fazendo
Aqui onde o vento virou?
Passeando, passeando!
Não me diga! retrucou.

Então contou o castigo
Da mãe por ele ter sido
Malévolo pros seus manos,
Apos narrar o ocorrido
Deu uma grande gargalhada
De malandro e de bandido.

Relatou pro Currupira
O castigo que a mãe deu
Por causa dele ter sido
Malvado pro mano seu
Currupira olhou pra ele
E de medo o herói tremeu.

O Currupira notou
Esse né calumi não,
Calumi num faiz mais isso,
Só quem faiz judiação
É gente grande goiano
Que tem parte com o Cão.

O duende se virou
Pitando aquele moleque
Já tão grande na maldade
Cheio de ginga e breque
Pensou: Esse aí não dura
Sem que alguém o sapeque.

E sério deu uma bronca:
Escute aqui curumi,
Já vi muito mal no mundo,
Mas porém nunca que vi
Tanta ruindade encorpada
Na alma dum calumi.

O herói lhe disse: Obrigado!
E pediu pro Currupira
Que lhe ensinasse o caminho
Pais agora a sua mira
E retornar ao mocambo
Pra ver se dali se pira.

Tu vais puraqui e vira
Quebra e volta lá embaixo,
Naquele pé de embira
Você dá volta por baixo,
Lá em riba vai e volta
Na pinguela por debaixo.

Mas o Currupira estava
É querendo lhe comer,
Assim ensinou errado
Para o herói se perder
Macunaíma porém
Salvou-se por seu saber.

O Currupira voltou
A repetir o caminho:
Separar de ti me dói,
Não deixo você sozinho,
Menino-home você vai
E chega lá direitinho.

Passe na frente do pau
Depois quebra na esquerda,
Vira e volta vai por baixo
Daquela árvore lerda,
Ensinando assim certinho
Quero evitar que se perda.

Macunaíma se foi,
Chegou à frente do pau
Na hora do vira-e-volta,
Coçou a perninha e tal,
Cheio de muita preguiça
Seguiu direto pro vau.

O Currupira esperou
E o curumi não chegava,
Então o monstro amontou
Num veado que pastava
E tão boa montaria
Não só corria - voava!

Afincou o pé redondo
Na virilha do veado,
O bicho danou a correr
Atravessando o banhado,
Varou o capoeirão
E trespassou o roçado.

De vez em quando gritava
Chamando a carne que deu:
Ó carne de minha perna!
A carne então respondeu
Da barriga do herói
Atendendo ao patrão seu.

Macunaíma apertou
O passo e entrou correndo
Na caatinga ressequida,
Porém atrás ia vendo
A Currupira acochando,
A carne lhe respondendo.

E Macunaíma ouvindo
De pronto apertou o passo
Correndo entrou na restinga
Rápido que nem um balaço,
Mais corria o Currupira,
Mais arrochava o espaço!

Currupira gritava,
A carne lhe respondia,
O guri desesperado
Trespassava a luz do dia,
O bafo quente do monstro
No cangote ele sentia.

Era dia de casamento
Da raposa Vei – a Sol
Relampeava nas gotas
Debulhando o arrebol,
Luz doirada feita milho
Ou flores de girassol.

De repente o ar cheirou
Fumo de rês moqueando,
Currupira e seu veado
Tavam por ali chegando,
O herói demais que corria
Pelo espaço ia voando.

Ó carne de minha perna
O Currupira enlouquecia.
Que foi, que foi meu patrão!
A carne lhe respondia,
A barriga do herói
De pavor estremecia.

Macunaíma chegou
Perto duma poça d'água,
Bebeu uns goles de lama
Sentiu no bucho uma frágua,
Vomitou a carne inteira
Sem sentir nenhuma mágoa.

Ei carne de minha perna!
O Currupira já vinha
Gritando pela estrada
Que qui foi? Uma vozinha
Respondeu num gorgolejo
De dentro lá da pocinha.

Macunaíma ganhou
Os bredos por outro lado,
Escapou do Currupira
Ficou um instante parado,
Por detrás dum formigueiro
Vinha um cantar entoado.

Acuti pitá canhém...
Se cantava lentamente,
Seguiu pra lá e topou
Uma cotia contente
Farinhando mandioca
Num tipiti resistente.

Chegando perto falou:
Vó, minha vó, dá aipim
Pro menino de-comer?
Vovó tem pena de mim?
A cotia deu naipi,
Depois secundou assim:

Que qui, você tá fazendo
Na caatinga só meu neto?
Passeando! – Ah! O quê!
Por aqui? Nem por decreto!
Então o herói lhe contou
O ocorrido por completo.

Apois passou à narrativa
Como enganou Currupira,
Contando se ria muito,
Que a cotia se admira:
Esse moleque vai longe,
Se tudo não for mentira.

Enfeitando a ocorrência,
A cotia farinhando
Dava aipim pro menino,
Escutando, escutando,
O Currupira perdido
E o moleque gargalhando!

A cotia muito rápida
Passou a mão na gamela
Bem recheada de caldo,
Pegando nas alças dela
Virou toda no piá
Dando-lhe uma lavadela.

Macunaíma fastou
Sarapantado, mas só
Livrou mesmo o cocuruto,
Pois o corpo do bocó
Todo, todo se molhou
Do pescoço ao mocotó.

O herói deu um espirro
Molhado com a lavagem,
Botou corpo, foi crescendo,
Parecia uma miragem,
Desempenou, ficou forte,
Por riba criou coragem.

Porém a cabeça chata
Ficou pra sempre rombuda,
Com carinha enjoativa
De piá – viva, miúda,
O herói agradeceu
Por virar gente graúda.

A cotia o besuntou
Com lavagem de aipim
Todo o corpo do herói,
Que passou de curumim
A marmanjo bem taludo,
Cevado com midubim.

Depois de vênias medidas
Frechou se rindo cantando,
Foi pro mucambo nativo,
À noite já besourando,
Bem pra debaixo da terra
Tanajuras empurrando.

A velha mãe tapanhumas
Escutou a voz do filho,
Logo tremeu, espantou-se,
Como se fosse um rastilho,
Vindo do longe cinzado:
Vem mais bala no gatilho!

A via guspiu de lado
Vendo o filho já taludo,
O corpo alto espirrado,
Coco de prego rombudo:
Agora esse moleque
É capaz de fazer tudo!

Macunaíma chegou
Fazendo cara amarrada
E foi dizendo pra velha
Querendo vê-la assustada:
Sonhei que caiu um dente,
Isso é coisa urubuzada.

A velha então comentou:
Isso é morte de parente.
Bem eu sei, ele falou,
A senhora está doente,
Só vive mais uma Sol,
Contado daqui pra frente!

No outro dia seguiram
Pescar, caçar de-comer,
Macunaíma ficou
Com a mulher de Jiguê,
Formiga quenquém virou
Pra Iriqui ir morder.

A moça viu e bajugou
Pra bem distante a quenquém,
Não queria fazer festa
Nem de brincar com ninguém,
Macunaíma voltou,
Mas não tratou com desdém.

O herói então transmudou
Num baita pé de urucum,
Iriqui, linda, se riu,
Colheu os grãos um a um,
Faceirou o rosto e o resto,
Bonita como nenhum.

A índia assim tava linda,
Macunaíma gostou,
Virou gente outra feita,
A cunhatã desposou,
As horas passaram rápido
E o herói nem reparou.

E quando os manos voltaram
Jiguê percebeu a troca,
Porém Maanape alertou:
Mano, vamincê se toca,
Macunaíma tá home,
Vê se você não provoca!

Maanape, bruxo sabido,
Mostrou ao mano Jiguê
Que a maloca tava cheia,
Tinha milho como quê,
Pacova, aipim, aluá,
Camorim e poraquê.

Tinha Manga, Cachiri,
Maracujá, Ata, Abio,
Mais paçoca de veado,
Pá salpresa de bugio,
Venda a fartura Jiguê
Da cunhatã desistiu.

No outro dia o herói,
Depois de brincar cedinho
De novo com Iriqui,
Foi passear um cadinho
Pelo Reino Encantado,
Que é ali bem pertinho.

Chegando a Pernambuco
Passou por Pedra Bonita,
Encontrou José Conde
Que estava em Santa Rita,
O Suassuna e o Cascudo
Receberam de visita.

Passando por Timbaúba
Esbarrou com Zé Soares,
Em Salvador avistou
Rodolfo mudando os ares,
Deu notícia de Leandro,
Do Athayde e seus pares.

Quando estava se chegando
Pras bandas de Santarém
Topou uma veada parida,
Pensou Não vem que não tem.
Essa eu caço, tá no papo!
Saiu, perseguiu - e nem!

A veada muito fácil
Do herói, escapuliu,
Ele pegou o filhote,
Logo o bichinho baliu,
Atrás do mato escondida
A veada se traiu.

De amor sofreu a veada,
Os olhos esbugalhou,
Veio vindo, veio vindo
E zonzinha turtuveou,
Choramingando de pena,
Na frente dele parou.

A flecha fria varou
A bicha recém parida,
Que caiu esperneando,
Sangrando pela ferida
Ela estirada no chão
Despediu-se desta vida.

O herói recantou vitória,
Bem perto foi pra olhar,
No que viu soltou um grito,
O choque foi seu penar,
O Anhangá pregou uma peça
Qu'ele não pode evitar.

Não era a veada, não,
Era a mãe do tapanhumas
Estirada ali no chão,
Chorando com as inhumas,
Foi ferida na ilusão
Provocada pelas brumas.

A mãe de Macunaíma
Tava morta logo ali,
O herói chorou e chorou,
Cantou triste o tiriri,
A mata se fez calada
E um gigante quiriri.

Quando enfim recuperou
A mente da sapituca,
Foi chamar os dois irmãos,
Os três fundiram a cuca,
Choraram a noite todinha,
Que nem piracururuca.

Na noite de guarda os três
Peixe e carimã comeram,
Oloniti mais tiquira,
Com exagero beberam,
E numa tipitiana
A véia morta envolveram.

Madrugadinha levaram
A velha a fim de enterrá-la
Numa pedra no lugar
Onde tinha uma vala,
Chão do Pai da Tocandeira,
Costumavam nomeá-la.

Mano Maanape que era
Catimbozeiro de marca,
Foi que gravou o epitáfio,
Um desígnio que demarca
O destino pouco heróico
Sucedido à matriarca.

Jejuaram o tempo que
Determinava o preceito,
Durante todo o jejum,
Se mostrando insatisfeito,
O herói se lamentava
Esse malsinado feito.

Os filhos olham a mãe
Se transformar em colina
Adepois de enterradinha,
Tal a lei do índio ensina,
Os três e mais Iriqui
Choraram a triste sina.

Depois o bucho da morta
Foi inchando foi inchando,
No fim das chuvas nasceu
Um cerro macio e brando,
Hoje tá assim de cajás,
Manga, pitomba e guando.

E ali Macunaíma
Pra Iriqui deu a mão,
Foi então que Iriqui
Pra Maanape deu a mão,
Maanape não perdeu tempo
Pro Jiguê mostrou a mão.

Desse jeito, lado a lado,
Nesse amigado profundo,
Botaram o pé na estrada
Pra caminhar vagabundo
E assim juntos os quatro
Partiram por esse mundo.

III

Ci, mãe do mato

*Vieram então muitas jandaias, muitas araras vermelhas,
tuins, coricas, periquitos, muitos papagaios saudar
Macunaíma, o novo Imperador do Mato-Virgem.*

Todos temos um grande amor na vida,
O herói teve também sua Cunhã.
Ci, Mãe do Mato, da Noite e da Manhã,
Foi a grande amada, primeira e querida.
Mas a morte levou, triste, dorida,
Aquele pra quem o amor era tudo,
Levou o príncipe, encarnado e parrudo,
Bendito por belas icamiabas
Que, representando todas as tabas,
Trataram-lhe com berço de veludo.

É o que se segue, trocado em miúdo.

III

Uma feita os quatro iam
Seguindo por um caminho,
Penavam muito penavam,
A Sol torrando tudinho,
O lombo dos andarengos
Estava como toicinho.

De sede e muito sozinhos
No mato estavam sofrendo
Água? Nem um tiquinho,
Por ali não tavam vendo
Lagos, igapós, lagoas,
Pelas barrancas correndo.

Veio a sede de mansinho
Botando sal na garganta,
O suor corria liso,
A poeira era tanta
Que a caatinga na frente
Logo cresce e se agiganta.

No lugar nem tinha umbu,
Era seco e espinho só,
Vei - esfiapando a folhagem,
Guascava os lombos sem dó,
Os andarengos suavam
E se melavam de pó...

De repente ele parou
Com gesto imenso de alerta,
Um silêncio de mil anos
Mostrou mistério na certa,
Os outros também pararam
Naquela aridez deserta.

Macunaíma estancou
Todo silêncio do dia,
Ali tem coisa, pensou,
Mas nada ninguém ouvia,
Jiguê, Maanape, Iriqui,
Perguntavam o que havia.

Deixaram ali Iriqui
Pra Cunhã se descansar,
Na raiz da sumaúma
Pôde em conforto sentar,
Eles foram cautelosos
O mistério desvendar.

E Vei - a Sol - se fartava
Chicoteando o lombeiro,
Mais légua e meio adiante
Macunaíma – escoteiro –
Topou com uma cunhã
Dormindo sono brejeiro.

Era Ci - a Mãe do Mato,
Que mostrava o seio destro
Murcho, rude, sequioso,
Mui diferente do sestro,
Este de cor sapoti,
Sensível, sensual, estro.

A moça fazia parte
Dessa tribo de mulheres,
Sozinhas, penando lá,
Pelos domínios de Ceres
E nas praias da Lagoa
Do Espelho dos Prazeres.

A cunhã era mui linda,
O corpo liso chupado
Por todo vício da terra,
Colorido, ornamentado,
Com jenipapo e urucum,
E o requebro do pecado.

O herói logo se atirou
Para com ela brincar
Ci não queria, negou
E partiu para brigar
Pegou na lança de flecha
Preparou-se pra lutar.

Macunaíma puxava
A afilada pajeú
No pega pega tremendo,
Agitado sururu,
De tanto o herói apanhar
Já estava jururu.

Por debaixo da copada
Os berros que reboavam
Diminuía de medo
Passarinhos que passavam,
A icamiaba batia
Os lanhos rubros sangravam.

Macunaíma apanhava
Bolacha da icamiaba,
Um lapo fundo de *txara*
Quase a resistência acaba,
A luta estrondava o mundo
Ferrenha, feroz, mui braba!

A icamiaba não tinha
Sequer um arranhãozinho,
Cada gesto que fazia
Sangrava mais um pouquinho
O corpo do nosso herói
Tava assim de buraquinho.

Se vendo nas amarelas
Pois não podia vencer,
Macunaíma fugiu
Pedindo pra socorrer,
Os manos então vieram
Na refrega se meter.

Macunaíma berrou
Me acudam sinão eu mato!
Do nariz corria sangue,
Sua derrota era um fato,
Leso o herói soçobrou
Ao poder da Mãe do Mato.

Os manos Ci agarraram
E laçaram com pindova,
Jiguê com a murucu
No coco deu uma sova,
A icamiaba caiu
Molenga que nem pacova.

Quando ficou bem imóvel
Macunaíma chegou,
Ainda desconfiado
Um carinho começou,
Naquele mesmo momento
Forte amor se anunciou.

Tranqüilo pôde o herói
Brincar com a cunhatã,
Desceu o manto da noite
Vei chegou pela manhã,
Ora o herói tá por riba,
Ora por riba a Cunhã.

Vieram então as jandaias,
Muitas araras vermelhas,
Periquitos, maritacas,
Circular sobre as gadelhas
Coroadas do casal,
Como se fosses mil telhas.

Foi festa alegre na mata
Para saudar com fervor
O recentemente eleito
E assumido Imperador,
Pra consagrar de uma vez
Aquele infinito amor.

Os três manos prosseguiram
Com a mais nova companheira,
Atravessaram a Cidade
Das Flores numa liteira,
O Rio das Amarguras
Passaram na corredeira.

Aí tomaram a Estrada
De Centenas de Prazeres,
E no Capão de Meu Bem
Prosseguiram os afazeres
Foi lá que Macunaíma
Reinou sobre todos seres.

Macunaíma imperou
Nos matos misteriosos
Enquanto Ci comandava
Assaltos audaciosos
Liderando as mulheres
Sobre todos poderosos.

Ci de noite se achegava,
A resina recendendo,
Trepava na rede dela
Que ela mesmo foi tecendo
Com os seus longos cabelos,
Cor da noite anoitecendo.

Mas Ci aromava tanto
Que o Rei Macunaíma
Marmoreava gozando:
Ai que preguiça menina!
Ci só queria brincar,
Porém o herói se arruína.

O herói vivia pacato
Os dias marupiara,
Matando muitas taiocas,
Com a ponta de uma vara,
Bebendo pajuari,
Nada na vida o enfara...

De vez em quando agarrava
Sua *viola de cotcho*,
Acompanhava uma moda
Que deixava tudo mocho,
Gotejava os sons vadios
Deixando o corpo bem frouxo.

Aqueles sons gotejantes
Reboavam com doçura
Adormecendo os mosquitos,
Cobras, lagartos, micuras,
Formigas, os deuses maus
E as demais criaturas.

Mas de noite Ci chegava
Se rescendendo a resina,
Sangrando das muitas lutas,
Muito manhosa e felina,
Iam para rede que ela
Tecera desde menina.

Nessa rede os dois amantes
De fazer amor brincavam,
Depois se rindo pro outro
Muito tempo ali ficavam,
E Ci aromava tanto
Que quase eles desmaiavam.

Puxa! Como você cheira!
Já murmurava gozado,
E escancarava as narinas
Que ficava tonteado,
E o sono principiava
Deixando o herói apagado.

Mas porém a Mãe do Mato
Não estava satisfeita
E com um jeito de rede,
Numa manobra perfeita,
Enlaçava os dois amados
E começava outra feita.

E mais morto do que vivo,
Zonzo de tanta soneira,
Macunaíma brincava
Com a sua companheira
Pra não desmentir a fama
Que ganhou com a femeeira.

Ai! que preguiça! dizia
E dava as costas pra ela,
Mas Ci queria brincar
E futucava a costela,
O herói ferrado no sono
Recusava a coisa dela...

Aporrinhada com isso
A Mãe do Mato pegava
Na txara de três frechas
E de novo catucava,
Estorcegando de cócegas
Macunaíma acordava.

Deixa a gente dormir, bem.
Não deixo! Vamos brincar!
Ai! Que preguiça... Não faz...
Você só quer morrinhar.
Faz isso não, oferecida...
Isso é hora de broxar?

Porém, nos dias de muito
Vinho pajuari bebido
Ci achava o Imperador
Do Mato Virgem dormido,
Largado num porre mãe,
Em qualquer canto estendido.

Quando os dois iam brincar,
Ele esquecia no meio,
Então, herói!- Ci reclamava,
Parando assim de permeio?
Ai, que preguiça! – O herói
Não mais diz para o que veio.

Muito mal prejudicado,
Logo, logo, adormecia,
Ci queria era brincar
Mas o herói não resistia,
Só usando de malícia
Reanimá-lo podia.

O estratagema sublime
Era o fogo da urtiga,
Pegando aquela folhagem
Uma coça bem amiga
Aplicava no cu dele
E também na sua intriga.

Macunaíma ficava,
Ficava um leão querendo,
Ci também – eles brincavam
No deboche se mexendo,
E no ardor prodigioso
Passam a noite metendo.

Pra aumentar o fogaréu
Macunaíma sapeca
Mais mato no seu chuí,
E também na perereca
Então brincando brincavam
Ate cansar a fubeca.

Era nas noites de insônia
Que o gozo inventava mais,
Estrelas incendiadas
Derramavam aquela paz,
Um óleo tão calorento,
Uma mornidão feraz.

Corria então pelo mato
Um calorão infernal,
Até a passarinhada,
Toda em vistoso ninhal,
Cantacantava sem fim
Enfeitando o matagal.

Era uma bulha tremenda,
Um cheiro mui poderoso,
Macunaíma aí lhe dava
Um safanão vigoroso,
Atirando Ci bem longe
Num desejo furioso...

Nisso seis meses passaram
E a Mãe do Mato pariu
Um bebê bem encarnado,
Magrinho que só um til,
Barrigudo, teto-chato,
Filho do chão do Brasil.

As mulatas da Bahia,
De Maceió e Natal,
Deram pra Mãe do Mato
Uma fita da cor do mal,
Ora é mestra do cordão
Do Pastoril de Natal.

Depois as mulatas foram
Com prazer e alegria,
Bailando demais bailando
E com elas também ia
Rapaziada dorê,
Que vive de fantasia.

O herói ficou no descanso
Dizque não quis jejuar,
Mas vendo a cabeça chata
Do filho, pôs-se a falar:
Minino vai pra São Paulo,
Muito dinheiro ganhar.

E a cada tapa que dá
Mais sua cabeça achata,
O Coco do Nordeste
Parece com uma prata:
Tem forma de aeroporto
Ou de uma tampa de lata.

Todas as icamiabas
Queriam bem o menino,
No primeiro banho dele
Puseram dentro do tino
Todas as jóias da tribo
Do mais puro diamantino.

Pro piá todas trouxeram
Muitas prendas preciosas,
Mil sapatinhos de 1ã,
As rendas da Dona Rosa,
Licores de jenipapo
E das frutas mais famosas.

Coavam o tamarindo
Das irmãs Louro Vieira,
Pra tomar muito refresco
E curar a lombrigueira,
Vivia o prinspezinho
Uma vida bem maneira.

Jucurutu, uma feita,
Na maloca ela pousou,
Uns regougos agourentos
Por toda a taba ecoou,
Macunaíma tremeu,
De medo se embebedou.

De porre à noite dormiu
Quando veio a Cobra Preta
Chupar o peito de Ci
Deixando vazia a teta,
Nem o apoio ela deixou
Que molhasse uma chupeta.

Mas Jiguê não conseguiu
Nenhuma índia moçar,
O curumi então, sem ama,
Com a fome a lhe apertar,
O seio seco da mãe
Noutro dia foi chupar.

Chupou muito mais e deu
Um suspiro envenenado,
A cabecinha pendeu,
O piá caiu de lado
E desse jeito morreu
O principelho encarnado.

Numa igaçaba esculpida
Com forma de jaboti,
O santo corpo do anjo
Depositaram ali,
Muitos cantos entoaram
Com dança e pajuari.

Foi bem no centro da taba
Que enterraram o bichinho,
Penas de arara e guará,
Lhe serviam de bercinho
Pro boitatá não comer
Os olhos daquele anjinho.

E terminada a função
Ci, toda enfeitada ainda,
Tirou do maior colar
Uma muiiraquitã linda
Presenteou o companheiro
Daquela paixão infinda.

Subiu pro céu num cipó,
E lá que Ci vive agora
Toda enfeitada de luz,
Com a beleza d'outrora.
Virada numa estrela
Refulgente como aurora.

É a Beta do Centauro,
Sublime constelação
Que enfeita nosso céu,
Sua vasta imensidão
Ilumina nossos rios,
Nossa mata, nosso chão.

No outro dia o herói
Foi visitar o local
Onde a terra recebeu
O corpo material
Do seu filhinho querido
Ao lado do milharal.

Do corpo ali enterrado
Ura plantinha nasceu,
Tratada com muito amor
Logo, logo, floresceu
E pouco depois o arbusto
De mil frutinhas se encheu.

Com as frutinhas da planta
Se cura muita doença,
No calorão de Vei - a Sol,
Segundo a nossa crença,
O frescor desta planta
Dá vigor, forma e sabença.

Inda hoje em todo o mundo
Outra fruta assim não há,
Desperta o prazer do amor,
Muita alegria nos dá,
Quem bebe vive cem anos
– Desse jeito é o guaraná!

IV

Boiúna - Luna

*Macunaíma ergueu o busto relumeando de heroísmo e
avançou pro monstro.*

O herói parte e leva a muiiraquitã,
Passaredo selvagem o acompanha.
Mas a saudade de Ci é tamanha,
Que não embeíça nenhuma cunhã.
Começam a caminhar de manhã,
Soa um choroso lamento de moça:
Lá foram ver – chegaram numa poça,
Adonde cai belíssima cascata,
A água cintila em colar de prata,
Tinindo sons igual cristal de louça.

Esse é o conto: leia, cante, ouça!

IV

No outro dia bem cedo
O herói sofrendo saudade
Lamentou a falta de Ci,
Companheira de verdade,
A paixão inesquecível
Para toda eternidade.

Furou o beijo de baixo
E fez da muiraquitã
Um formoso tembetá,
Pra não esquecer amanhã
A flor mais bela da mata,
A mais bela cunhatã.

Chamou depressa os manos,
Logo depois se despediu
Das suas icamiabas,
A todas beijou e sorriu,
Outras deixou soluçando
E pra aventura partiu.

Por todos aqueles matos
Sobre os quais ele imperava
Só recebia homenagens,
Um séquito o acompanhava
Jandaías e araras rosa
O céu azul enfeitava...

Mas nas noites de amargura
No alto de um açaizeiro,
De frutas roxas como a alma,
Fitava no céu um luzeiro,
Era a fulgurante Ci,
Jeito marvado – faceiro.

Gemia que ele gemia,
Ficava muito sofrendo,
Invocava os deuses bons,
Num canto baixo gemendo,
Sofria que mais sofria,
Na noite a dor se perdendo.

***Rudá, Rudá!
Tu que secas as chuvas,
faz com que os ventos do oceano
desembestem por minha terra
pra que as nuvens vão embora
e a minha marvada brilhe
limpinha a firme no céu!...
Faz com que amanssem
todas as águas dos rios
pra que eu me banhando neles
possa brincar com a marvada
refletida no espelho das águas!...***

Então descia e chorava
No ombro do mano Maanape,
Jiguê também soluçando
Era a válvula de escape,
Mas o chororô do herói
Não tem coisa que destape.

Rudá, Rudá, ó Rudá,
Toda nuvem manda embora,
Que minha marvada brilhe
Lá no céu sozinha agora,
Brilhem as águas do rio,
Enfeitem minha sinhora!

Maanape engolia lágrimas
Invocando o Ducucu,
Em acalantos dolentes
Chamava o Acutipuru,
Todos os donos do sono
Como o Murucututu.

E catava os carrapatos
E fazia cafuné,
E balanceando o corpo
Fazia cóscas no pé,
Uma cantiga ninava
No ritmo do coité.

O herói com esse acalanto
Acalmava e adormecia,
No sono muito sonhava,
Volta e meia ele gemia,
Velando o sono a estrela
De Ci no céu reluzia.

Passada a dó da saudade,
Saíram pelas estradas,
No mato misterioso
Seguiram as passaradas,
Roxas, Araras, Jandaia,
Sombreavam as passadas.

No outro dia os três
Estradeiros começavam
A caminhada através
Dos matos que os cercavam,
Planaltos, planícies, vales
Bravamente superavam.

E Macunaíma era
Pelo cortejo seguido,
Muitas araras vermelhas
Do mato tinham surgido,
Jandaia e jaburus
Cada qual mais colorido!

Caminhando, caminhando,
Uma feita em que a arraiada
Principiava enxotando
A escuridão da noite,
Escutaram um lamento
De dor de moça encantada.

Curiosos, foram ver,
Mais de légua e meia andaram,
Qual não foi sua surpresa,
Uma cascata encontraram
Chorando demais chorando,
Mui tristes eles ficaram.

Macunaíma indagou:
Cascatinha o que é isso?
Conta pra mim, o que é?
Disse a cascata: Chouriço!
Porém o herói logo viu
Que aquilo era feitiço...

E a cascata relatou
Um pouco da sua vida
Não vê que chamo Naipi
Filha tuxaua nascida,
Eu era uma boniteza,
Das cunhãs a mais querida.

O nome na minha fala
É Engatinha-Engatinha,
Todo guerreiro tuxaua
E outros da tribo vizinha
Desejam provar meu corpo
E dormir na rede minha.

Porém se algum se vinha,
Dentadas e pontapés
Por mor de experimentar
E provocar seu revés,
Mas todos não agüentavam
E partiam de viés...

A minha tribo era escrava
Dela a boiúna Capei
Que morava num covão,
Segundo contam e sei,
Junto com muitas saúvas
E o que dizia era Lei.

Sempre no tempo em que
Os ipês de beira-rio
Se amarelavam de flores
Enfeitando a casario,
Vinha na taba da gente
A marvada Mãe-do-Rio.

Vinha escolher a cunhã
Mais virgem que a Natureza
Que ia dormir com ela,
Mas com temor e tristeza,
Na socava de esqueletos
Lá na sua fortaleza.

Quando meu corpo chorou
E me fez toda mulher,
Pedindo força de homem
Pra servir a quem quiser,
De manhãzinha cantou
A suinara bem-me-quer.

Veio Capei e me escolheu
Para minha desventura,
Os ipês de beira-rio
De florada bem madura
Enlutavam de dourado
Do meu amado a tristura.

Todas as flores caíram
Nos seus ombros soluçando,
Era o moço Titçatê
Há muito me vinha amando,
A tristura ali na taba,
O silêncio devorando.

O manto escuro da noite
O velho pajé tirou,
As florzinhas perto dele
O Titçatê ajuntou,
Veio com elas pra rede
E comigo se deitou.

Então mordi Titçatê
Fazendo o sangue espirrar,
Mas o moço não fez caso
Porque queria me amar,
Encheu-me a boca de flores
Que não pude reclamar.

Depois que brincamos doidos
Por entre o sangue escorrendo
Mais as florzinhas de ipê
Meu vencedor me querendo
No ombro me carregou,
Palavras de amor gemendo...

Me jogou numa ipeigara
No esconderijo abicada,
Flechou pro largo do rio
E sem pensar mais em nada
Fugiu da louca boiúna
Para não vê-la irritada.

No outro dia o pajé
Guardou a noite no buraco,
Capei foi me procurar
Não encontrou nem um naco,
Sangrando a rede vazia
Defumava com tabaco.

Capei então deu um urro
E chispou em busca nossa,
Vinha vindo, vinha vindo,
Se preparando pra coça,
A gente escutava a urro
Varando o mato e a roça.

Perto pertinho afinal
As águas do Rio Zangado
Com o corpo da boiúna
Empinaram em ondeado,
Titçatê desfalecido
De remar tinha parado.

Por isso que não pudemos
Da cobra Capei fugir,
Me prendeu, me revirou
E sem eu nada sentir
Em mim fez a sorte do ovo
Para a verdade surgir.

Deu certo e a boiúna viu
Que eu servira Titçatê,
Quis acabar com o mundo
E raivosa como o quê
Me transformou numa pedra
Que Macunaíma vê.

Na praia do rio atirou,
Transformado numa planta,
Meu querido Titçatê,
É aquele que alevanta
Bracejando água pra mim
Pra ver se me desencanta.

As flores roxas são pingos
Do sangue bom da mordida
Que meu frio de cascata
Regelou na despedida,
Sem o amor de Titçatê
Não tem razão minha vida.

Capei em baixo de mim mora
Sempre, sempre examinando
Se fui de fato brincada,
Se estivemos nos amando,
Fui, fui sim e nesta pedra
Mágoas passarei chorando.

A cascatinha encantada
Assim encerrou a história,
Macunaíma chorava
Sabendo Capei finória,
Pensou matar a boiúna
E depois cantar vitória.

Um urro guaçu ecoou
Saindo d'água Capei,
A boiúna monstruosa,
Que nem descrever eu sei,
Mostrando as garras vorazes
Chegou impondo sua lei.

A cabeça gigantesca
Raivosa se contorcia,
Olhos vermelhos de ódio
À luz do sol reluzia,
Os músculos poderosos,
A cauda n'água batia.

Macunaíma encheu
O peito relumiado,
Monstro assim tão tenebroso
Nunca ele tinha enfrentado,
Com os cambitos tremendo
Foi encarar o danado.

Capei escancarou a goela
E de repente soltou
A nuvem de apiacás
Que nosso herói ferroou,
Batendo que mais batendo
Todas ele derrotou...

O monstro então atirou
Com os mil guizos do rabo
Tilintando uma guascada
Dizendo Hoje eu acabo
Com a tua valentia
E da vida dou-lhe cabo.

Mas porém nesse momento
Uma formiga tracuá
Deu uma baita mordida
Por trás do seu calcanhar,
O herói aí se abaixou
Pro formigaço espantar.

A rabanada então
Por cima dele passou
E na cara de Capei
Uma lanhada lascou,
De dor e de sofrimento
A boiúna má urrou.

Ela urrou mais e deu
Na coxa do herói um bote,
Fazendo um afastadinho
Se preparou pro rebote,
Nesta briga quem venceu
Deu a surra de capote.

Macunaíma agarrou
Numa rocha anavilhada,
Juque! Juque! Deceitou
A cabeça da marvada,
O corpo dela estorceu,
Era uma vez a danada!

O corpo foi na corrente
Enquanto a cabeça dela,
(Aqueles olhões docinhos
Mirando pela janela),
Vinha beijar derrotada
Quem tinha ganho a querela.

Vem cá siriri, vem cá!
Que a cabeça gritava,
Ouvindo tanto lamento
O herói de medo chispava,
Correram mais légua e meia
A cabeça acompanhava.

Correram e fatigados
Num bacupari treparam,
Mas a cabeça parou,
Os manos silenciaram,
Me dá, um bacupari!
Ouviram, porém calaram.

Macunaíma então
A árvore sacudiu,
A cabeça catou as frutas
Comeu e mais lhe pediu,
Jiguê jogou dentro d'água,
A cabeça não caiu.

Então Maanape atirou
Com toda força uma fruta
Enquanto a cabeça ia
Os manos foram à luta,
Desceram o pau e raspavam,
Desabridamente à bruta!

Correndo, correndo deram
Na casa do bacharel
Famoso de Cananéia,
Tendo como teto o céu
Profundos escritos lia,
Da sabedoria o véu.

Como le vai, bacharel?
O herói assim perguntou.
Menos mal, meu viajor,
Tomando a fresca estou.
Bem, té-logo bacharel.
E de novo se mandou.

Sambaquis atravessaram
Do Morrete e Caputera,
Adiante se trancaram
Em teatina tapera,
Ai o herói se deu conta
Que o tembetá já era!

Macunaíma ficou
Um tanto desesperado,
Era a única lembrança
Que de Ci tinha guardado,
Quis sair pra campear
Mas foi logo segurado.

Ai minha querida Ci!
O que fazer? Que fazer?
O que fazia lembrar
De ti fui logo perder,
Sem meu tembetá amado
É muito melhor morrer!

Não durou muito a cabeça
No rancho – juque! - bateu
Que qui há? O que qui há?
A cabeça respondeu!
Abra a porta, quero entrar!!
Jacaré abriu? Nem eu!

É que o herói não sabia
Que a cabeça ficou escrava
E não vinha fazer mal.
Pois ali fora esperava
Que seu vencedor abrisse
Por isso se humilhava.

A cabeça esperou muito
Mas vendo que não abriam
Matutou! O que ia ser?
Se fosse água bebiam,
Fosse mosquito flitavam,
Se fosse trem quebrariam.

Foi então que resolveu!
Vou lá pro céu ser a Lua!
Pra iandu caranguejeira,
Que caminhava na rua,
Perguntou se ajudava
Mas a aranha recua!

Meu fio o sol forte derrete.
Então a cabeça pediu
Que os xexéus se juntassem
E a noite escura surgiu.
Ninguém não enxerga à noite
Um pedaço do meu fio.

A cabeça foi buscar
Um cuité de friagem
Lá nos Andes e falou:
Uma gota de nevagem
Em cada légua e meia
A gente faz a viagem.

A iandu principiou
Fazendo fio no chão,
Um ventinho então brisou
O fio na amplidão,
A geada derramada
Branqueava a escuridão.

A cabeça aí gritou!
Adeus meu povo querido,
Pro campo vasto do céu
Neste momento sentido,
Parto levando saudade,
Apesar de ter sofrido.

Lá foi comendo fio
Para o céu sobessubindo,
Os manos sarapantados
A porta foram abrindo,
Vai mesmo pro céu cabeça?
Um-um! fez, se despedindo.

Hora antes da madrugada
No céu a boiúna chegou,
De tanto fio ter comido
A Capei muito engordou,
Muito pálida do esforço
A cabeça esbranquiçou.

Sobre a Terra em gotinhas
Do suor dela caía,
Um orvalho fresco e novo:
Por isso Capei é tão fria,
Por causa do fio geado
Que a tatamanha tecia.

Dantes Capei foi boiúna,
Hoje é cabeça da Lua,
No vasto campo do céu
Ela, alva, se insinua,
Tem a beleza perfeita
De uma mulher seminua.

Noutro dia os manos deram
Um campo à beira do rio,
Campearam, campearam,
Muiraquitã ninguém viu,
Perguntaram a todos seres
Mas nada ninguém ouviu.

Aperemás e saguis
Mussuãs da terra, tejus,
Tapiucabas, maribondos
Pinicapaus e tatus
Lagartixas e ratões
Pecaís, pirarucus.

Todos esses entes vivos
Mas ninguém não vira nada
E os manos bateram pé
Mais uma vez na estrada
Varando as imperiais
Florestas pela picada.

O silêncio era feio
E o desespero também,
De vez em quando o herói
Parava pensando bem,
Batia nele o desejo,
Sofria como ninguém.

Chorava por muito tempo,
Lágrimas escorregando,
Pelas faces infantis,
Iam ao peito pingando,
Sacudindo a cabecinha
Ficava ali suspirando.

Sem ter ânimo pra nada
Seguia igual mateiro!
Qual mano! Jamais esqueço
Esse meu amor primeiro,
Amor que não tem irmão,
Amigo nem companheiro.

Toda a mata lhe rendia
Coloridas homenagens,
Jandaías a araras roxas
Seguiam pelas folhagens,
Passarinhada cantava
Sonorizando as paragens.

Uma feita o herói deitou
Na sombra de um oitizeiro
Ali esperando os manos
Que pescavam num ribeiro
Quando a uirapuru chegou
Com seu jeito bem faceiro.

Negrinho do pastoreio
Para quem ele rezava
Se apiedou do panema
Foi ver se o ajudava,
Para isso a uirapuru
Nesse momento pousava.

Mostrando chateação
Enxotou o passarinho,
Nem bem minuto passado
Estava ali o bichinho
Pousou na barriga dele,
Ficou cantando mansinho.

A uirapuru agarrou
Com mui doçura a cantar,
O herói entendeu tudo
Que o bicho estava a narrar,
E era que Macunaíma
Sofria por mais penar.

Perdera a muiraquitã
Na praia do rio quando
Subia o bacupari
Fugindo todos em bando
Da cabeça da Capei
Que os seguia urrando.

Agora a uirapuru
Cantava no seu lamento
Que o herói Macunaíma
Não teria sofrimento
Porque uma tracajá
Em tudo poria tento.

O trapininga engolira
A linda muiraquitã,
Um mariscador pegou
A pedra pela manhã
E vendeu prum regatão
O formoso talismã.

Venceslau Pietro Pietra
Ficou rico e fazendeiro,
Baludo lá em São Paulo
E um famoso festeiro,
Tudo isso foi cantado
E afirmo - é verdadeiro!

Dito isto o passarinho
Uirapuru executou
Uma música no ar
Bateu asas e voou,
Aí os manos retomaram
Macunaíma falou:

Andando por um caminho
Negaceando um viado
Presenciei um friúme
De banda pelo costado,
Botei a mão e saiu
Um lacraia amansado.

Me contou toda a verdade
E no momento disponho
A caminhar pra São Paulo
Ver se o talismã apanho,
Vou direto ao regatão
Essa batalha eu ganho!

Si vocês venham comigo
Muito que bem, mas si não,
E melhor só do que mal
Acompanhado, meu irmão,
Quando encasqueto a coisa
Sapo sou de opinião!

Hei de ir só pra tirar
A prosa do passarinho,
Minto, daquela lacraia.
Depois desse discursinho
Deu uma grande gargalhada
Pois tapeara o bichinho.

Manos Maanape e Jiguê
Resolveram acompanhá-lo,
Mesmo porque o herói,
Tão burro como um cavalo,
Carece de proteção
Pois podiam enganá-lo.

V

P I A I MÃ

Todos os seres do mato espiavam assombrados.

O herói rumo pra São Paulo buscar
O talismã que ganhou da Ci amada,
Na cidade grande a tropa abismada
Admira as máquinas do lugar,
Vê que tudo ali tem de se pagar,
Brinca com mani e procura o gigante
Logo recebe frechada mortal,
Feito torresmo picado com sal
Maanape o salva no último instante.

Vida de herói é aventura constante.

V

Noutro dia Macunaíma
Pulou cedo na ubá,
Foi até o Rio Negro,
Na Ilha Marapatá,
Num alto mandacaru
Botou a consciência lá.

Foi no lugar onde os manos
Ansiosos esperavam,
No pino do dia os três
Numa canoa remavam,
Pra margem esquerda da Sol
Era o lugar que rumavam.

Nessa viagem por rios,
Corredeiras e caatingas,
Muitos casos sucederam
De milagres e mandingas,
Mas o Araguaia ajudou
Saltar brejos e restingas.

Macunaíma seguia
Para a grande Capital,
Iam os três pra São Paulo
Trespessando o matagal,
A natureza saudava
O cortejo imperial.

Corredeiras, rios, caatingas,
Gerais, corgos, corredores,
Matos virgens e milagres,
Cipós, savanas em floras,
Frutas maduras no chão
Exalavam mil odores.

Por essas tantas conquistas
E tantos feitos passados,
Nenhuns vinténs o herói
Tinha em seus ajuntados,
Os dotes da icamiaba
Estavam todos guardados.

Desses tesouros o herói
Apartou para viagem
Quarentas vezes quarenta
Em mil sacos de aniagem,
Moeda tradicional,
Corrente em vasta paragem.

Essa moeda que era
Bilhões de ouro-cacau,
Macunaíma e os manos
Levaram pra Capital,
Dilúvio de embarcações
O séquito imperial.

E ficou lindo trepando
Pelas águas do Araguaia,
Aquele poder de igaras
Navegando pela raia
As duzentas em ajojo
Cortando do rio a baia.

Na frente Macunaíma
Vinha em pé carrancudo,
Procurando no horizonte,
Com visão que via tudo,
Mirar no longe a cidade
Sob as nuvens de veludo.

Matutava, matutava
Roendo os dedos agora
Cobertos de mil berrugas,
De apontar a toda hora
A querida Ci estrela,
Do anoitecer à aurora.

Os manos juntos remavam
Mosquitos sarapantando,
A cada arranco dos remos
Na pele do rio deixando,
Todas igaras ligadas
Bagos iam despejando.

Ali formava uma esteira
Do mais puro chocolate,
Camuatás, pirapitingas,
Dourados, uarus-uarate,
Piracanjubas, pacus,
Se regalavam a rebate.

Uma feita Vei, a Sol,
Os três manos encobriu
Duma escama de suor,
O herói então sugeriu
Que fossem tomar um banho
Num canto qualquer do rio.

Mas no rio era impossível
Pelas piranhas vorazes,
De quando em quando na luta
As bichas são bem capazes
De pular um metro a mais
Bem na fuça dos rapazes.

Macunaíma enxergou
Numa lapa bem no meio
Uma cova cheia d'água
Que lhes dava bom recreio,
Ali poderiam tomar
Banho sem nenhum receio.

A cova era que nem
A marca dum pé gigante,
As canoas abicaram
Todas no mesmo instante,
Os manos desembarcaram
Pro banho revigorante.

Por causa do frio da água
O herói soltou um gritinho,
Porém logo entrou na cova
E se lavou inteirinho,
Sabem o que aconteceu?
Esperem só um pouquinho.

A água era encantada
Porque o buraco na lapa
Era a marca do pezão
De Sumé, quando à socapa,
Ensinava o evangelho
Pra indiada à tapa.

Quando o herói saiu do banho
Já estava branco louro
E de olhos azulzinhos:
A água lavara o couro
Deixando o pretume dele
Bem ali no varadouro.

Loiro de olhos azuis,
Nariz fino de alemão,
Boca vermelha rosada,
Corpo quem do Tarzan,
Quem via Macunaíma
Não conhecia mais não.

Nem bem Jiguê percebeu
O milagre e se atirou
Bem na marca do pezão
Mas a água se turvou,
Por mais que se esfregasse
Jiguê não esbranquiçou.

Assim mesmo conseguiu
Ficar cor do bronze novo,
Macunaíma de dó,
Vendo o mano tão pacovo:
Mano não tens mais a cor
Natural do nosso povo.

Branco você ficou não,
Mas tá com novo matiz,
O pretume todo se foi
Ficou caboclo feliz,
É melhor estar fanhoso
Do que ficar sem nariz.

Só neste instante é que
Maanape foi se lavar,
Mas Jiguê esborrifara
Toda a água do lugar,
Só ficou um poucadinho
Que nem dava pra banhar.

Maanape só conseguiu
Molhar a palma dos pés,
A palma das mãos também
Umedeceu de trevés,
Todo o resto ficou negro
Sendo pra ele um revés.

Macunaíma de pena
O mano então consolou:
Não se avexe não Maanape,
Conforme a história contou,
Sofreu mais o tio Judas,
Que o Cristo crucificou.

Estavam, na Sol da lapa,
De pé erguidos e nus,
Lindíssimos os três manos
Sarapantando os tuiús,
O ruço, o louro, outro negro,
Como a cor dos marabus.

Todos os seres do mato
Espíavam assombrados,
Jacaréúna e o Açu
Assanhavam os banhados,
O ururau, o papo-amarelo,
Eram mais desconfiados.

Nos ramos da ingazeira,
Marnoranas e aningas,
Pequizeiros, embaúbas,
Esgueirados nas restingas,
A macacada espantada
Fazia mil caratingas.

Sabiás, sabiacicas,
Sabiaúna e piranga,
O tropeiro, o laranjeira,
O poca, o ibiporanga,
Tudo mais pasmo ficou
Vendo a brancura de tanga.

Vozeando, vozeando,
Em vez de cantar trinado,
A passarada provoca
E o herói bem irritado,
Colocando a mão nas ancas
Reclamou pro espriado.

Nunca viu não, natureza!
Gritou com muita eloqüência,
Então os seres naturais
Debandaram sem violência
Os três seguiram caminho
Com valentia e ciência.

Porém entrando nas terras
Do Igarapé Tietê,
Adonde o burbon vogava,
Viu surpreso como quê,
Cacau aqui não era mônei
Ai, vou viver de mercê?

Arame, canto, conteco,
Milréis, borós ou tostão,
Pau, bagarote, pelega,
Derréis, pataca, barão,
Bolada, cobra, xenxém,
Selo, bicha, patacão.

Assim nem liga pra meia
Com essa grana comprava,
Nem por vinte mil cacaus,
Pois só o tutu vogava,
Ter de trabucar ao herói,
Muito que contrariava.

Vendo assim o dinheirinho
Tanto desvalorizado,
Pensou Um dia tudo isso
Inda vai virar cruzado!
Aí, então, eu vou rir
De tudo que hei passado.

E resolveu abandonar
A empresa que começara,
Voltando para seus pagos
Que tão triste ele deixara,
Onde era Imperador,
Terras que sempre reinara.

Porém Maanape falou:
Mano não seja aruá,
Por morrer um caranguejo
O mangue não vai enlutá,
Desanima não, diacho!
Que as coisas vou arranjà.

Quando chegam a São Paulo,
Um pouco do seu tesouro
Ensacou para comerem,
Na Bolsa encontrou o mouro
E barganhou todo o resto
Por oito contos em ouro.

Maanape era feiticeiro,
Oito contos não valia,
Mas o herói refletiu
Na boca da noite fria:
Paciência, paciência,
A gente agüenta um dia.

Quem quer cavalo sem tacha
Anda mesmo a de-a-pé
Com asses cobras toparam
Na beira do igarapé
Com a cidade macota,
São Paulo como ela é.

Ouviu-se uma gritaria
Na São Paulo esparramada,
Se despedindo do herói
Volvia a papagaiada
Pros matos do norte adentro
A selva amiga esperada.

Os manos juntos entraram
Num cerrado de inajás,
Ouricuris, ubussus,
Bacabas e mucajás,
As miritis tucumãs
Trazendo curuatás.

Todas as estrelas tinham
Descido de um céu branco
Tão molhado de garoa,
Com aquele orvalho franco,
Banzavam pela cidade
Correndo pelo barranco.

Macunaíma lembrou
Também procurar a Ci,
Dessa nunca poderia,
Mesmo morando ali,
Esquecer porque a rede
Relembrava a tiriri.

Era a rede feiticeira
Que armara pro brinquedo,
Tecida com os cabelos
De quem anima o folguedo
Faz a dona inesquecível
Pra quem tem o seu segredo.

Campeou o herói campeou
Nas estradas e terreiros
Apinhados de cunhãs,
Percorreu alguns festeiros,
Cunhãs brancas, tão alvinhas,
Como flor dos mamoeiros.

Roçava leve as cunhãs
Murmurando com ternura
Mani, ah mani, filhinhas
Da mandioca, doçura
Perdido de gosto e amor
Ao ver tanta formosura.

Afinal escolheu três,
Brincou com elas na rede
Estranha plantada ao chão
E encostada na parede,
Numa maloca mais alta
Que nem a vista não mede.

Por causa da rede dura
Sobre os corpos das cunhãs
O herói dormiu atravessado,
Acordou altas manhãs
E quatrocentos bagotes
Custou-lhe as almas pagãs.

A inteligência do herói
Tava muito perturbada,
Acordou com muitos berros,
Toda aquela bicharada
Disparando entre malocas
Temíveis de mil entradas.

E mais aquele diacho
Elevador sagui-açu,
O carregou lá pro alto
Onde dormiu todo nu,
Trancado pois tinha medo
Do lalau do guabiru.

Que mundão de bichos quê!
Despropósito de gente!
Mundo de papões roncando,
Cada qual mais diferente:
Mauaris, juruparis,
Boitatás e outros entes.

Daqueles morros furados
Donde a gentama saía
Mui branquinha branquíssima,
De mani uma filharia,
Perturbava a inteligência
Do herói naquele dia.

De-manhãzinha ensinaram
Que aqueles piados berros
Cuquiadas, sopros, roncoss
Esturros pelos desterrros,
Era nada disso, não,
Mas klaxon e som de ferros.

Bicho-Máquina não era
Aquilo que eles pensavam,
Tamanduás, boitatás,
Inajás que ali passavam,
Caminhões, bondes, faróis,
Tal Vei, a Sol, iluminavam.

O Imperador conheceu
Na São Paulo tal progresso,
Uísque, cerveja e soda,
E também o posto Esso,
Astros, cantores, atrizes,
Tanto fracasso e sucesso.

Viu Máquina-voadora,
Máquina-ônibus-trem,
A Máquina-automóvel
Que até telefone tem,
Máquina-tatu-metrô,
E tudo engole vintém!

O herói aprendeu calado,
Vez em quando estremecia,
Voltava a ficar imóvel,
Assuntando tudo via,
Respeitou cheio de inveja
A tal da maquinaria.

Esse Tupã famanado,
Deusa deveras forçada,
Cantadeira que mãe-d'água
Sarapantando não muda,
Faz nosso herói matutar
E planejar na caluda.

Então resolveu brincar
Com a Máquina pra ser
Dos filhos da mandioca
Imperador de saber,
Mas as cunhãs riram muito
E fizeram o herói ver

Que tudo é gorda mentira
De deuses à moda antiga,
Que não tinha mais deus não,
A Máquina é inimiga,
Com ela ninguém não brinca,
Brincando a vida periga.

Era feita pelos homens
E com eletricidade,
Com fogo, com água, vento,
Se remexia à vontade,
Da força da Natureza
Vinha tal capacidade.

Jacaré acreditou?
Nem o herói! Com um gesto
Muito guaçu de desdém,
Bateu o antebraço num sesto,
Sacolejando a munheca
Criou a banana-protesto.

E junto com os dois manos
Foi morar numa pensão,
O herói com a boca cheia
De sapinho e irritação,
Gemia com tantas dores
Vindas do amor paulistão.

Maanape roubou a chave
Do sacrário da igreja
E deu pro mano chupar
Pra sarar a brotoeja
O herói chupou mais chupou
Ficou bom no ora-e-veja.

Macunaíma passou
Muito tempo sem comer,
Só maquinando nas brigas
Sem que pudesse vencer
Dos filhos da mandioca
Com a Máquina-poder.

É a Máquina que mata
Todos os homens aqui,
É o homem sim que manda
Na Máquina, isso eu vi,
Por isso são infelizes
Esses filhos de mani.

Nostálgico estava assim,
Eis que uma noite suspenso
Num tremendo arranha-céu
Murmurou Sabe o que penso?
Há empate nesta luta,
Até eu aqui não venço!

De toda essa embrulhada
O pensamento sacou
Bem clarinha uma luz:
Os homens, raciocinou,
São as máquinas e as máquinas
São homens e gargalhou!

Virou Jiguê telefone
E ligou pros cabarés
Encomendando lagostas
Bebidinhas, canapés,
Também algumas francesas
Para algum arrastapés.

Da janela admirava
Aquele névoa-cidade,
Tinha fábrica-fumaça
E muita modernidade,
Mil automóvel-buzina,
Trombadinha à vontade.

Oca por cima de oca,
Taba arriba de taba,
Cada tapera um andar
De jeito que não acaba,
Na porta de cada oca
Reina um Morubixaba.

Mais ficou maravilhado
Com o jeito das cunhãs,
Era o céu de primavera,
Alvorecer das manhãs,
Valiam muito valiam,
Mais de mil muiraquitãs.

Viu futebol dos esportes,
Bola de couro de boi,
Lembrou o chute nas tabas
Dos tempos que ele foi
Craque de muitas vitórias
A bola na trave – e oi!

Macunaíma assistia
Saindo dentro das ocas
Os filhos brancos da luz
E das alvas mandiocas,
Cara e corpo de alvaiade,
Coração de tapioca.

Já tinha ouvido falar
Daquela tribo distante,
Os outros cabeça-chata
Eram chamados migrantes,
Aqueles tribos podiam
Derrotar os mais distantes.

Em São Paulo o herói viu
A tal Máquina T.V.,
Dentro dela o homem fala,
Tem música como quê,
A gente vira e desvira
Mas dentro nada se vê!

No céu o pássaro que ronca
Voa quase rente ao chão,
Ave de ferro e de aço
Brilhando na escuridão,
Olhos de fogo e de luz
É esse o bicho-avião.

À noite o herói soluçava
Querendo ver Ci no céu,
Baixava a névoa-garoa,
Noiva luz de lindo véu,
Mas logo a poluição
Ali enterrava o chapéu.

De toda filosofia
Seu pensamento voou
Redescobrimo a verdade:
O Ser-Máquina abusou
Do homem bem à vontade
E por fim o abandonou.

Por meus cuidados! falou,
Existe a Máquina-Deus?
Não tem coisas femininas?
Como vou brincar se seus
Elementos são de ferro
Tão diferentes dos meus?

E tomou respeito e fama,
Orgulho do deus-Tupã,
A saudade bateu forte
Lembrando a muiiraquitã,
Resolveu Macunaíma
Enfrentar o Piaimã.

E resolveu logo agir
Porque a primeira pancada
É que de vez mata a cobra,
Sendo a bichona danada,
Se alguma vida sobra
Do homem não sobra nada.

Venceslau Pietro Pietra
Morava num tejupar
Maravilhoso rodeado
De mataria sem par
Lá no fim da Maranhão,
O Pacaembu a mirar.

Macunaíma falou
A Maanape feiticeiro
Pra dar uma chegadinha
Naquele belo terreiro
Ir conhecer Venceslau,
O inimigo verdadeiro.

Maanape fez um discurso
Mostrando inconveniências,
Pois o regatão andava
Contrariando as ciências,
Com o calcanhar pra frente
Marcado pelas clemências.

Isso é pra lá que certo:
Se Deus o assinalou,
Alguma coisa de mau
No regatão Ele achou,
Um manuari malevo
Que num gigante virou.

O herói não quis nem saber:
Pois assim mesmo vou lá,
Onde me conhecem honras
Me dão - se ninguém me dá,
Pouco importa, darão ou não!
E partiu para o banzá.

Maanape seguiu o mano
E detrás do tejupar
A árvore Dzalaúra-Iegue
Sempre ali a ofertar
Todas as frutas da terra
Tão boas de desfrutar.

Caju, cajá, cajá-manga,
Abacate, abacaxi,
Jabuticaba, pitanga,
Goiaba e murici,
Açaí, muita banana,
Cupuaçu, bacuri.

Pois os dois manos estavam
De muita fome sofrendo,
Fizeram um zaiacúti
Por ali se escondendo
Maanape frechava caça,
E o herói só recolhendo.

Caíam com um estrondo
Macaco, mico, jacu,
Macuco, jaú, tucano,
Rola, mutum, jaburu,
Micura, socó, gambá,
Paca, cutia, tatu.

Porém o estrondo tirou
O gigante do far-niente
Pois ele veio saber
Que era aquilo na frente,
Chegou à porta da casa
E recantou mui dolente.

Maanape disse ao herói:
Si algum pássaro cantar,
Não secunda não, não
Mano, vou ter de gritar
Adeus minhas encomendas!
E não posso te apoiar.

Venceslau Pietro Pietra,
O gigante Piaimã,
Comedor de gente grande
Tão logo nasce a manha,
Tava de fato na posse
Da bela muiiraquitã.

E lá no alpendre da casa,
Feito pássaro cantou:
Ogoró! Ogoró! Ogoró!
O canto longe soou:
Ogoró! Ogoró! Ogoró!
Logo o herói secundou.

Ogoró! Ogoró! Ogoró!
Maanape sentiu o perigo:
Alertou: Sarta por cima!
E pra não sofrer castigo,
Por detrás do zaiacúti,
O herói encontrou abrigo.

Então gigante chegou
E foi logo perguntando
Quem bem aqui secundou?
Maanape desconversando,
Sei não, sei não, treze vezes,
Venceslau desconfiando.

Mas de nada adiantou,
O gigante tava fera:
Foi gente que secundou,
Eu quero saber quem era,
Não adianta fingir,
Estou aqui na espera!

Maanape pra tapear
Jogou um macuco morto,
O Piaimã engoliu-o
Sobre a verdura do horto,
Foi gente, mostra quem era!
Disse mostrando o pé torto.

Comeu o macaco morto,
Guaribas, jaós, mutuns,
Porém Piaimã mais pedia
Joga gente mais alguns
Mutum-de-vagem e de-fava,
Sococós, urumutuns.

Então Piaimã enxergou
Dedo mindinho de fora
E atirou uma baníni
Soando na mesma hora,
Grito gemido comprido,
Como fogo em verde tora.

Macunaíma agachou
Com a flecha enterrada
Na ponta do coração,
Dentro em pouco quase nada
Poderia alguém fazer
Pois a flecha era encantada.

O Piaimã insistia:
Joga a gente que cacei!
Mas Maanape resistia
E gritava: Nada sei.
O Gigante assim danado
Determinou a sua lei.

Enquanto tempo passava
O herói já tinha morrido,
OuvIU-se um berro medonho
Que jamais se tinha ouvido,
Era o gigante Piaimã
Muito irritado e ferido.

Maanape, meu neto, deixa
Dessa conversa fiada,
Joga a gente que cacei,
Sinão, de uma porrada
Acabo seu safadinho,
Com tua vida, folgada!

Maanape então pegou
Em seis caças duma vez
E atirou no chão gritando:
Sigura aqui, toma seis!
Piaimã ficou danado
E retrucou: Sois freguês!

E do lá mato arrancou
Quatro paus de aroeira
E pra cima de Maanape
Partiu de forma certa,
Batendo no chão arvorou:
Sai do caminho, porqueira!

Maanape abriu dez garrafas
E veio o aroma perfeito
Do mais famoso quiânti,
Logo após meteu o peito,
O gigante estava ali
Com a caapora no leito.

Velha sempre cachimbando,
Muito mais muito gulosa,
Se chamava Ceiuci,
Maanape encerrou a prosa
E ao gigante Piaimã
Ofereceu a gasosa.

Pra velha se distrair,
Taco de fumo-de-rolo,
Assim o par esqueceram
De tudo e daquele bolo,
Maanape se aproveitou
Que também não era tolo.

Quando Maanape acudiu
Macunaíma picado,
Vinte trinta torresminhos
Na panela bubuiado,
Fervendo sobre a polenta,
Torradinho e temperado.

Maanape catou caquinhos
Em folha de bananeira,
Pra refrescar estendeu
Na calçada a noite inteira,
Pôs depois num sapiquá,
Foi pra pensão em carreira!

Em lá chegando botou
O cesto na mesa em pé,
Um fumo nele assoprou,
No coco fez cafuné
E Macunaíma veio
Saindo, meio fubé.

Depois tomou guaraná,
Ficou taludo de novo,
Espantou a mosquitada,
Bebeu gemada de ovo
Do passarinho codorna,
Ficou jovem, forte, novo.

Mano Maanape que f oi
Que sucedeu para mim?
Meus cuidadas, não falei
Pra não secundar vim-vim?
O gigante quis fazer
De você um torresmim.

No outro dia seguinte
Acordou Macunaíma
Com febre de escarlatina,
Imaginando, por cima,
Que carecia garrucha
Pra ver se a briga anima.

Nem bem sarou foi na casa
Dos caçadores ingleses
Pedir uma Smith&Wesson,
Porém já fazia meses
Que a árvore garrucheira
Não fazia as suas vezes.

E repeliu insolente:
Jacaré não tem pescoço,
Jogador de caçar falsa,
Formiga não tem caroço!
É só quatro pau na ponta!
E me dê pra cá o moço!

Em Maanape deu cagaço
Pois temia o trabuco
E jogou o herói no chão,
Assim nesse vuco-vuco,
Foi que os dois inventaram
O jogo sublime do truco.

Na ponta da unharía
Pegou o herói do chão,
O gigante assossejou
Com o defunto na mão
E puxando entrou em casa
Foi direto pro porão.

Maanape desceu da árvore
E seguiu desesperado,
Topou com a formiguinha
Cambigique do seu lado,
Sabendo do sucedido
Foi fazer a rastreado.

Então Cambigique sugou
Todas as gotas do sangue
Esparramado no chão,
Galhos e folhas de mangue,
Derramado pelo herói
Imperador taulipangue.

O rasto para Maanape
A formiga foi mostrando,
Entraram dentro da casa,
Sala e ról atravessando,
Passaram copa e terraço
Em frente ao porão parando.

Maanape acendeu a tocha
Num taco de jutaí,
E desceram a escadinha
Encontrando bem aqui
A última gota de sangue,
Aumentando o quiriri.

A porta estava fechada,
Maanape cocou o nariz,
E agora? - perguntou
Fazendo cara infeliz,
Então por baixo da porta
Um carrapato lhe diz:

E agora o quê, parceiro?
Estou atrás do gigante
Que matou meu mano bom.
O Zlezlegue num rompante
Virou-se em chave Yale
A porta abriu num instante.

Zlezlegue se desvirou
De novo num carrapato
E pra Maanape ensinou:
Dê pro gigante bom trato,
Com cauim, boa bebida,
Que você ganha no ato.

O herói queria a arma
Pra matar o Piaimã
Vamo vê se tem alguma
Garruchinha temporã,
Estão muito verdolengas,
Talvez melhore amanhã.

Foram embaixo da árvore
Que dá a arma garrucha
Tu fica esperando aqui,
Se despencar você puxa,
Não deixa cair no chão
Pais vai disparar na bucha.

Sacudiram, sacudiram,
E uma garrucha caiu,
Nisso os ingleses falaram:
Essa foi boa! Já viu?
Macunaíma fez vênias,
Tânquio, tânquio! E sumiu.

Queria que acreditassem
Que ele falava o inglês
Porém nem um sweetheart!
Os manos – por sua vez,
Queriam bala e uísque,
Mas Macunaíma fez:

Mano Maanape, vai lá
Porque a volta é cruel,
Capaz de pedir garrucha
E dão conserva de fel!
Deixa que vou! e seguiu
De novo para o quartel.

Da árvore garrucheira
Não caiu garrucha não,
Foram na árvore baleira
E despencou um montão
Que o herói Macunaíma
Apanhou tudo do chão.

Foram na árvore uisqueira
Logo, logo despencaram
Duas caixas do mais puro
Que da Escócia importaram,
O famoso Old Rarity
Que poucos saborearam.

Agradeceu pros ingleses
E pra pensão retornou,
Em lá chegando escondeu
As caixas que arranjou
E foi falar com os manos,
Outra história ele inventou.

Eu falei inglês com eles,
Porém garrucha não tinha
Nem tampouco o bom uísque:
Uma correição de oncinha
Passou por lá e comeu
Tudo e só sobrou a Rainha.

As balas eu trago aqui,
Dou pra você de presente
Junto com minha garrucha,
Se alguém assim de repente
Bulir comigo - dê tiro,
Que macaco não é gente!

Então transformou Jiguê
Na Máquina telefônica
Ligou pro gigante, xingou,
De forma estereofônica,
A mãe dele - e imaginou
Sua expressão catatônica.

VI

A FRANCESA E O GIGANTE

E a francesa era Macunaíma o herói.

Para tapear Piaimã, sacrista,
O herói se transforma numa francesa,
Fica belo tal e qual uma princesa
Com roupagem e jóias de corista,
O gigante gama quando a avista
E parte pra conquistar a donzela,
Mas no fim descobre quem é aquela
E persegue o herói até o fim.
Deu pra saborear manga-jasmim
Antes de passar sebo na canela.

Segue assim a saga verde-amarela.

VI

Maanape muito gostava
De tomar um cafezinho
Jiguê, por sua vez,
Não refugava um soninho,
Macunaíma queria
Construir um barraquinho.

Porém, que nunca jamais
O papiri se acabava,
O puchirão desse grupo
Só de preguiça gorava,
Jiguê dormia e Maanape
Mil cafezinhos tomava.

O herói então teve raiva
E pegou numa colher,
Virou bichinho e falou!
Quando Maanape vier
Tomar café morda a língua
Até o cabra gemer.

Aí pegou o cabeceiro
Bem macio de algodão,
Virou taturana branca
E recomendou então!
Sovertida na maqueira,
No meio da escuridão,

Chupe o sangue do Jiguê
Sem qualquer contemplação.
E tudo se sucedeu
Com a sua previsão,
Vejam o que qui ocorreu
Com a parelha de irmão.

De um passeio no Arouche
Maanape vinha chegando,
Foi tomar um cafezinho
O bichinho foi picando,
Ai! Que Maanape berrou
E a língua foi inchando.

Ixe! Tá doendo mano?
Quando bichinho me pica,
Não sinto dor nada não.
Maanape irritado fica.
E joga o bichinho pra longe
Fumaçando, tiririca.

Sai praga! Que diz Maanape,
Jiguê chega admirado,
Vai se deitando na cama,
O marandová danado
Chupou todo o sangue dele
Ate que ficou rosado.

Ai! Jiguê um berro solta.
Ore veja só! Doeu?
Se taturana me chupa
Até gosto - respondeu
Vendo Jiguê expulsar
A formiga que o mordeu.

Então os três manos foram
A construção começar,
Maanape e Jiguê dum lado
Iam tijolos jogar,
Macunaíma do outro
Nada deixava passar.

Desejando se vingar
Do mano Macunaíma,
Os dois, Maanape e Jiguê,
Tramavam algo em surdina,
Jiguê pegou num tijolo,
Preparou a pantomima.

Porém pra não machucar
Fez uma bola de couro,
Passou ela pra Maanape
E com o pé num estouro
Mandou bater no herói,
Provocar um sangradouro.

Ui! Ui! Ui! Que o herói fez
Quando levou cacetada,
Uai! Tá doendo mano?
Pois na gente não dói nada!
E foi nesse chuta-chuta
Que se inventou a pelada.

Irado o herói transvirou
Numa nuvem de iças
Tijolos, pedras e telhas,
Tinta, cal e aguarrás,
Que tom ou toda São Paulo
Dês do Morumbi ao Brás.

O bicho caiu em Campinas,
Taturana - por aí,
A bola caiu no estádio
E cada um de per si
São três pragas brasileiras
– Um tremendo abacaxi!

É a lagarta-rosada,
É o bicho-do-café,
A pelada, o futebol,
Feriado e barnabé,
É político, marajá,
Jogo-do-bicho e rapé.

Por causa de um pontapé
Tudo é praga no Brasil!
Agiota, muambeiro,
Militar, cantor, civil,
Tabelião, advogado,
Juiz, golpe de abril.

No outro dia pensando
Sempre naquela marvada
Foi que o herói percebeu
Que não podia mais nada
Pois na Rua Maranhão
Tava de cara afamada.

Imaginou, imaginou
E resolveu enganar
O gigante Piaimã,
Foi só então transformar
O Jiguê num telefone
E pro Venceslau ligar.

Disse que uma francesa
Queria falar com ele
Sobre a Máquina negócio,
O regatão mui na dele
Falou que viesse agorinha
Meter o negócio nele.

Porque a velha Ceiuci
Com as filhas tinha saído
Podiam negociar
Com mais valor e sentido,
O herói resolveu chegar
De francesa travestido.

Macunaíma emprestou
Da patroa da pensão
Uns pares de bonitezas,
Máquina ruge e batão,
Meia-de-seda aromada,
Máquina combinação.

Tudo aquilo perfumado
Cheirando cheiro francês,
Patchouli, capim-cheiroso,
Para agradar o freguês,
Se defumou com jurema
Confiou no bom jaez.

Pra completar barreou
Com azul de pau compeche
Os olhinhos de piá,
E que ninguém se avexe,
Já com muito vedetismo
As cadeiras remelexe.

Pendurou dois mangarás
Fingindo dois fartos seios,
Pra virar linda francesa
Usou de todos os meios,
Caminhou lá pro palácio
Sem temor e nem receios.

Logo saiu da pensão
Topou com um beija-flor,
Viu o rabo de tesoura
Esconjuro o malfeitor,
Pensou largar randevu
Mas não era desertor.

Chega encontrou o gigante
No portão lhe esperando,
Depois dos salamaleques
Os carrapatos tirando,
A uma alcova o Venceslau
A francesa foi levando.

Esteios de acaricoara
E tesouras de itaúba,
Assoalho de xadrez,
Pau-cetim, maçaranduba,
Do Maranhão redes brancas
Móveis de jacaréuba.

A casa do Piaimã
Era de muita beleza,
Cerâmica de Belém
Tinha até de sobremesa,
Jacarandá esculpido,
Louça de Breves na mesa.

Numas bacias enormes
Fumegava a tacacá,
Com tucupi e um paulista,
Jacaré, tamanduá,
Vinho do Porto, de Minas,
Subidor Puro de Icó.

Uma sidra de São Roque,
Uma caiçuma oitentona,
Extrato de jenipapo
E jurubeba amargona,
Biscoitos do Rio Grande
Pra animar a franciscona.

Fazendo gestos graciosos
A francesa foi comer,
Na rede se balançou
E bebeu, pra rebater,
Um copo grande do Puro
E o negócio foi fazer.

Foi logo ali perguntando
Se o gigante era verdade
Que tinha a muiiraquitã
Comprada noutra cidade,
O gigante foi lá dentro
Trouxe a preciosidade.

Tava muito bem guardada
Dentro de um caramujo,
Pra fora dele puxou
O talismã, dito cujo,
O herói, com a emoção,
Ficou um tanto sabujo.

Pois era a muiiraquitã!
Macunaíma sentiu
Dentro tanta comoção
Na barriga um calafrio,
Balançou e quis chorar,
Mas disfarçou, resistiu.

Perguntou se o gigante
Queria negociar,
Se apaixonou pela pedra
E desejava comprar
Porém Piaimã negou!
Vendida não ia dar.

Pois a francesa pediu,
Suplicando ajoelhada,
Pra levar aquela pedra
Ao menos de emprestada,
O gigante só sorria
Não negociava nada.

Venceslau Pietro Pietra
Outra vez piscou faceiro,
Pra conquistar a francesa
Mesmo ali no seu terreiro
Negaceava o negocio
Saindo sempre lampeiro.

Você imagina então
Que eu vou cedendo assim
Às suas belas risadas?
Mas tô querendo pra mim!
Pois vá querendo francesa!
Quando você ia - eu vim.

Macunaíma chamou
Piaimã de regatão,
O gigante se irritou!
Trambiqueiro não sou não,
Dobre a língua francesinha,
Tenho pedra de montão!

E foi lá dentro e voltou
Carregando um Grajaú
Cheinho de pedra assim
Provocando um rebu,
Para a francesa mostrou
Todas as pedras do baú.

Tinha turquesa, esmeralda,
Berilos, seixos polidos,
Crisólita, pingo d'água,
Granada, itacolumidos,
Turmalina, rubi, fósseis,
Ouro, grigris, retinidos.

Tinha todas essas pedras,
Pérolas de Cametá,
Elefantes javaneses,
Titânio do Piriá,
De Calamare um litógrafo,
E no meio o tembetá.

Então Piaimã contou
No ouvido da francesa!
Sou um colecionador
Célebre pela riqueza,
Se você for boazinha
Dou-lhe uma beta turquesa.

Cheio de muito conforme
Sentou na rede juntinho
E falou murmurando:
Conforme for meu benzinho,
Sou até capaz de dar
A muiraquitã e tudinho.

O gigante confessou
Que a jóia da coleção
Com forma de jacaré
Custou mais de um milhão
Comprada da imperatriz
Das praias do Maranhão.

Claro que era mentira,
Assim o herói assuntou,
Entendendo os conformes,
Logo, logo, matutou!
Será que ele imagina
Que francesa mesmo sou?

E saiu desesperado
Correndo pelo jardim,
Piaimã correu atrás,
No pega-pega sem fim
A francesa se escondeu
Numa moita de alecrim.

Pois estava uma pretinha
Ali no mesmo lugar,
Então o herói cochichou!
Deixa aqui me abrigar.
Catarina nem um gesto,
E o herói: Qué apanhar?

A nigrinha nem ali,
Pois então Macunaíma
Deu baita tapa na paste,
Mas a mão grudou por cima
E outro tapa que deu
Aumentou ainda a rima.

O que o herói não sabia
É que era uma boneca
De cera de carnaúba,
E quanto mais se sapeca
Mais fica grudado nela
Como fosse perereca.

Mais preso e mais irritado
Sem saber o que qui é
O herói xingou a Catita
E mandou um pontapé,
Ficou grudado de vez
Pelas mãos e pelos pés.

Então chegou Piaimã
Com um cesto boca larga
Tirou-a da armadilha,
E a boca do cesto alarga,
A francesa dentro dele
Mais um dissabor amarga.

Chegando a casa o gigante
O cesto deixou encostado,
Foi lá pra dentro de casa
Guardar que tinha ganhado
Flechinhas, sarabatanas,
Da francesinha roubado.

O gigante revirava
Os olhos assim de gosto,
Mirando os lábios pintados,
Os olhos verdes, o rosto,
Brincar com uma francesa!
Não lhe dá nenhum desgosto.

Macunaíma ouvia
Os suspiros do gigante,
Só pensava em brincar
Na rede ali adiante,
Penteado e perfumado
Se fazia radiante.

Estou perdido de vez!
Desesperou-se o herói,
Tô querendo o talismã
Desse maldito caubói,
Mas assim nesse conforme
Recuperar, como dói!

Fui eu que sempre brinquei
Com as mais belas cunhãs,
Amando noites inteiras
Sem respeitar as manhãs,
Não posse desmunhecar
Nem por mil muiraquitãs!

Xente! Será que o gigante
Pensa que virei casaca?
Passei no arco-da-velha?
Tô xeretando a macaca?
Será qui pensa que sou
Viado, caboge ou paca?

Tisconjuro credo em cruz!
Não mudo de natureza!
Então soprou cumacá,
Vindo o pó de Fortaleza
E o amarelo do cesto
Bambeou que só beleza.

Dando folga o Piaimã
O nosso herói se mandou,
O jaguara do gigante
No pé dele se colou,
Cheirando piché de caça
As pegadas farejou.

O herói então teve medo,
Desembestou em chispada,
O cachorro foi atrás
E os dois em disparada
Na Ponta do Calabouço
Tomaram a rota do nada.

Já, em Guajará Mirim
Voltaram a rumo leste,
Passando Itamaracá
Rumaram pro sudoeste,
Nos altos de Barbacena
Inda lhe seguia o peste.

Macunaíma passou
Alguns momentos folgado,
Dúzia de manga-jasmim
Comeu no tronco sentado,
Depois quis tomar um leite
Fresco mugido tirado.

Mas a vaca guzerá
Muito brava bateu pé,
Valei-me Nossa Senhora,
Antonio de Nazaré,
A vaca mansa dá leite,
A brava dá se quisé!

A vaca se riu da reza
E o leite foi um maná,
O herói disparou pro sul
Atravessou o Paraná,
Quis parar lá pelos pampas
Mas não é Mané-jacá.

Pois os latidos estavam
Colados no calcanhar,
E o herói vinha que vinha
Quase o cão a lhe pegar,
Desviando as castanheiras
Todas boas de trepar.

No formigueiro maior
A francesa se escondeu,
Protegida lá no alto
Com medo se encolheu,
O jaguara farejando
Logo, logo, apareceu.

Se lembrou que viu em Serra
Nas bandas do Espírito Santo,
Lapa com muitas pinturas
Que não entendia tanto,
Se fosse mônei guardado
E não causaria espanto.

Então o gigante veio
Topou o jaguara acuando,
Viu a corrente de prata
E foi logo se lembrando
Meu tesouro está aqui
De pronto foi murmurando.

Piaimã arrancou da terra
Trazendo caule e raiz
Uma palmeira inajá
E fez dela o que quis,
Cortou o grelo do pau
Sorrindo muito feliz.

Enfiou-o pelo buraco
Por muito amor de fazer
A francesinha sair,
Depois de muito mexer
Jacaré saiu? Nem ela!
Que é sabida a valer.

Abriu as pernas e ficou
Empalada na inajá,
O gigante uma pimenta
Mexida com taiuiá
Botou no buraco mas
Cadê quem saiu de lá?

Formigas anaquilãs
Uma completa correição
Ferroaram nosso herói
Mas não saiu de lá não,
O gigante enfezado
Bufava come vulcão.

Agora te agarro mesmo!
O gigante ameaçou,
Vou buscar a jararaca!
Macunaíma gelou!
Da jararaca Elitê,
Inté hoje não ganhou.

Espera aí um bocado,
Que já saio num instante!
Pra ganhar tempo tirou
Os mangarás da bufante:
Primeiro bota isso fora,
Pedi assim pro gigante.

Estava tão furibundo
Que atirou os mangarás
Bem pra distante dali,
Enquanto vêm logo atrás
A Máquina decolete,
É outro favor que faz.

O vestido foi mais longe,
Máquina, cinta e sapatos
E foi assim qualquer roupa,
Todas jogadas pros matos,
O gigante aporrinhado
Botava pra fora os fatos.

Então que bem de mansinho
O herói pôs o sim-sinhô
Bem na boca do buraco
E com voz muito melô
Requisitou ao gigante:
Bote fora, por favor.

Piaimã – cego de raiva
No sim-sinhô agarrou,
Pra légua e meia adiante
Com muita força atirou,
Esperando para sempre
Bem entocado ficou.

Enquanto o herói lá longe
Já ganhava os mororós,
Chegou à pensão tomando
A benção para os totós,
Chamando gato de tio,
C'os bofes fora dos cóis.

Estava arado de fome
Mas descansou um pedaço,
Sonhou com um rango forte
Que comeu lá no terraço
Feito por Tia Ciata
Depois de rezar um traço.

Uma fritada do bom
Sururu de Maceió,
Um pato-no-tucupi
Da Ilha de Marajó,
Tomou vinho de caju
Depois de um mocotó.

Descansou contrariado
Pais o velho Venceslau,
O colecionador célebre,
E ele um pobre vagau,
De inveja resolveu
Imitá-lo no final.

Porém graça não achava
Em pedra colecionar,
Uma imundície que tinha
De pedras no seu lugar,
Pra que mais pedra que é
Pesada de carregar?

Todas as pedras já tinham
Sido animais, passarinhos,
Vespas, formigas, mosquitos,
Carrapatos e bichinhos,
Gentes, cunhãs, cunhatãs,
Borboletas, canarinhos.

Estendeu os braços moles
E murmurou: Que preguiça!
Pensou e depois resolveu,
Iria, com toda justiça,
Toda coleção juntar
Doutra linguagem castiça.

Se aplicou e reuniu
Milietas de palavrões,
De todas as falas vivas
Recolhidas nas pensões,
E as bocagens colhidas
Nas mais belas coleções.

A coleção italiana
Pra todas horas do dia,
É de todos sentimentos
Que mais ele se valia,
As circunstâncias da Vida
Ditas com muita alegria.

Cada bocagem beleza!
A jóia da coleção
Era uma frase indiana,
Que por sua expressão,
Na rua com muita gente
Já não se fala mais não!

VII

MACUMBA

*Tia Ciata era uma negra velha com um século no sofrimento,
javevó e galguincha com a cabeleira branca esparramada
feito luz em torno da cabeça pequetita.*

Pra reaver a pedra preciosa,
Porquanto não tem força nem tem jeito,
O herói recorre a tudo por respeito,
Mesmo à religião misteriosa.
No Rio vai ao Mangue bater prosa
Mais a Mãe-de-Santo, Tia Ciata,
No gigante Piaimã, de chibata,
Dá uma sova forte e dolorida:
Sangra todo o corpo em chaga e ferida,
Que por pouco Venceslau o herói mata.

Quem crê sabe: o poder de Exu maltrata!

VII

Macunaíma estava
Com ódio e contrariado,
Não conseguiu reaver
O talismã desejado,
Milhor matar Piaimã
Do que voltar derrotado.

Então da saiu da cidade
E foi no mato Fulano,
Experimentar a força
Que detinha no tutano,
Ver se podia enfrentar
O temível carcamano.

Campeou pois légua e meia
E uma peroba enxergou,
O braço na sapopemba
Num átimo ele enfiou,
Deu um puxão violento
Mas o pau não arrancou.

Macunaíma sentiu
Não tinha força bastante,
Pegou dente de ratinho,
Fez um risco penetrante,
Preceito pra quem é frouxo,
E voltou à pensão distante.

Estava desconsolado
Par não ter força ainda
E assim na distração,
Desolado, na berlinda,
Deu uma baita topada
E o mistério não deslinda.

Em conseqüência da dor
Ele viu bem lá no alto
Miríades de estrelas
E afastada no ressalto
Capei cercada de névoa,
Deixou o herói mais incauto.

Noutro dia o tempo tava
Já inteiramente frio,
Então resolveu vingar
Dando uma sova ao vadio,
Esquentar o couro dele
Pra no sentir calafrio.

Mas fraco daquele jeito
Tinha medo do gigante,
Resolveu tomar um trem
E partir naquele instante
Rumo ao Rio de Janeiro,
Chegar come retirante.

Ir lá pra se socorrer
Ao mais tenebroso Exu,
Um diabo em cuja honra
Se bailava no zungu
Uma macumba dengosa
Nas notas do mulungu.

A macumba se rezava
No bairro alegre do Mangue,
Zungu da Tia Ciata,
Feiticeira, mãe-de-sangue,
Cantadeira ao violão,
Pagodeira de voz langue.

Às vinte horas o herói
Foi na biboca levando
Sob o braço o garrafão
De aguardente venerando
De alambique de cobre
E cabaça de comando.

Tinha muita gente lá,
Estava cheio o terreiro,
Tinha pobre, advogado,
Deputado e carpinteiro,
Putá, garçom e gatuno,
Padre, beato, bicheiro.

O herói ali colocou
No altar o seu garrafão
Da cachaça mais melhor
Produzida no sertão,
A irmã-de-santo cobriu
A cana com sua bênção.

O herói entrou na biboca
Deixou de lado o sapato,
Beijou como manda a fé
A milonga e o retrato,
Saudou a candomblezeira
Sem relatar nenhum fato.

A santa Tia Ciata
Negra velha feiticeira,
De sofrer tem mais de século
Sob a branca cabeleira,
Galguinchinha, javevó,
Esparramada magreira.

Ninguém mais não enxergava
Sob os cabelos de luz,
Os olhinhos enrugados
Que os espíritos seduz,
Só comprimez sonolenta
Pendependendo cafus.

Um rapaz filho de Oxum
Distribuiu vela acesa
Para todos os presentes
E começou com leveza
A macumba, se fazendo,
Um soirê pra nobreza.

Na ponta vinha o ogã
Tocador de atabaque,
Um negro filho de Ogum
E fadista de destaque,
Mexemexendo acertando
Na palma da mão a claqué.

E no ritmo manejou
Toda aquela procissão,
As velas jogando sombra
Tremem feito assombração,
Mais atrás a Tia Ciata
Diz rezas de invocação.

Então seguiam contritos
Taifeiros, advogados,
Curandeiros e poetas,
Senadores, deputados,
Ricaças e marinheiros,
Fêmeas, gatunos, viados.

Toda essa gente mestiça
Seguia a tia dançando,
Os santos vinham saudar
A oração respondendo,
E era assim a canção
Que todos vinham cantando.

Ô Olorum! Ô Oxum!
Vamo junto Saravá!
Olá Boto Tucuxi!
Vamo tudo Saravá!
Anamburucu, Mãe-d'água
Vamo hoje Saravá!

Docinho, reza monótona,
De vez em quando mudava:
Sai Exu! Sai diabo-coxo!
A Tia Ciata gritava,
Um capiroto malévolo
Toda a sala atormentava.

Cantiga santa malembe:
Ô Baru! Ô Rei Nagô!
Vamo logo Saravá!
Preto véio, vem vovô!
Vamo santo Saravá!
Sai Exu! Urubu xô!

Porque Exu Pé-de-pato,
Maldoso jananaíra,
Na sala de novo uivava,
Resfolgando sua ira:
Umm! Umm, Nosso-Padre!
Umm! Umm, Pomba-Gira!

Um estouro ribombava
Com fumaça encurtando
Todo o tamanho da noite
E a cantoria parando
Mostrava que o sairé
Aos poucos ia acabando.

Saudaram todos os santos
Presentes na pajelança,
Boto Branco, Obatalá,
Que faz do homem criança,
Xangô, Omulu, Oxosse,
Boiúna - Mãe da Vingança.

A Tia Ciata sentou
No canto numa tripeça
E toda a gente suada
De imediato começa
Botar as velas no chão
Ao redor daquela peça.

A sombra da Mãe-de-Santo
Relumbrava lá no teto,
Budum, coti, pitium,
Deixaram o salão umecto,
Chegou a vez de beber
Um traguinho bem seleteo.

Macunaíma bebeu,
A primeira vez na vida,
O cachiri mais temível
A quem deu boa acolhida,
Provou estalando a língua
Deu uma grande lambida!

Entre bebidas seguiram
As rezas de invocação,
A turma estava inquieta
Requerendo aparição,
Desejando santo forte
Em solene sagração.

Fazia tempo que ali
Algum dos santos não vinha,
Por mais que todos pedissem
Algum poder os detinha,
O terreiro da Ciata
Não era casa mesquinha.

Ali o Pai-de-Terreiro
Não era de fingimento,
Quando santo aparecia
Era o devido momento,
Sem nenhuma falsidade
Que servisse de ornamento.

Tais desmoralizações
Ciata não permitia,
Já pra lá de doze meses
No zungu dela fazia
Que nem Ogum nem Exu
No terreiro aparecia.

Os golinhos da abrideira
De joelhos ou de quatro,
As rezas de invocação
Cantadas em tom bem atro,
Pediam pro Exu baixar
Nesse lúgubre teatro.

À meia-noite lá dentro
Um bode foram comer,
Cuja cabeça e patas
Quiseram oferecer,
Estavam lá no peji
Pra quem desejasse ver.

Salgado em pó de chifre
E raspagem de esporão
De galo de briga invicto
Morto em honra do cão,
Um bode assim bem tratado
Satisfaz a aparição.

A Mãe-de-Santo puxou
A fartura comilança,
Três pelo-sinal cruzados
Seguidos de boa dança
Em volta a mesa cantava
Com fé e muita esperança:

***Bamba querê
Sai Aruê
Mongi gongô
Sai Orobô
Ê!
Ô mungunzá
Bom acaçá,
Vancê nhamanjá
De pai Guenguê
Ê!***

Papeando, pagodeando
O bode foi devorado,
Cada qual com sua pinga
Do garrafão consagrado
Beberam muita caninha
No canto cadenciado.

Macunaíma feliz
Dava grandes gargalhadas,
De repente derribou
Nas toalhas encarnadas
Bastante vinho de mesa
Ante as caras espantadas.

E todos imaginaram
Que naquela noite santa
Estava predestinado,
Mas foi terminando a janta
E notaram que o herói
Estava um todo taranta.

A reza recomeçou
E logo se viu pular
Bem no meio da saleta
Uma fêmea singular
Com gemido meio choro
Um canto novo puxar.

Todos sentiram um tremor
E as velas tristes jogaram
Sombra monstro da cunhã,
E imagens anunciaram
Eis a chegada de Exu!
E os tabaques ressoaram.

Ritmos doidos seguiam
Canto livre, canto novo,
De notas muito afobadas
Cheio de santo e de covo,
Maluco, baixinho êxtase,
Tremendo de fúria o povo.

E a polaca muito bela,
A cara alegre pintada,
Estremecia no centro
Com a roupa arrebatada,
Quase inteiramente nua,
A face desfigurada.

A voz cantando saía
Gemendo coma um neném,
Os peitos balangandavam
Num gostoso vai-e-vem,
Os olhos todos miravam
Com furioso desdém.

Afinal a espuminha
Caiu dos beijos manchados,
Ouviru-se um grito medonho
Todos brancos horrorizados,
Caiu no santo e ficou
Com membros paralisados.

Passou o tempo de silencio
Naquele momento sagrado,
Tia Ciata se ergueu
Pro assento ser trocado
Por um novo que ninguém
Ainda tinha sentado.

A Mãe-de-Terreiro veio
E Ogã vinha com ela,
Todos os outros estavam,
Cada qual com sua vela,
Se achatando nas paredes
Seguindo a passagem dela.

Tia Ciata chegou
A ruiva soltou um grito,
Tava durinha no chão
Fez-se silêncio contrito,
A feiticeira entrou
Com toda força no rito.

A Mãe-de-Santo tirou
Toda a roupa e ficou nua,
Os colares, braceletes,
Brincos de contas de lua,
Praia pingando nos ossos
Toda magia acentua.

Tirou o sangue coalhado
Do bode preto comido
Esfregava na cabeça
Do babalaô escolhido
Até passar toda a cuia
Que Ogã tinha trazido.

Quando derramou o efém
A dura se contorceu,
Gemendo como neném,
Puro enxofre rescendeu
Embebedou o ambiente
E a todos emudeceu.

A Mãe-de-Santo entoou
Reza sagrada de Exu,
A melopéia monótona
Ondeava o corpo nu
No ritmo sincopado
Calmoso do mulundu.

Logo acabou a fêmea abriu
Os olhos bem de mansinho,
Principiou se movendo
De leve abrindo caminho,
Era o cavalo do santo,
Era Exu - o Romãozinho!

O casal de nus dançava
Um jongo improvisado
No ritmo dos estralos
Dos ossos e do costado
Mais as pancadas do peito
E do Ogã atravessado.

Já todos estavam nus
E se esperava a escolha
Do filho-de-santo Exu
Antes que ele recolha,
Pra que Ciata na sala
O jongo temível acolha.

Macunaíma fremia
Esperançoso querendo
Pedir ao cariapemba
Dar um castigo tremendo
No regatão Venceslau
E vê-lo de dor sofrendo.

Não se sabe o que deu nele
Que de sopetão entrou,
Gingando em meio da sala
E Exu logo derribou,
Caiu por cima brincando,
Vitórias de amor entoou.

E foi a consagração
Do herói Macunaíma
E todos se urarizaram
Com grande amor e estima
O filho novo do icá,
A macumba reanima.

A polaca vermelhona
Foi levada pra tripeça,
Começar a adoração
Daquela alma possessa,
Os ladrões, os senadores,
Cercaram Exu sem pressa.

Os jecas, negros, senhoras,
Futeboles, picaretas,
Vinhavam todos se rojando,
Alaranjando as saletas,
E depois do cumprimento
Beijavam as duas tetas.

A louraça se tremia
Rija pingando espuminha,
Molhavam o mata-piolho
Enquanto a santa loirinha
Gemia uns rancos choros
Clamando pela madrinha.

Depois que todos beijaram
Foi a hora dos pedidos:
Um médico fez discurso
Exu deu dois consentidos,
Negou pra um fazendeiro,
Atendeu dois perseguidos.

Afinal chegou a vez
Do novo filho do fute,
Macunaíma falou:
Quero que você escute,
Estou mui contrariado
Com outro filho do bute.

E vancê, como se chama?
Exu quis logo saber,
Macunaíma, o herói.
Pois vou aqui le dizer:
Nome que começa Ma,
Má sina sempre há de ter.

Mas recebeu com carinho
Os pedidos do herói:
Faz sofrer o Venceslau,
Maldade que bem corrói,
Piaimã que come gente,
Felicidade destrói.

Então foi mais horroroso
Tudo que lá se passou:
Exu pegou três pauzinhos
De erva-cidreira e jogou,
Fez no alto encruzilhada
E o Piaimã convocou.

Esperou mais um momento
O eu do gigante entrar
No corpo branco da fêmea
Mandou Exu o filho dar
No eu que estava encarnado
Aquela sova exemplar.

Quero pegar Piaimã
Dar uma tremenda sova
E ver aquele safado
Passar pela pior prova
E depois, pra completar,
Vou mijar na sua cova!

O cão se riu de contente:
Esse cabra é mesmo ruim,
Gente má tenho atendido
Mas nunca tão mau assim!
Disse isso e gargalhou:
Esse vai ficar pra mim!

Com uma tranca bem forte
Deu que mais deu nosso herói
Me espanca bem devagar
Que isso dói, dói, dói, dói,
Eu também tenho família,
E isto que dói, dói, dói.

Enfim roxo de pancada
Sangrando pelo nariz,
Pala boca, pelo ouvido,
Lanhado de cicatriz,
Desmaiou, caiu no chão,
Só não morreu por um triz.

E era horroroso o quadro
Macunaíma ordenou
Pro **eu** do gigante um banho,
Muito sal grosso ele usou,
Água fervente no couro
Quando bateu fumegou!

Macunaíma mandou
Que o **eu** do gigante fosse
Pisando caco de vidro
Num Campo de urtiga-doce
Até as serras dos Andes
O bicho quase acabou-se.

E o corpo de Exu sangrou,
Cem mil unhas de espinhos,
Lapada em vidros picados
Espalhados nos caminhos,
Queimaduras de urtiga
E bicada de estorninhos.

O coice dum bagual,
Guampaço dum marruá,
Dentada dum jacaré,
Unhada de carcará,
Ferroada de novatas,
Surravam o coisa-má.

O corpo se retorceu
Por todo canto sangrando
E quarenta vezes mil
Ferroadas agulhando,
Testa quebrada por casco,
As narinas fumegando.

A sala toda fedia,
Exu gemia pro herói:
Me chifra bem devagar
Que isso dói, dói, dói, dói,
Também eu tenho família
E isso dói, dói, dói, dói!

Macunaíma ordenou
Outras mil coisas assim
E tudo o eu do gigante
Guentou tintim por tintim,
Sem mais nada pra inventar
Deu na vingança um fim.

A fêmea mal respirava
Largada no chão de terra,
Um silêncio fatigado
A cerimônia encerra,
Um horroroso gemido
De pavor todos aterra.

Lá no palácio onde mora
O gigante Venceslau,
Uma agitação sem fim
Interrompeu um sarau,
Veio médico, assistência,
Pra ver se descobre o mal.

Era isso o que ocorria
Lá na Rua Maranhão,
Médicos desesperados
Pra botar o homem são,
Mas pro mal desconhecido
Não existe cura não.

Venceslau Pietro Pietra
Sangrava todo urrando,
Na barriga uma chifrada,
Na testa o coice nefando,
Cheio de manchas e galos,
Queimando e enregelando.

Na macumba o silêncio
Continuava o horror,
Tia Ciata, maneira,
Saiu daquele torpor
E deu início à reza
Padre Nosso do Terror.

Padre Exu achado nosso
Que vós estais no trezeno,
Inferno esquerdo abaixo
Do território terreno,
Nóis te queremos mui muito
Distante do nazareno.

Quereremos! Quereremos!
Nosso Exu de cada dia
Nos dai hoje eternamente,
Tudo de nossa valia,
Faremos vossa vontade
Com muito amor e alegria.

No terreiro da senzala
Que é de Exu também,
Pra pátria jeje de Exu
No aquém e no além,
Glória pro fio de Exu!
Por todo o sempre, amém.

A Tia Ciata acabou
E o herói agradeceu,
Exu sarando, sarando,
Tudo desapareceu,
Ficou sadia a polaca
Quando a caninha correu.

Uma zoeira tremenda
No momento se ouviu,
O cheiro de breu queimado
Na saleta se sentiu
E um anal de azeviche
Da boca dela caiu.

Então voltou do desmaio
Vermelha gorda corada,
Estava só a polaca
Porém muito fatigada,
Exu tinha ido embora
Dele não restava nada.

Pra acabar fizeram festa
Todos comendo presunto,
Dançando samba de arromba
Se divertiram por junto,
Pândegas libertinosas
Bem encerraram o assunto.

Então tudo se acabou
Fazendo a vida real,
Os macumbeiros saíram
Na madrugada irreal,
Bons amigos companheiros,
Um grupo honrado e leal.

Macunaíma e Dodô,
Jaime Ovalle à dianteira,
Blaise Cendrars, Tonho Bento,
Raul Bopp, Ascenso Ferreira,
Mário de Andrade e depois
O velho Manu Bandeira.

VIII

VEI, A SOL

*E cerrando os olhos malandros, com a boca rindo num riso
moleque safado de vida boa, o herói gostou, gostou a
adormeceu.*

Estando ainda no Rio de Janeiro
O herói encontra a árvore Volomã
E, por castigo, uma bela manhã
Numa ilhota é deixado forasteiro.
Cagado de urubu e com mau cheiro
Não ganha nem carona para o céu.
Quando o dia nasce e retira o véu
A Sol vem com três luminosas filhas,
Três morenas d'ouro, três maravilhas,
Três diamantes cintilando ao léu.

Quem salvará o solitário ilhéu?

VIII

Macunaíma um passeio
Desfrutava e lá topou
Com a árvore Volomã,
No galho dela pousou
Um bolo pitiguari
Que um canto desgoelou.

Macunaíma ouviu
Vê-no-caminho-quem-vem!
Olhou pra cima no intento
De agradecer mas porém
Volomã cheia de frutas
Mais parecia um harém.

A barriga empacou
Com tantas horas de fome,
Há tanto tempo o herói
Com tal fartura não come,
Pois era fruta mais fruta
Que sequer se sabe o nome.

Sapotas e sapotilhas,
Abricós e bacuris,
Maracujás, gubijus,
Melancias, miritis,
Araticuns e mangabas,
Pitombas e sapotis.

Tem juçara, guabirobas,
Cupuaçu, graviola,
Fruta-pão muita pupunha,
Tem pitanga e carambola,
Murici, jaca, caju,
Buriti mais curiola.

Volomã, dá uma fruta?
Macunaíma pediu,
Ela não quis dar nenhuma,
O herói gritou, repetiu
Êi! Boioiô! Boioiô!
Quizama, quizu, quiziu.

Como um passe de mágica
Todas as frutas caíram,
O herói comeu muito bem,
Mas logo seus olhos viram
Que o ódio da Volomã
Muitas vinganças pediram.

Pegou o herói pelos pés
E bajugou bem distante
Da baía Guanabara
Caindo lá adiante
Numa ilhota deserta
Já dormindo ressonante.

Uma ilhota habitada
No tempo de antigamente
Pala ninfeta Alamoia
Quando a tropa mui valente
Do flamengo aventureiro
Por acá sentou batente.

Macunaíma pendia
Tanta tanto de fadiga
Que continuou no sono
Debaixo de sombra amiga
Da palmeirinha guairô
Ouvindo no ar a cantiga.

Encima da palmeirinha
Estava encarapitado
Um nobre urubu-ministro
Também no sono ferrado
E quando o herói acordou
Estava todo cagado.

O pássaro careceu
De fazer necessidade,
Deixou o herói meladinho
Porém sem qualquer maldade,
Era de madrugada,
Fria com muita umidade.

Macunaíma acordou,
O corpo todo tremendo,
Assim mesmo examinou
Os recantos percorrendo
Para ver se não havia
Algum tesouro estupendo.

Porém nem havia ouro
Nem corrente encantada
Que indica ao escolhido
Onde meter a enxada,
Havia só as formigas
Jaquitaguas encarnadas.

Então passou Caiuanogue,
A Estrela-da-Manhã,
Macunaíma enjoado
De viver a vida vã
Pedi que lhe carregasse
Pra longe da Volomã.

Caiuanogue se chegou
Para atender ao pedido
Porém o nosso herói
Estava muito fedido
Gritou: Vai tomar banho!
Assim nasceu o sentido.

Vinha passando Capei,
É este o nome da lua,
Macunaíma gritou:
Dindinha a bênção sua!
Pode me fazer favor
De me carregar pra rua?

Macunaíma queria
Ir pra ilha Marajó,
Mas tava fedendo muito
E todo sujo de pó,
Capei mandou tomar banho
E de novo o deixou só.

Macunaíma gritou,
Já que tava muito frio:
Dê ao menos um foguinho
Pra me aquecer neste Rio!
Pois peça pro meu vizinho
Que na aurora já surgiu.

Macunaíma tremia
Encolhido na palmeira,
E o urubu soltava nele
A mais fedida porqueira,
Pois a ilhota pequenina
Só deixava aquela beira.

A Vei vinha se chegando
Bem molhada de suor
(Vei era a Sol, todos sabem)
Deixou o herói bem melhor,
Pra ele a Sol agradava
E aquetava seu redor.

Vei pegou Macunaíma
Numa jangada de vela
Pintada de murici
E pegou as filhas dela
Pra limpar o corpo dele
Da sujeira e da mazela.

Macunaíma ficou
Alinhadinho outra vez,
Sem carrapato, bem limpo,
Parecendo um burguês,
Unhas limpas, aparadas,
Cheirando aroma francês.

Porém por causa da Vei
Estar bem velha, vermelha,
Não malicia o herói
Que a Sol ali se espelha
Na madrugada do dia
Espreitando de esquelha.

Mas era Vei a Sol mesmo
Que andava matinando
De fazer Macunaíma
Genro dela lhe casando
Com qualquer de suas filhas
Que o estava acarinhando.

Somente que não podia
Ainda aquecer ninguém,
Era cedo por demais
E o frio o calor retém,
Era pouca a sua força
E a pobre poncho não tem.

Pra distrair a espera
As filhas dela fizeram
Cosquinhas e cafunés
E tudo que mais quiseram,
Mui nervoso ele se ria
Do gozo que elas deram.

Macunaíma brincava
Gostando muito daquilo,
Porém Vei lhe pôs reparo
E o sem-vergonha tranqüilo
Se estorcia de antegoço
Com o amoroso pugilo.

Com raiva a Sol sem vontade
De ninguém mais esquentar,
Escondeu todo o seu fogo
E parou de respirar
Aquele arzinho quente
Ninguém mais pôde gozar.

As cunhatãs se revoltam
E amarraram toda ela,
O herói deu uns munhecaços
Na barriga a na goela,
Fez sair um fogaréu
Bem da traseira dela.

Foi assim que começou
Um tremendo calorão,
Pelas águas se alastrou,
Se espalhou na imensidão,
Dourou a face do ar,
Fez o Rio maganão.

Macunaíma deitado
Na jangada cobreava,
Naquela quebreira azul
O silêncio alargava,
Todo o vasto paraná
O herói dengoso gozava.

Ai! Que preguiça! dizia,
E ecoava o murmurejo
Das ondas da Guanabara,
O herói reteve um bocejo,
Veio um enfaro feliz
Do passeio benfazejo.

Uma música manhosa
A cunhã moça batia,
Num urucungo africano
O som no vale escorria,
Nenhuma nuvem no céu
Na gupiara escorria.

Cruzou por trás a munheca
Das mãos fez um travesseiro,
A filha-da-luz mais velha
Espantava o mosquiteiro,
Borrachudo, maruim,
Tinha demais no pesqueiro.

Esta terceira chinoca
Com a pontinha da trança
Fazia tremer de gosto
As gordurinhas da pança,
O herói tava viciado
Naquela boa folgança.

Pois assim se rindo a toa
Em plena felicidade,
Parava para gozar
Com sentimentalidade
A beleza das estrofes
Desta canção de saudade:

***Quando eu morrer não me chore,
Deixo a vida sem sodade;***

– Mandu sarará,

***Tive por pai o desterro,
Por mãe a infelicidade.***

– Mandu sarará,

***Papai chegou e me disse:
– Não hás de ter um amor!***

– Mandu sarará,

***Mamãe veio e me botou
Um colar feito de dor.***

– Mandu sarará,

***Que o tatu prepare a cova
Dos seus dentes desdentados,***

– Mandu sarará,

***Para o mais desinfeliz
De to do s os desgraçados,***

– Mandu sarará.

Era bom. O corpo dele
Relumeava de ouro,
Cinzando nos cristaizinhos
Das gotas do suadouro,
For causes da maresia
Que salpicava no couro.

O ventre mexemexendo
Das cosquinhas da mulher,
Ai! Gozou do nosso gozo
Com saber e com mister,
Cerrando o olhar malandro,
Dormitou como qualquer.

Quando a jacunã da Vei
Não embalou mais o sono,
Macunaíma acordou
Lezo naquele abandono,
Riso moleque safado,
De vida boa sem dono.

Lá longe se percebia
O arranha-céu cor-de-rosa,
A jangada enfim chegou
Numa terra montanhosa,
Era a maloca chamada
Cidade Maravilhosa.

Tava a jangada abicada
Bem no Rio de Janeiro
Da tribo dos cariocas
Povo moreno, faceiro,
Rei do pagode e do samba,
Do camelô e bicheiro.

Nesse lugar mora Vei
Com as três filhas de luz,
Que quer o herói como genro
Pois isso logo o seduz,
Casar com uma das filhas
A que mais bela reluz.

Meu genro você carece
Casar com uma das filhas,
O dote que dou pra ti,
Um reino de maravilhas:
Oropa, França, Bahia,
Ilhas Malvinas, Antilhas.

Mas porém vai ser fiel
E não pode andar assim
Brincando com as cunhãs
Por esse mundo sem fim.
O herói então prometeu
Não ser um cabra ruim.

Com as três filhas Vei saiu
A passear no cerradão,
O herói ficou matutando
Sozinho na solidão,
A vontade foi chegando
Trazida pelo calorão.

Tanta cunhã que passava
Com talento e formosura,
Os peitos balangandando
Soltos naquela quentura,
Os quadris samba sambavam
E no olhar muita candura.

Que o fogo devore tudo!
Não sou bocó nem um frouxo
Pra mulher me fazer mal!
Não vou guentiar tal arrocho
Do poder matriarcal
Nem que fosse do carochão!

Levantou-se da jangada
Por força de uma idéia,
O braço pro alto em riste,
Trepado numa boleia,
Por cima da pátria forte,
Decretou Para a platéia:

***Pouca saúde de menos
E de mais muita saúde
Os males do Brasil são!***
Depois dessa maranduba
Foi caçar as cunhatãs,
Noiva, casada, viúva.

Logo logo topou uma
Que fôra um dia varina,
Na terra lusa vendia
Pescado desde menina,
Inda cheirava, no-mais!
O cheiro bom da salina.

De passagem foi fazer
Uma honrada continência
Ao capitão Santo Antônio,
Homem de muita ciência,
E ao Barão de Mauá,
Também prestou deferência.

O herói piscou pra varina
E na jangada estiveram
O dia todo a brincar
E tudo que mais quiseram,
Brincaram que mais brincar
De tanto amor que fizeram.

Vei mais as filhas chegaram
Já era boca-da-noite,
As moças vinham na frente
Viram o casal no acoite,
Ela montada no herói,
O herói metendo o açoite!

Pois assim é que se faz?
Nossa mãe Vei não falou
Pra não sair da jangada?
Como vancê escapou
Pra brincar com as cunhãs
Desse jeito que brincou?

Inda por cima cê brinca
Na mesma jangada minha?
Agora estão se sorrindo,
Se tirando uma lasquinha?
Eu tava muito tristinho,
Perdoa minha madrinha.

As meninas tavam putas,
Foram se queixar pra Vei,
A Sol se queimou ralhou:
Ara! Ara! Não falei,
Meus cuidados e vancê
Vacilou na minha Lei?

Inda diz que tá tristinho
Que Mané tristinho, herói:
Vancê não me obedeceu
E agora todo se rói?
Eu vou rogar uma praga
Pra ver se ela o destrói.

Se tivesse obedecido
Com minha filha casava,
Moco, rico e bonitão
Eternamente ficava,
A sua sem-vergonhice
Sua sepultura cava!

Pois agora você fica
Por pouco tempo um moço,
Talqualmente todo homem
Depois vai ficando insosso,
Mocetudo, mas sem graça,
Sem brincar, sem alvoroço.

Macunaíma sentiu,
Queria se lamentar,
Suspirou Si eu soubesse...
Vei nem o deixou falar,
Pensou de novo o herói:
Não adianta chorar.

Si eu soubesse é Santo
Que nunca valeu a ninguém,
Vancê a mui safadinho,
Meus cuidados sabe bem,
Não to dou mais minha filha!
E Vei cuspiu com desdém.

E daí Macunaíma
Pisou nos calos de vez:
Pois nem queria nenhuma
Que tem o número três,
Não tou maluco nem louco,
Porque três o diabo fez!

Então Vei com as três filhas
Foram morar num hotel,
O herói ficou na jangada
Fazendo dela um bordel,
Com a portuga brincando
Num pedacinho do céu.

Pouco chega a madrugada,
Veio a Sol com as três moças
Passearem na baía,
Vendo as estrelas nas poças,
Viram o herói e a varina
Dormindo de forma insossa.

A Sol deixou de presente
A maga pedra Vató,
É a pedra que dá fogo
Da Ilha de Marajó,
E Vei se foi com as filhas
Luminosas num trenó.

Mais de três dias seguidos
Que passou Macunaíma
Brincando pela cidade
Com a baroa varina
Quando surgiu numa noite
Uma aparição malina.

Era Mianiquê-Teibê
Que vinha para engolir
O herói Macunaíma...
Tinha umbigo para ouvir,
Os dedos pra respirar,
As mamas pra reluzir.

A boca era duas bocas
Escondidas no dedão,
Macunaíma acordou
No bafo da assombração,
Jogou no viado por fora
Mas ela não salvou não.

No outro dia o herói
No Rio não achou graça,
Trocou a pedra Vató
Em algum jornal da praça
Por uma foto saída
Ao lado duma ricaça.

E em seguida viajou
Pra taba do igarapé
Onde Dom Pedro gritou
Gajo, assim não mais dá pé!
Foi pra cidade São Paulo
E pro Paraná Tietê...

IX

CARTA PRAS ICAMIABAS

*Em breve seremos novamente uma colônia da Inglaterra ou
da América do Norte.*

Longe das icamiabas o herói
Escreve longa carta mal sofrida.
Linguagem castiça, desenxabida,
Relata a mágoa que o peito corrói,
Narra a saudade que n'alma lhe dói,
A cidade e o povo tietêense
Na pena do profícuo amanuense
Sofrem rigorosa necropsopia:
E pensar que no passado, algum dia,
Só falava o puro tapanhunense.

Também aqui há mistério e suspense.

IX

O herói querendo prestar
Contas a seus subalternos,
Escreveu uma longa carta
Com seus problemas internos,
Mas não deixou de vazar
Os elogios mais ternos.

Queridas súditas nossas,
Senhoras das Amazonas,
Daqui da grande São Paulo,
Terra de muitos japons,
Escrevo-vos do meu trono
Cercado de mocetonas.

Hoje a trinta de maio
Do ano mil novecentos,
Década de vinte e seis,
Renovo meus sentimentos
Pois são muitas as saudades
E maiores sofrimentos.

A nossa boa São Paulo,
A maior do Universo:
Desconhece vossa vida,
Por isso muito converso
Em conferências mostro
O nosso lado reverso.

Muito nos pesou a nós
Dislates de erudição,
Mas porém heis de convir
Que com esta redação
Ficais heróicas conspícuas,
Da platina tradição...

Nem cinco sóis são passados
Que partíramos de vós
E temerosa desdita
Demais pesou sobre nós:
Perdi a muiraquitã
Na desgraça mais atroz.

Saibam também que guerreiros
Esses que vivem por cá
Não buscam damas mavórticas
Como as que andam por lá.
Por amor epitalâmico
Que no nosso Brasil há.

Antes preferem as dóceis
Mais facilmente trocáveis
Pelas folhas de papel
Pequeninas e adoráveis
Que o vulgo chama dinheiro
Ambição dos miseráveis.

Custa vir-me alegria
Já estou mui abatido
Por ter o meu talismã
Em algum lugar perdido,
Procuro desesperado
Mas não fui bem sucedido.

Um influxo metapsíquico
Provocado por saudoso
E dolorida libido,
Arcanjo Maravilhoso
Apareceu no meu sonho
Deixando-me esperançoso.

Por aí fiquei sabendo
Que meu caro talismã
Estava nas mãos diletas
Dum regatão mui tantã,
Venceslau Pietro Pietra,
O terrível Piaimã.

Sabeis que as donas de cá,
Não se derriba a paulada?
E nem brincar por brincar
Se a gente não vos dá nada?
Adoram o vil metal,
O champanha, a lagostada.

Assim podeis entender
Que alvíssaras falamos,
As lagostas são caríssimas
Com a inflação que estamos
O cacau não deu pra nada
E na falência ficamos.

Bem que quis até impor
A feroz abstinência,
Apagar ardida chama
Para poupar consciência,
Mas o encanto das pastoras
Quebrou-me a resistência.

Pois andam alas vestidas
De jóias mui rutilantes,
Roupas de panos finíssimos
Que as tornam elegantes,
Acentuam o donaire
E as formas abundantes.

Mal encobrem suas graças
De formoso torneado,
A nenhuma outras cedem
Pelo tom do bom rosado,
São sempre alvas as donas
E de porte avantajado.

Mostram tais habilidades
Na hora de se brincar
Que seria fastiando
Aqui as enumerar,
Jeitos até importados
Difíceis de imaginar.

Chamam papai-e-mamãe,
Frango assado, torniquete,
Posição-da-flor-de-lótus,
Cunilingus ou minete,
Sessenta-e-nove, balanço,
Carro, trenzinho, brochette.

Todas essas coisas tais
Para o casal que galopa
Do mais sublime e gentil
Que hoje por cá se topa,
Aprenderam com as mestras
Que vieram da Europa.

Existe por cá as polacas
Donas de grande fartura,
Fartas ancas, fartos seios,
Ricas de tal formosura
Que moram em palacetes
Na chamada zona impura.

Dizem que as ditas polacas
São donas de muitas prendas
E o que tem de fartura
São no brincar estupendas,
O coração tem nas mãos,
Miolo nas partes pudendas.

Estimo caras Senhoras
Que convidais essas damas
Para a terra Império nosso
Para ver se tantas chamas
Se transmitem por estudo
Para os prazeres das camas.

Porém haveis de cuidar
De outros males maiores,
São as doenças venéreas
E outros vícios menores,
Agora surgiu a AIDS
Que é uma das piores.

Como vedes assaz hemos
Aproveitado a demora
No ilustre chão bandeirante
Porém, sinto, até agora
Não achei meu talismã
Mas não tardará a hora.

Contaram-me eu vos conto
Como era esta cidade:
Águas então magníficas
De incrível mansidade
Beijavam os pés verdejantes
Trazendo tranqüilidade.

São águas do igarapé
Da linfa do Tietê
Que enfeitam o convívio,
Elegância e seu cachet,
Da cidade anchietana
Para quem de longe vê.

A cidade é belíssima
E mui grato seu convívio,
Cortada de avenidas
E de passagem de nível,
Recamadas de papéis
E restos de comestível.

Lampiões graciosíssimos
E de rara escultura
Estreitam algumas ruas,
Entretanto a esta altura
É tanta a população
Que vive muita abertura.

Bondes, ônibus e trens,
Veículos, bicicletas,
Ocupam todas artérias,
Tais posturas incorretas
Tornam maior a bagunça
Que assusta os estetas.

Assim tão organizado
Viva e prospera o paulista,
Em perfeitíssima ordem
E progresso calculista:
Em vez do quatrocentão
Quem trabalha é o nortista!

Minhas Senhoras porém,
Inda tanto aqui nos sobra
Neste grandioso país
Que em muito se desdobra:
Doenças, pragas, saúvas,
Tudo que de mau se obra.

Tanto é assim que logo,
Por tamanho descalabro,
Já seremos novamente
Líquido, conspícuo, glabro,
Uma colônia servil
Apesar do povo fabro.

E para eterna lembrança
Desse povo paulistão,
A única gente útil
Que consta desta nação,
Digo qual é a desgraça,
Males que do Brasil são.

Primo, a pouca saúde
E demais impaludismo,
Muita saúva no campo
E o excessivo otimismo,
A seca grassa no Norte,
No Sul o sem-vergonhismo.

Moram os tais paulistanos
Em palácios alterosos
De cinqüenta ou cem andares,
Imponentes, luminosos,
Revestidos e cobertos
De mármore mais formosos.

A língua que aqui se fala
E uma e outra a escrita:
Fala-se a língua mais chula,
Escreve-se a mais bonita,
Esta é de um tal Camões,
Aquela - a fala maldita.

Pois Senhoras Amazonas
Vós heis de saber ainda
Que a estes tais progressos
Civilização tão linda,
Hão elevados os maiores
Políticos à berlinda.

Elsa raça refinada
Dos infindáveis doutores
São monstros de sapiência
Que destilam seus humores
Na falácia desonesta
Dos grandes sabotadores.

O Papal Grande de todos
Políticos recitados
É chamado Presidente
Eleito por aliados
Ou por poder militar
Que muito golpe tem dado.

Por cá são tudo delícias,
Prazeres, gozos, venturas,
Pesar de termos sofrido
Algumas más desventuras,
Nenhum descanso teremos
Nas nossas muitas procuras.

Pro talismã reaver
Das mãos do tal Venceslau
Farei negociações
Pois sei, o homem é mau,
Mandai de antemão alvíssaras
E um bocado de cacau!

Com pouco vosso abstêmio
Imperador se contenta:
Se não puderdes mandar
Igaras mais de duzentas,
Mandai ao menos as cem,
Ou então só as cinqüenta.

Recebei vós as bênções
Deste vosso Imperador,
Saúde e fraternidade
E guardai vosso esplendor
Pra quando aí retornar
Glorioso e vencedor.

Ci guarde a
Vossas Excias.

Macunaíma
Imperator.

X

PAUI-PÓDOLE

E agora são as estrelinhas do céu.

Macunaíma a pedra não recobra
E vai ao centro no Dia da Flor,
Piaimã busca alívio à sua dor
Que o herói provocara na manobra,
Mais planos de vingança ele desdobra,
No Ipiranga ao ver fogos de artifício,
Considera a missão bem mais difícil
Que dissertar no Dia do Cruzeiro,
Raiz do constelado brasileiro,
Ao povo que assiste ao exercício.

Mas nada do que falou é fictício.

X

Venceslau Pietro Pietra
Muito doente ficara
Com a sova que a macumba
Do herói lhe aplicara,
Todo envolvido de gaze
Dele só se via a cara.

E passou mesas na rede
Ali imobilizado,
Por isso o herói não podia
Dar um passo adiantado
Pra rever o talismã
Que estava mui bem guardado.

Dentro de um caramujo
Sob o corpo do gigante
Pensou o herói retirar
O amuleto coruscante
Mas tava um chove-não-molha
Francamente irritante.

Formiga cupim tentou
Botar no chinelo dele
Porque, dizem, traz a morte,
Não conseguiu porque ele
Tinha os dois pés para trás
E não usava aquele...

Todo o dia o herói passava
Mastigando um bom beiju
Com codórios de restilo
E ovinhos de nhambu
Quando chegou na pensão
Um cacique aracaju.

E veio pedir pousada
Na pensão o Índio Antonio,
Santo caraí famoso,
Inimigo do demônio,
Ao lado de Mãe de Deus
Provocava pandemônio.

Foi ver o Macunaíma,
Fez discurso e batizou
Ante o deus que inda viria,
Que ele idealizou,
Nem bem peixe nem bem anta,
Conforme ali explicou.

Assim que Macunaíma
Entrou pra religião
Chamada Caraimonhaga
Oriunda do sertão
Da terra Santa Bahia
Do samba e do baião.

Macunaíma na espera
Estudava muito aflito
O brasileiro falado,
E o brasileiro escrito,
Sabia o nome de tudo
Do começo ao infinito.

Chegou o dia da Flor
Que foi festa inventada
Pros brasileiros mais bons
E de família enricada
Serem muito caridosos
Com a plebe abandonada.

E coma lá na pensão
Tava cheio de mosquitos,
Macunaíma largou
De mexer nos seus escritos,
Foi pro Centro da cidade
Ver maquinários bonitos.

Foi e viu um despropósito
De coisa em cada vitrina,
Dentro dela tantos monstros
Que parecia a ravina
Da Serra do Ererê,
Como conta a lei divina.

Foi ali que a bicharada
Se recolheu quando a enchente
Maior que teve no mundo
Castigou o ser vivente,
Conta a lenda tapanhumas
Que morreu muito inocente.

Passeava, passeava
E achou uma cunhatã
Trazendo uma urupema
Cheia de rosa-pagã,
Na lapela colocou
Aquela flor temporã.

Custa mil-réis, declarou
Pro herói contrariado
Por não saber como o nome
Do buraco dilatado
Onde a cunhatã havia
A flor-rosa enfiado.

Esgarafunchou a memória
Mas não achou mesmo o nome,
Quis apelidar buraco
Mao u coisa de renome,
A gente escreve orifício
Mas no falar ele some...

Após pensamentear
Viu que não havia meio
Do tal nome descobrir,
Disse à moça com receio
A senhora me arrumou
Um dia-de-judeu feio.

Nunca mais me bote flor,
Dona, aqui neste puíto!
Macunaíma era mesmo
Um desbocado maldito
Uma bocagem mui porca
Pra cunhatã tinha dito.

Porém ela não sabia
Que aquilo era bocagem,
Achou graça na palavra
Repetiu a pavulagem,
Maginou que era moda
E pegou na vassalagem.

Se pôs falando pra gente
Se queriam que botasse
Um a rosa no puíto
E como muito gostasse
Acabou o *boutonnière*
Sem que ninguém reclamasse.

Macunaíma ficou
De azeite uma semana,
Sem comer a sem brincar
Pois a língua paulistana
Por tudo quis aprender
E não passar por banana.

Era dia do Cruzeiro
Quando o domingo chegou,
Domingo pé-de-cachimbo,
O brasileiro inventou
Um feriado de male:
Muito trabalho o cansou.

De manhã teve parada,
De tarde missa campal,
Dezessete teve corso
Como tem no carnaval,
E batalha de confetes
Na avenida principal.

E depois da passeata
Dos edis e deputados,
Queima fogos de artifício
Pros muitos desocupados,
Ali foi Macunaíma
Espairecer seus enfados.

Nem bem saiu da pensão
Topou a cunhã loiríssima,
Filhinha-da-mandioca
Toda de roupa finíssima,
Um chapéu de tucumã
De margaridas belíssimas.

Chamava Fraulein a bela
Carente de proteção,
Foram juntos pro Ipiranga,
O parque todo lindão,
Repuxos de luz elétrica
Enfeitavam a escuridão.

Gente encostava na outra
No meio do burburinho,
Mãos se agarravam no escuro
Trocando muito carinho,
Assim a lourinha fez
Deixando o herói maluquinho.

Pois então a alemãozinha,
Chorando mui comovida,
Pedi pra ele deixar
Enfiar a margarida
Dentro do puíto dele
Como uma prova querida.

Primeiro o herói ficou
Assim de sarapantado:
Depois que ligou os fatos
E repensou com cuidado
Uma gargalhada deu
Vendo o fato consumado.

Mas o case é que puíto
Já entrara pras revistas,
Estudado em faculdades,
Filólogos, cientistas,
Deixavam mais que assente
A catalepse elipsista...

Ficou assim definido
Que a palavra puíto
Tem origem no latim,
Vem do termo rabanitu,
Encontrado em documento
Medieval manuscrito.

Nesse momento um mulato
Da maior mulataria,
Trepou-se numa estátua
E com muita euforia
Principiou um discurso
Sobre o Cruzeiro e o dia.

No escampado da noite
Nem nuvem e nem Capei,
A gente enxergava tudo,
Pai-das-Aves, Ágnus-Dei,
E todas essas estrelas
Piscapiscando sem lei.

Macunaíma escutava
Concordando agradecido,
Com a fala comprimida
Cheia de muito sentido,
Do sacrossanto Cruzeiro
De lucilante luzido...

Brasileiro e brasileira!
Que o outro discursava,
Quatro estrelas rutilantes
Que Castro Alves amava.
Não é não! Amada pátria,
Não é não! O herói gritava.

E a turba assim açulada
Repetia Não é não!
Em coro com nosso herói
No meio da multidão:
Meus senhores e senhoras!
Reparem na amplidão!

Juro que as estrelas lá
No vasto campo do céu,
Digo que é o Pai do Mutum!
Logo depois da Babel,
Era uma vez os cunhados
Vivendo os dois ao léu.

No tempo que os animais
Não eram seres humanos,
Os dois famosos cunhados
Evitando desenganos,
Foram pro mato caçar
Pelas brenhas dos Fulanos.

Camã-Pabinque ficou
For ali pererecando,
Quando o cunhado encontrou
Na galhada descansando
Pai-Pódole e o compadre
Camaiuíá rebrilhando.

O Pai do Mutum já foi,
Num tempo muito de dantes,
Assim como o vagalume,
Igual a nós habitantes.
Isso fez o feiticeiro
Voltar de pulmões arfantes.

Chegou falou pro cunhado
Que bem que tinha querido
Matar de sarabatana
Pai-Pódole escondido,
Não alcançou o poleiro
Onde ele tava metido.

Sabendo do acontecido
Outro dia manhãzinha
Camã-Pabinque saiu
De repente, num nadinha,
Virou numa tocandeira
E foi subindo mansinha.

Mas aquela formigona
Pai do Mutum enxergou,
Encheu o peito de ar
Um pio forte soprou,
Bateu ventarrão tamanho
E ele do pau despencou.

Virou pois na tacuri
Opalá que é bem menor
E foi subindo outra vez,
Porém mirando ao redor
Paui-Pódole assoprou
E o tombo foi bem pior.

Camã-Pabinque se fez
Numa lavapé famada
E assubiu na acupu
Onde a ave empoleirada
E trazendo o não-se-diz
Pregou-lhe uma ferroada.

Esguichou ácido-fórmico
Aé, chiii, isso minha gente!
Fez Paui-Pódole abrir,
Ressentindo a dor latente
Um vôo que fez espirrar
A formiguinha valente.

Desse susto que pegou
O feiticeiro não pode
Sair do corpo de Megue
E por menos que incomode
É uma praga que fica
E as lavouras sacode.

No outro dia o mutum
Pra não padecer na terra
Quis logo morar no céu,
Pro vagalume que erra
Com lanterninhas acesas
Pedi pra luzir a serra.

A nuvem de vagalume
Foram tudo alumando,
Gostaram de lá do céu,
Ficaram atravessando,
Paui-Pódole avoou
Nunca mais aqui voltando.

Minha gente: aquelas quatro
Estrelas não é Cruzeiro
Nem mais Cruzeiro que nada!
É o Pai do Mutum, lampeiro,
No campo vasto do céu.
Cobrindo o Brasil inteiro!

Macunaíma parou
De falar já fatigado,
Do povolêu se ergueu
Um murmurejo danado
Fazendo relumear
O povo felicitado.

Imenso contentamento
Daquela paulistanada
Mandando olhar de assombro
Para a planície estrelada,
De-primeiro foram gente
Agora estrela encantada.

O povo se retirou
Feliz no coração cheio,
Das muitas estrelas vivas
De cintilante candeio,
Ninguém se amolava mais
Com belezas de recreio.

E foram todos dormir
E a escuridão se fez,
Macunaíma parado
Olhou pro céu com mudez,
Paui-Pódole se ria
Em serena esplendidez.

Parecendo trem-de-ferro
Um pio comprido soltou,
Todas as luzes do parque
O sopro forte apagou,
Assim o Pai do Mutum
Mansamente se afastou.

O herói ia agradecer
Porém o pássaro ergueu
A poeira da neblina
Todo o parque escureceu,
Na carreira esparramada
Num triz desapareceu.

XI

A VELHA CEIUCI

Eu menti.

O que faz um resfriado que chega
E pega o índio assim desprevenido!
Pensa que é só porque dormiu vestido
Ou falta de um casaco de borrega.
Mas o vírus aportou com a galega
Vindo farto enjaulado na galera
E aqui desembarcou em prisca era
Dizimando o povo irmão tapanhumas,
De tantas tribos sobraram só algumas
Fugindo desse mal do Anhangüera.

A seguir o herói enfrenta nova fera.

XI

No outro dia o herói
Acordou mui constipado,
Apesar do calorão
Ele dormiu enroupado,
Pavor da Caruviana
De pegá-lo nu deitado.

Estava muito ganjento
Em virtude do sucesso
Que alcançou no discurso
E agora em pleno recesso
Resguardou uns quinze dias
Para a rua ter acesso.

Tava querendo contar
Mais alguns causos pro povo
Porém já de manhãzinha
Sentiu saudade de novo
Resolveu não contar nada
Pra não passar por pacovo.

Lembra o ditado que diz
Com muita sabedoria
Aquele que conta causo
Durante a parte do dia,
Não tem jeito – tá escrito:
Cria rabo de cotia.

Por isso que convidou
Os manos para caçar,
Lá no Bosque da Saúde
Pararam pra espreitar
Tacaram fogo na mata
E algum viado espantar.

Porém não tinha viado
Logo a queimada acabou,
Me diz – Jacaré saiu?
Pois nem viado saltou,
Um catingueiro ou mateiro
Nada da caça sobrou.

Saiu só dois ratos magros
Torradinhos chamuscados,
Macunaíma caçou
Aqueles pobres coitados,
Papou os bichos sozinho,
Voltou a passos rasgados.

Em lá chegando ajuntou
Vizinhos, cunhãs, patroa,
Criados e datilógrafas,
Estudantes, gente à toa,
Muito empregado público,
Secretária muito boa.

Contou pra eles que tinha
Ido ao Arouche caçar,
Dois viados catingueiros
Lá conseguiu derribar,
Um naco vinha trazendo,
Deixei um cão devorar.

A gente sarapantou
Com tamanho sucedido,
Desconfiaram do herói
Que podia ter mentido,
Os dois manos voltaram
Ficou tudo esclarecido.

Mas que catingueiro seu!
O herói não matou viado:
Não tinha viado não!
Estando de fome arado
Macunaíma comeu
Um par de ratos torrado.

Então vizinhos notaram
Que era tudo mentira,
Tiveram raiva e entraram
Com uma peia de embira,
Queriam saber do herói
Como dessa ele se pira.

Macunaíma tocava
Numa flauta de mamão,
Parou o sopro sossegado,
Olhou com admiração:
Pra que tanta gente sô!
Isso é mau pro coração.

E com raiva perguntaram
Que qui você caçou mesmo?
Foi dois viados mateiros!
Todos gozaram a esmo:
Herói você só comeu
Dois ratinhos de torresmo:

Macunaíma olhou
Com ar mui inteligente,
OuvIU a patroa ralhar
Depois disse Menti gente!
Mãe não foi por querer não,
Juro que estou inocente!

Jogou a flautinha lá fora
Pigarreou no ganzá,
Descantou a tarde toda
Uma modinha de lá,
Um canto mui sorumbático
Do tempo que era piá.

Lá fora a vista chorava
Do entardecer a tristura
E vindo da cerração
O passado se mistura
Com a saudade de Ci
De inesquecível figura.

Macunaíma sentiu-se
Desinfeliz como o quê,
Chamou os manos e juntos
Com Maanape mais Jiguê
Relembaram longamente
As malocas de sapê.

Maanape e Jiguê sentaram
E ficaram conversando
Sobre Ci – a Mãe do Mato,
E a saudade espalhando
Lembraram do Uraricoera,
Das aves ali em bando.

Lá eles tinham nascido
Deitados nos macurus,
Se riam um para o outro,
Brincavam na areia nus,
Nos rios davam mergulhos
Fugindo dos candirus.

Encostados nas maquiras,
Lá no limpo do mucambo,
Os guarás cantacantavam
Aparentando um molambo,
Quinze vezes mil espécies
Deixavam o mate bambo.

Uma feita o branco trouxe
Lá das terras dos ingleses,
Dentro dum sapiquá gótico
Um vírus que durou meses,
A gripe veio e ficou,
Nos índios os bons fregueses.

Pois essa gripe fazia
Macunaíma chorar,
Tanto chorar de sodade
A doença foi morar
Com as formigas mumbucas
Tão pretas de arrepiar.

Na escuridão o calorão
Se amaciava saindo
Das águas negras do rio
Para trabalhar sorrindo
Cantava alguma modinha
Quando a tarde ia caindo.

Lembrou a mãe transvirada
Numa coxilha bem mansa
Lá no Pai da Tocandeira,
Esse passado não cansa:
Oh! Era mui bom por lá,
Terra de farta bonança.

Os três manos perceberam
Bem pertinho o murmurejo
Do grande Uraricoera,
No rio viram o arpejo
Do cantar da passarada
No seu constante festejo.

O herói se jogou pra trás
Chorando farto na cama,
Como costuma ocorrer
Se a gente perde o que ama,
Quando o chororô acabou
Saiu pra tomar uma brahma.

Se lembrou de ofender
Com uma bocage bem nova
Vinda fresquinha da Austrália
Mas foi fazer uma prova
Na Máquina telefone
Que tinha ali numa cova,

Mas não conseguiu ligar
A Máquina com defeito,
E dessa idéia largou
Antes de ir para o leito,
Fava de papará
Fumou dormiu satisfeito.

Noutro dia se alembrou
De se vingar os dois manos,
Levantou madrugadinha
Foi pra debaixo dos panos
Com a patroa na cama
Esquecer os desenganos.

Depois retornou afobado
Para passar o pealo
Armado para os dois manos
E foi dizendo de estalo:
Vi rasto fresco de anta,
Vamos papar o regalo:

Mas que me diz ó perdiz!
Quem hávera de dizer!
Ninguém matou um tapir
Mas é difícil de crer,
Que foram caçar o bicho
Pra boa pacuera comer.

Chegaram lá na cidade,
Na rua sem nenhum pasto,
Aquele mundão de gente
Tudo procurando rasto,
Comerciantes, baixistas,
Matarazzos, povo fasto.

Procuraram, procuraram,
Alguém achou? Nem eles!
Macunaíma seguia
Na campeação daqueles
Locais que deviam ter,
Mas não era terra deles.

Aonde você viu o rastro?
Macunaíma não sabe,
Não tem nenhum rasto não!
A fúria neles não cabe,
O herói inventa uma frase
Antes que tudo desabe.

Hê Tetápe, dzónanei
Permonéite hê netaíte.
Não pára de campear,
Falando com apetite
A frase que inventou
Pra evitar o desquite.

Dois manos teque-teque,
Madalenas, regatões,
Hungareses, camelôs,
Carcamanos e zangões,
Campeando, campeando,
A paulistada aos montões.

Macunaíma quieto
A frase só repetia,
O povo aí perguntou
O quê ele assim dizia,
Então falou Eu não sei,
De menino ouvi um dia.

O povaréu se queimou
Ao descobrir a tramóia:
Isso não fica assim não,
Vão linchar o lambisgóia,
O moço só sai daqui
Carregado na tipóia.

Macunaíma tirou
O seu cuzinho da reta:
Eu não pedi pra ninguém
Me socorrer nesta meta,
Foi Maanape mais Jiguê
Que tem a culpa completa.

A turba tava zangada
Querendo armar uma briga,
Já todos (e eram muitos),
Remaniscavam intriga,
Um estudante do auto
Começou logo a cantiga.

O aluno discursava
O povo dizia – Lincha!
Macunaíma entretanto
Chamou a turba na chinha:
Que lincha nada, falou,
O cavalo é que relincha!

Todos se viraram contra
Macunaíma outra vez,
O discurso prosseguia
Contra o que ele fez,
Chamado desconhecido
Reagiu com altivez.

Ara! Ara! Vá desmamar
Jacu com alpiste, moço!
Meta-se a muito folgado
E vou torcer seu pescoço!
Desconhecido é a mãe,
Pare com esse alvoroço!

Uma boa madalena
Parada na sua frente
Virou pro comerciante
Postado atrás e bem rente
Reclamou de alto som:
Não bolina saliente!

O herói ceguinho de raiva,
Isso é comigo, pensou,
Que não bolina essa, ora:
Pra lambisgóia falou,
Mas ouviu Lincha o bolina!
E pra turba ele avançou.

O estudante quis fugir
Macunaíma porém,
Um pontapé atirou,
Uma rasteira também,
Um malandro derribou
Ate não sobrar ninguém.

De repente viu por lá
Um alto loiro mui lindo,
O homem que era um grilo
E só vivia sorrindo,
Deu ódio tanta beleza
E o herói não foi medindo.

Chimpou uma baita bolacha
Nas fuças do loiro grilo,
Saiu um grito estrangeiro
E nada entendeu daquilo,
Sentiu a mão no cangote
E se acabou no pugilo.

Está prrreeso, disse o grilo,
Gelou o sangue nas veias.
Preso por quê? perguntou,
OuvIU as coisas mais feias
Numa língua estrangeira
E viu-se preso nas teias.

Não estou fazendo nada,
Murmura com algum medo,
Porém o grilo não quis
Deslindar aquele enredo,
Foi descendo a ladeirinha,
O povo atrás de folguedo.

Outro polícia chegou
E falaram muitas frases,
Mas o herói não entendia,
De pavor soltava gases,
Um senhor o advertiu:
Veja bem o que tu fazes!

E fez discurso pros grilos
Que não deviam levar
Macunaíma preso,
Não adiantou falar
Pois um furdunço terrível
Deixou o herói escapar.

Pongou o bonde e foi ver
Como passava o gigante,
Venceslau Pietro Pietra
Já melhorara bastante
Da sova que apanhou
Na macumba fulminante.

Fazia dentro da casa
Um enorme calorão,
Cozinhava-se polenta
Com arroz e macarrão,
Lá fora a fresca era boa,
Ventava o vento sulão.

Por isso o gigante, a véia,
As filhas, a criadagem,
Puseram cadeiras fora
Pra gozar boa frescagem,
Piaimã ainda estava
Todo enfaixado de bandagem.

Tava tal-e-qual um fardo,
Uma múmia caminhando,
Sentaram no ajardinado
E ficaram conversando,
Lá dentro a nobre polenta
Prosseguia cozinhando.

Curumi Chuvisco andava
Negaceando na esquina,
Librinando pelo bairro
Encontrou Macunaíma,
Ficou espiando o herói
Todininho de baixo-a-cima.

O chuvisco perguntou:
Que qui cê qué por aqui?
Vou assustar o gigante!
Qual! Quem tem medo de ti?
Falando assim debochado
Só deu raiva o Curumi.

Aí lembrou de contar
Os botões pra ficar calmo,
Secundou pro chuviscote
Uma grana ou desempalmo,
Faço, aconteço e garanto,
Hoje o gigante eu ensalmo.

Conhecido tome tento
Com o monstro Piaimã,
Está fraco, está fraco,
Mas tem parte com satã,
Vidro que teve pimenta
Guarda o ardume amanhã.

Vamos fazer uma aposta
Pra ver quem mais mete medo?
O gigante vai entrar
Pra Casa hoje mais cedo,
Esconde lá perto e vê
Como derribo o rochedo.

Macunaíma pegou
A prima palavra-feia
E jogou na cara dele,
Foi pancada de mão-cheia
Mas o monstro nem ligou
E continuou candeia.

A seguir o herói chimpou
De rijo na Caapora,
Uma bocagem horrenda
E mais outra sem demora,
Mas ele continuou
Pegando a fresca lá fora.

Macunaíma atolou
A coleção de bocagens,
Dez mil vezes mais dez mil
Das suas aprendizagens,
Venceslau Pietro Pietra
Não liga à essas bobagens.

Ante tanto palavrão
Falou pra véia Ceiuci
Guarde pras nossas meninas,
Desses que não conheci,
Dos demais ate se riu,
Davam na canela ali.

O herói voltou à esquina
Garganteou pro chuvisco:
Tiveram medo ou não?
Medo nada! Nem um tisco!
De mim é que vão ter medo
Como o olho tem do sisco.

Macunaíma virou
Na formiga caxipara,
O chuvisco se amontou
Numa nuvem alta e clara,
De lá mijou no gigante
Como o moleque baquara.

Os pingos foram caindo,
Uma chuva-de-preguiça,
O gigante olhou pra um,
Deu paúra da derriça,
Gritou Vam simbora gente!
Que essa chuva nos atença.

Chuvisco desapeou,
Disse pra Macunaíma:
Estás vendo? No falei?
Quando chuva se aproxima
O que estiver embaixo
Logo, logo, desestima.

Pois até hoje a assim:
A família do gigante
Só tem medo de chuvisco,
Mas todo mundo garante
Que qualquer palavra-feia
Lá todos gostam bastante.

Macunaíma ficou
Muito, muito despeitado,
E perguntou pro rival:
Me diga aqui seu safado,
A língua lim-pim-gua-pá
E do seu aprendizado?

Nunca vi ela mais gordo,
O Chuvisco respondeu,
Vá-pá à-pá mer-per-da-pá!
Disse o herói e correu,
Abriu pala pra pensão,
E por lá, se escafedeu.

Tava mui contrariado
Por ter perdido a aposta,
Lembrou fazer pescaria
Que é coisa que ele gosta,
Porém não pode pescar
Falta tudo pra proposta.

Não tem flecha nem timbó
Nem macerá, nem tiguí
Não tem linha nem arpão
Nem caçuá, nem jiquí
Nem jererê guê tresmalho
Grozerá e juquiaí.

Por isso fez um anzol
Com cera mandaguari,
Mas bagre levava tudo:
Porém tinha perto ali
Inglês pescando aimarás
Pirapeua e lambari.

Macunaíma voltou
Pra Maanape foi falando:
Que qui haremos de fazer?
Uma mutreta pensando
Pra tomar anzol de inglês
E foi tudo executando.

Vou virar um aimará
De verdade e de mentira,
Quando ele me pescar
No samburá me atira,
Você vai e pede peixe
E de lá você me tira.

Assim fez o combinado,
O ingles tirou o anzol,
Jogou o peixe de lado
No samburá de britou,
Maanape pediu a aimará
Que é peixe de escol.

As três vezes que fizeram
O ingles o anzol retirou,
Vou virar uma piranha,
Pro mano o herói segredou,
Assim os anzóis e linhas
O peixe brabo arrancou.

O herói desvirou em gente
Adiante légua-e-meia,
No lugar Poço do Umbu
Onde tinha pedra cheia
De letras pátrias fenícias
Para que o futuro leia.

Sacou da goela contente
O anzol lá encravado,
Os manos iam pescar
Quando ouviram bem ao lado
O ingles e um uruguaio
Batendo um papo animado.

Que posso fazer agora?
O ingles aborrecido,
Já não tenho mais anzol
Por ter piranha engolido,
Agora vou pro Uruguay
Vossa terra, conhecido.

Macunaíma gritou:
Espera aí, tapuitinga!
O inglês virou e o herói
Caçoando fez mandinga,
Virou-o no London Bank
Filial Piratininga.

No outro dia o herói
Falou pros manes que is
No igarapé Tietê,
Pescar peixão de coxia,
Mas Maanape advertiu
Do perigo que corria.

Porém o herói exclamou,
Plantando um a bananeira,
Não tem inferno pra quem
Navegou no Cachoeira!
E partiu bem decidido
Jogar linha na pesqueira.

Nem bem lançou a linhada
De cima dum muitá,
Veio a velha Ceiuci
Por ali a tarrafar,
Viu a sombra sobre a água
E quis logo o herói pescar.

O herói nem não achou u graça,
Tava tremendo de medo,
Born dia minha vovó
Disse-lhe num arremedo,
A velha virou pro alto
E descobriu o segredo.

Vem cá, meu neto, vem cá!
Não vou lá não, minha vó!
Eu vou mandar maribondos!
Maribondos? Tenha dó!
A Caapora fez um gesto
E era maribondo só.

Macunaíma arrancou
Um molhe de pataqueira
E matou os maribondos
Mas a velha feiticeira
Mandou formigas novatas
Atacar na ribanceira.

Ferraram Macunaíma,
O herói gritou e caiu,
A velha tarrafeou
E tirou ele do rio,
Embrulhou bem direitinho
Direto à casa seguiu.

Lá chegada foi chamar
Sua filha mais querida
Para comerem o pato,
Mas ela tava abatida,
A velha foi fazer fogo
Pra adiantar a comida.

A filha mais nova vendo
A velha fazendo fogo
Imaginou descobrir
Qual que era aquele jogo
Foi ver logo o que pescou
Pois não tinha muito arrego.

Desfez a rede e saiu
Bela um moço bem do gosto,
O herói falou: Me esconde!
Ela atendeu ao proposto,
Levou pro quarto a brincaram
Se rindo de rosto a rosto.

Quando o fogo ficou quente
A velha Ceiuci veio
Com a filha habilidosa
Pra preparar o recheio
Acharam só a tarrafa
E o negócio ficou feio.

A Caapora embrabeceu:
Isso há-de ser a filhinha
Mais nova que é bondosa,
E como quem advinha
Bateu no quarto da moça
Começando a ladainha.

Filhinha entrega meu pato,
Sinão enxoto você!
A moça ficou com medo
E disse ao herói: Me dê
Vinte milréis pra gulosa.
Pra ver se ela descrê.

Macunaíma de medo
Mais de cem pôde atirar,
Perdiz, lagosta, robalo,
Chá, perfume, caviar,
A velha engoliu tudinho,
Pedi mais pra reprisar.

O herói jogou u mais um conto,
E o conto virou lagosta,
Coelho, pacas, champanha,
Tudo uma mesa bem-posta,
A velha queria male
Pois estava bem disposta.

Então a moça bondosa
Abriu a janela e falou:
Vou dizer três advinhas
Do tempo do meu avô,
Se você adivinhar
A liberdade te dou.

Então o-que-é-que- é?
Longo, roliço e furado,
Entra duro e sal molinho,
E deixa a gente agradado,
Não é palavra indecente
Apesar de ser amado?

Ah! Isso é indecência!
É macarrão meu tolinho!
Agora – qual o lugar
Que não seja bem pertinho,
Adonde as mulheres tem
O cabelo mais crespinho?

Oh! Que bom! Isso bem sei!
E apontou pro lugar.
Cachorro! E lá na África!
E o herói queria pegar...
Agora a última chance
Para você se salvar.

Agora vamos fazer
Aquilo que Deus consente,
Ajuntar pelo com pelo
Agarradinho bem rente,
Deixar a pelado dentro
Numa caminha bem quente!

Também isso quem não sabe?
Mas cá pra nós mais ninguém,
Você é bem sem-vergonha!
Descobriu! Ainda bem,
E dormir juntando os pelos
Que o olho pelado retém.

Pois si você não acerta
Te entregava pra gulosa,
Agora serei expulsa
Para outra nebulosa,
Voarei longe pro céu
Como a estrela mimosa.

Na esquina tem cavalos,
Pegue o castanho-escuro,
Esse é bom, muito veloz,
Pisa no mole e no duro,
Vá, guardarei nosso amor,
Que foi o mais belo e puro.

Quando você escutar
Um passarinho gritando
É a velha Ceiuci
Que está se anunciando
Pois fuja sem escarcéu
A Caapora tá chegando.

Um beijo na despedida
Na bondosa o herói deu
E pulou pela janela
Rápido se escafedeu,
Na esquina dois cavalos,
Um dos quais seria seu.

Macunaíma lembrou
De um dito português,
Dizia corretamente
Cavalo cardão-pedrês
De branco mui salpicado
Pra carreira Deus o fez.

Pulou nesse e derramou
Em tremenda galopada
E caminhou enfrentando
Chuva, seca, trovoadas
Bem já perto de Manaus
O cardão deu uma topada.

Cavoucando no buraco
Que aquela topada fez
Macunaíma encontrou
O busto de um **greguês**
Primeiro-de-abril passado
Por um jornal **manauês**.

Tava vendo distraído
Quando escutou uma bulha,
Era a Ceiuci chegando,
Vinha soltando fagulha,
O herói pinicou o cavalo
Que na estrada mergulha.

Em Mendoza, Argentina,
Quase esbarrou num galé,
Pedi arrego pros padres
Que estavam melando em pé,
Num pote vazio ocultaram
Até passar a maré.

A Caapora foi chegando
Montada num javali,
Perguntou Vocês não viram
Meu neto passar aqui?
No cavalinho pedrês
Com cabresto de piri ?

Os padres que responderam
Já passou chê, já passou!t
A velha do javali
Rapidamente apeou,
Num cavalo sarará
E pala estrada chispou.

Tiraram de lá o herói
Daquele pote bendito,
Deram pra ele um cavalo
Puro melado-caxito,
Pois dizem que o dito cujo
Tanto é bom quanto bonito.

Macunaíma a galope
Topou cerca de arame,
Porém era cavaleiro
E não deu algum vexame,
Com um forte sacalão
Executou seu ditame.

De novo galopeou
Passando no Ceará,
Decifrou letras indigenas
Na Paraíba e Pará,
No Piauí, Pernambuco,
Aratanha, Propriá.

Não leu por causa da pressa
Outras inscrições que tinha,
Já estava no quarto dia,
Velha Ceiuci já vinha,
Pernas para que vos quero!
E seguiu-se a ladainha.

O herói afinal topou
Com a biboca maldita
De uma surucucu
Que há muito tempo habita
De parte com o canhoto
Como se fosse eremita.

Me esconde surucucu!
Implorou Macunaíma,
Logo Ceiuci chegou
E da toca se aproxima
Mas a notícia que ouve
Logo a fera desanima.

A gulosa se apeou
Do seu gázeo-sarará.
Que diz-que nunca prestou
Nem jamais que prestará
No bebe-em-branco montou
Que é manco mas baguá.

Aí o herói escutou
Surucucu combinando
Pra fazerem um moquém
Daquele moleque brando
Resolveu logo safar-se
Da toca daquele bando.

Pelo buraco do quarto
Jogou ao terreiro um anel,
O brilhantão se virou
Em milho, adubo e pastel,
Pra completar, um fordeco,
E dúzias de moscatel.

Enquanto a surucucu
Olhava pra tudo aquilo,
Macunaíma amontou
Num bom bagual em sigilo,
Por varjões e por varjotas
Galopeou bem tranquilo.

Trespassei o mar de areia
Do chapadao Parecis,
E por derrames entrou
Numa caatinga infeliz,
Galinhas com pintos d'ouro
Só não matou por um triz.

Légua e meia abandonou
A margem do Sao Francisco,
Entrou bem por uma brecha
No morro do obelisco,
Escutou o psiu de cunhã
E parou prevendo risco.

Viu na catinga-de-porco
Madona alta e feiosa,
Cochichando pro herói
Perguntou muito medrosa:
Já se foram os holandeses?
E espiava curiosa...

Não tem holandes nenhum!
E deixe dessa besteira!
Macunaíma falava
Com a Maria Pereira,
A portuguesa amufumbada
Ali sem eira nem beira.

O herói sem mais já sabia
Em que parte do Brasil
No momento se achava
Assim, de modo sutil,
Se lembrou de perguntar
Pra dona desse covil.

Me diga aqui uma coisa,
Como chama este lugar?
A cunhã muito emproada
Se ergueu pra secundar:
Cova Maria Pereira!
E voltou pra se amoitar.

Macunaíma soltou
Uma grande gargalhada,
Seguiu carreira e passou
Para outra barrancada,
Lá topou com tuiuiú
Mariscando uma pescada.

Primo tuiuiú me leva
Urgente pro meu cabano?
Logo o tuiuiú virou
Na Máquina aeroplano,
O herói foi no aturiá
Rumo ao solo paulistano.

Sabre o chapadão mineiro
Da Serra de Urucuia,
Circuito Itapecerica
Por sobre a mata tapuia,
Voaram sobre o Nordeste
Beberam água na cuia.

Nas dunas de Mossoró
Pensando que era ilusão,
Macunaíma enxergou
Bartolomeu de Gusmão,
A batina arregaçada
A caminhar no areão.

Vem aqui mais gente ilustre!
Que o herói lhe convidou,
O padre com gesto imenso
Desesperado gritou:
Basta! Basta de ilusão!
E pro sertão caminhou.

Depois que pulando a serra
Maciço do Tombador,
Sant'Ana do Livramento
Pra esquerda deserdou,
Foram ao Telhado do Mundo
Onde o incaico imperou.

Voaram sobre Amargosa,
Gurupá e Gurupi,
Enfim toparam de novo
As praias de Paraty,
Avistaram as cercanias
Do mucambo Tatuí.

Daí a pouquinho estavam
Bem na porta da pensão,
Agradeceu o tuiuiú:
Pagar-lhe não posso não,
Mas vou te dar um conselho,
Dos homens a perdição.

Neste mundo tem três barras
Que nos miram de tocaia:
Uma é a barra de ouro,
Outra é a barra de saia,
A terça é barra de rio
Em nenhuma delas caia!

Esqueceu que estava duro
E pagou ao tuiuiú,
Subiu direto pro quarto
Pra desfazer o angu,
Os manos ressabiados
Pensavam em sururu.

Contou tudo acontecido,
A marvada Ceiuci,
O que ele muito sofreu
Afugentado dali,
E o dinheiro que gastou
Descascando o abacaxi.

Maanape então desvirou
Jiguê num bom telefone
E deu queixa pra polícia
Fazendo que ela acione
Os ventos pra castigar
A velha com um ciclone.

A polícia deportou
De vez a velha gulosa,
Porém Piaimã usou
Influência poderosa,
Na Ópera ela voltou
Folgada e muito airoso.

A filha que foi expulsa
Batendo perna ao léu,
É hoje baita Cometa
E vive de déu em déu,
Vez em quando nos visita
Brilhando a cauda no céu.

XII

TEQUETÉQUE, CHUPINZÃO E A INJUSTIÇA DOS HOMENS.

*Era porque Macunaíma sabia que de primeiro os
passarinhos foram gente feito nós...*

Todos os males da Civilização
De uma vez atacam Macunaíma,
Febre de mau caráter vem por cima
Do sonho que leu a dona da pensão.
Quer ir à Europa – livre da sezão,
Parte pra conseguir aquele intento,
Enquanto passeia na Cantareira,
Dum malandro ouviu uma loroteira
Das mágicas que faz um tal gambá,
Que comprou para ver o que qui há
E o sonho de enricar... foi pagodeira!

Não vê que nosso herói só faz besteira ?

XII

Macunaíma acordou
Febrento no outro dia,
Tinha mesmo delirado
Quando a febre braba ardia
E sonhado com navio
Navegando em maresia.

Isso é viagem por mar!
Disse a dona da pensão,
O herói de tão satisfeito
Quis ferir o regatão
Xingando a mãe pelo fone
Mas não secundaram não.

Macunaíma encontrou
Aquilo mui esquisito,
Quis levantar pra saber
Mas sentiu um faniquito,
No corpo todo a moleza,
Calorão, coçado aflito.

Murmurou: Ai que preguiça!
Virou a cara pro canto
Falando muitas bocagens,
Os manos viram entretanto,
Era um brabo sarampão
Que trouxe tanto quebranto.

Maanape foi buscar logo
Um famoso curandeiro,
O Bento de Beberibe,
Que curava o ano inteiro
Com fé e alma de índio
E água de pote barreiro.

O Bento deu uma aguinha,
Fez uma reza cantada,
Numa semana o herói
Tinha a moral levantada,
Foi saber o sucedido,
Viu a casa abandonada.

A copeira do vizinho
Contou que o Piaimã
Com toda a família foi,
Numa formosa manhã,
Pra Europa descansar
Da sova que deu satã.

Macunaíma perdeu
Todo, todo o rebolado,
Brincou mais com a copeira
Mesmo assim contrariado,
Macambúzio pra pensão
Voltou um tanto aluado.

Maanape e Jiguê acharam
O herói na porta da rua:
Quem matou o cachorrinho?
Quem te deixou mal de lua?
Macunaíma chorando
Cantou a tristeza sua.

Os manos ficaram tristes,
Levaram pra visitar
O Hospital do Guapira,
Mas foi de desanimar,
Chegaram era noitinha
Os três a desesperar.

Um cornimboque imitando
A cabeça do tucano,
Uma porção de rapé
Aos poucos foram cheirando,
Pra bem pensamentear
Vez em quando espirrando.

Pois os manos criticavam
Tanta lerdade do herói,
Muito o galo cozinhou
Que o gigante se foi,
Agora aguenta a maçada:
Perder a parada dói.

Estavam assim matutando
Quando Jiguê exclamou:
Achei! Minha gente, achei!
O grito até assustou,
Podemos ir pra Europa
Com o dinheiro que sobrou!

Macunaíma aprovou,
Maanape catimbozeiro,
Outra coisa imaginou:
Tem coisa melhor parceiro.
A gente arranja uma verba,
Não gasta nosso dinheiro.

Macunaíma se finge
Ser um grande pianista,
Com a grana do Governo
Logo, logo faz a pista,
Então me finjo pintor
Que é mais bonito artista!

Botou óculos tartaruga
E pareceu-se pintor,
Meias de golfe mais luvas,
Estava mesmo um primor,
Pra esperar nomeação
Foi demonstrar seu valor.

Levou consigo Os Sertões
Do grande Euclides da Cunha,
Foi liso Ibirapuera
Matar taçuira à unha,
Quando passou perto dele
Um andarengo gadunha.

O cotruco possuía
Folhinha de picapau,
Marupiara saudou
Na maior cara-de-pau:
Como le vai, conhecido,
Manducando pra babau?

Quem não manduca, trabuca!
É mesmo. Bom, té-loguinho!
Mais légua e meia topou
Um micura no caminho,
Se lembrou de trabucar
E agarrou o gambazinho .

Fez o bichinho engolir
Dez pratas de dois milréis,
Com ele dependurado
Em dois bonitos farnéis,
Voltou pra perto do herói
Pra tentar algum revés.

Chegando perto do herói
Tomou ares de mascate:
Bom dia, como le vai?
Repetiu o disparate,
Quer comprar o meu micura
Por um preço de biscate?

Xente! Que qui vou fazer
Com um bicho tão pichento?
Botou a mão no nariz,
Tava o gambá fedorento,
Tem aca mas é coisa boa!
No que digo tome tento.

Quando faz necessidade
Só prata que sai da pura!
Vendo barato pr'ocê
Pois tem cocô de fartura.
Deixe de conversa turco!
Nunca vi dessa micura!

O tequetéque arrochou
A barriga da gambá,
O bicho sem mais querer
As dez pratinhas desdá
Viu? Vai juntando, juntando,
Fica riquinho já-já!

Quanto que custa a micura?
Por quatrocentos eu vendo!
Só tenho trinta – não dá!
Como é você eu atendo,
Por trinta contos eu deixo
E sendo freguês, recomendo!

Macunaíma tirou
Por debaixo da camisa
O cinto com o dinheiro
Porém não tinha divisa,
Letra de quarenta contos
Éis que rendeu a pesquisa.

Deu a letra e com vergonha
Não quis receber o troco,
Cinco fichas de Cassino
Deu pro malandro a reboco,
Agradeceu a bondade
E saiu com o bicharoco.

Nem bem o mascate foi
Que o micura quis fazer,
O herói arredondou o bolso
E viu a merda descer,
Descobriu logo a trapaça
Nas nada pôde fazer.

Abriu numa gritaria
A caminho da pensão,
Viu o José Prequeté
E xingou com precisão,
Insultou a mãe do herói
Este não fez caso não.

Os manos inda não tinham
Retornado da maloca,
A patroa veio ao quarto
E deu nele uma beijoca,
Brincaram demais brincaram
Até dormirem na toca.

Depois de brincar o herói
Pegou numa choradeira,
E quando os manos chegaram,
Enormes de tanta asneira,
Sarapantou todo mundo
Vendo aquela brincadeira.

Não vê que o governo tava
Com milhares de pintores
Prontinhos pra viajar
Com elogio e louvores,
Só no dia de São Nunca
Arranjariam favores!

Por causa da choradeira
Esqueceram o desaponto,
O herói contou: Tequetéque
Embromou – passou o conto,
Comprei o micura dele,
Por causa disso tou pronto!

Irmãos se descabelaram
Porque o herói não iria,
Não tinham nenhum dinheiro
Só mesmo a noite e o dia,
Mas o herói nem ligava:
Num bom sono adormecia.

Outro dia amanheceu
Com um calorão temível,
Macunaíma suava
Pois achava mesmo incrível
A injustiça do governo
Era viagem impossível.

Teve raiva por demais,
Pensou de ficar doente,
Foi então que exclamou
Ara! Pois que ande quente
Com tal doença da raiva
Enquanto ria-se a gente!

Mais calmo pra refrescar
Tirou a calça e pisou,
Até que mui satisfeito
Macunaíma falou:
Paciência caros manos:
Eu na Europa não vou!

Sou um rei americano
E aqui é meu lugar,
Aquele raça européia
É capaz de esculhambar
A beleza do caráter
Que no mundo não tem par.

Durante toda a semana
Os três vararam o Brasil
Campeando nas ruínas,
Fundão, bocainas, funil,
Pra ver se achavam panela,
Pote com ouro ou barril.

Barrancas de paranãs,
Corredeiras, carrascões,
Coroas e chavascais,
Vazantes de boqueirões,
Nenhum dinheiro enterrado
Encontraram nos fundões.

Resolveram então ganhar
Algum no jogo-do-bicho,
Foi na Praça Antonio Prado,
O herói sentado no nicho,
Escutou um Ihihih
Como se fosse um cochicho.

Se virou e viu no chio
Um ticotico e um chupim,
O ticotiquinho ouvia
Chupinzão piar assim:
Mamãe – telo dicumê!
Mãe – dá dicumê a mim!

Fazia raiva de ver
Aquele ticotiquinho
Pensar que o chupinzão
Era o seu filhotinho,
Arranjava o dicumê
A minhoca, um bichinho.

Pra acabar com a safadeza
O herói pegou um porrete
E matou o ticotiquinho
Pra acabar com o brinquedo,
Foi-se embora aporrinhado
Sem deixar nenhum bilhete.

Depois de andar légua-e-meia
Sentiu calor e lembrou,
Beber uma cachacinha
É bom pra quem caminhou,
Pegou sua garrafinha
E de manso chupitou...

Eis então quando escutou
Um ihihh choramingado,
Era o chupinzão pedindo
Um dicumê a seu lado,
Abriu o bolso onde tava
O do micura guardado.

E ele passando fome
E o chupim azucrinando
Com o telo dicumê,
O herói tava meditando
Na injustiça dos homens
Aquele quadro pintando.

Era a mesma injustiça
Que armava o chupinzão,
E aquilo deixou o herói
Fervendo de irritação,
Pois passarinho já foi
Gente com fala e razão.

Chupinzão pulou no bolso
Comeu tudo sem saber,
Foi engordando, engordando
Até nem não mais poder,
Num pássaro preto grande
Transformou-se sem querer.

Macunaíma seguiu
Mais légua e meia adiante,
Estava um macaco mono
Comendo naquele instante
Um coquiriho baguaçu
Alvo, doce, inebriante.

O herói veio e esgurejou
Com a boca cheia d'água,
O mono cumprimentou
Sem mostrar alguma mágoa,
Continuou mastigando
Ou então bebendo água.

O herói ali, capeando,
Deixou o mono assanhado:
Ih! Não me olhe de banda,
Nem não me olhe de lado,
Veja que não sou quitanda
Não sou cana nem melado.

Macunaíma indagou:
Mas o que você está
Fazendo aí, meu tio?
O mono pulou pra lá
Com o coquinho na mão
E bebendo tafiá.

Estou quebrando os meus
Toaliquiçus pra comer.
Pois vá mentir na praia!
Uai sobrinho, não quer crer?
Então pra que me pergunta
E fica aí a me ver?

Macunaíma queria
Muito, muito acreditar,
Pro macaco perguntou:
É gostoso? Vou provar!
O mono estalou a língua:
Prove só que vai gostar!

Quebrou oculto nas pernas
Outro coquinho fingindo
Que era um toaliquiçu
E deu pro herói sorrindo,
Macunaíma gostou
E outro mais foi pedindo.

É bom mesmo tio! Tem mais?
Agora o meu se acabou,
Mas se o meu era gostoso
As garantias lhe dou
Que os seus são mais melhores
Que ninguém jamais provou!

Come eles, meu sobrinho!
O herói então teve medo:
Não dói não? E se doer?
Nada! Faz como procedo,
Vai ser até agradável,
Veja que não tem segredo.

O herói um paralelepípedo
Arrumou bem direitinho,
O mono ria por dentro
E perguntou com jeitinho:
Você tem mesmo coragem
Como eu tenho meu sobrinho?

Macunaíma exclamou
Soberbo como um bocó:
Aqui ó! Boni-tó-tó,
Macaxeira, mocotó,
Coragem é que não falta
Da cabeça ao fiofó!

Aprumou bem os colhões
Sobre a pedra dura e fria,
Firmou o paralelepípedo
E Juque! Sem mais tardia,
Adeus meus toaliquiçus
Que só me deram alegria!

A dor foi tanta que o mundo
Ficou bem pequenininho,
Cem mil estrelas passaram
Na visão devagarzinho,
O corpo do herói tombou
Repousou ficou estiradinho.

Foi pra terra dos pés juntos,
Desta pra outra melhor,
Vestiu fato de madeira,
Deu a alma ao Criador,
Bateu com rabo na cerca,
Deixou de ser sofredor.

Caiu mortinho, mortinho,
O macaco caçoou:
Meus cuidados eu não disse,
Quando você perguntou,
Que era morte certa,
Mas você não me escutou?

Calçou luvas de balata
E sumiu pela estrada,
Daí a pouco caiu
Uma boa chuvarada
Na carne verde do herói
Pra não ficar estragada.

Logo, logo se formou
Um poder de correições,
Formigas guaju-guajus
Tinha em muitas porções,
O corpo morto do herói
Ganhou mais mil proteções.

O advogado Fulano
Por correições atraído
Com o defunto topou
E vendo tudo perdido
Se resolveu carregá-lo
Pra pensão mesmo jazido.

Colocou Macunaíma
Nas costas e foi andando,
Porém aquele finado
Estava demais pesando,
Não podia sustentar
Tanto peso o magistrando.

Entao arriou o cadáver
E deu uma coça de vara,
Deixou-o tão levianinho
Que parecia taquara,
Apois levou pra pensão
Onde o ocorrido declara.

Maanape muito chorou
Por sobre o corpo do mano,
Descobriu o esmagamento
Onde foi maior o dano,
Logo pediu emprestado
Um par de coco-baiano.

Amarrou-os com nó-cego
No lugar dos amassados,
Soprou fumo de cachimbo
Nos locais avariados,
Enfim o herói foi erguendo
Os membros desengonçados.

Deram guaraná pra ele
Logo sozinho matava
As formigas que mordiam
Quando ele morto estava,
Aí tomou de lambada
Toda a pinga que restava.

A boa cana aqueceu
O corpo que tava frio,
Por causa da chuvarada
Sentiu algum arrepio,
Logo, logo o herói ficou
De novo forte e sadio.

Depois pediu pra Maanape
Que era bom feiticeiro
Uma centena ou milhar
E foi jogar no bicheiro,
De tarde a centena deu
Na cabeça por inteiro.

Assim que eles viveram
Com dinheiro dos palpites,
Maanape catimbozeiro
Não refugava os convites,
A vontade de ganhar
Supera todos limites.

XIII

A PIOLHENTA DO JIGUÊ

*Quando tudo ficou pronto os dois pularam na rede e
brincaram. Agora estão se rindo um pro outro.*

Febre terçã, sarampo, erisipela,
Além do mais, sarna pra se coçar,
Sonhou com barco, viagem por mar,
Vê no Anhangabaú uma caravela
Cheia de maruja gringa e donzela,
Mas foi mesmo todo desfaçamento!
O herói volta pra casa sem alento
Encontrando lá a fêmea de Jiguê,
Brinca com ela alegre como o quê
Mas no fim acaba mal o bulimento.

A mulher sempre será o seu tormento!

XIII

No outro dia por causa
De tanta machucadura
Macunaíma acordou
Com coceira e assadura,
Era doença comprida,
Erisipela mais pura.

Os manos trataram dele
Trazendo diariamente
Os remédios receitados
Por todos sabiamente,
Médico, poeta, louco,
Macumbeiro e toda gente.

Uma semana de cama
O herói penitenciou,
Com muitas embarcações
De noite sempre sonhou,
Diz a dona da pensão!
É viagem que gorou!

Pro doente ela levava
Um jornal – **O Estadão**
Gastava o tempo que tinha
Lendo toda prescrição
Pra tal doença **erizipa**
Que tinha ali de montão.

No fim da semana estava
Quase são e foi buscar,
Banzando lã na cidade
Sarna para se coçar,
Fatigado de fraqueza
Parou para descansar.

Sentou-se no monumento
Do grande compositor,
Da ópera **O Guarani**
Da qual foi o criador,
Carlos Gomes é estrela
De raríssimo esplendor.

A fonte murmurando
Enquanto a tarde caía
Dava pra ele a visagem
Das águas do mar que via:
Baguais de bronze chorando
E a luz que a gruta alumia.

Fixou vista e distinguiu
Uma barça mui linda,
Vigilenga ou Gaiola,
Ou nave maior ainda,
Atrás dos baguais de bronze
Vasta, fascinante, infinda.

O navio bem visível
Tinha o casco todo em prata,
Mastros cheios de bandeiras
Que o vento bravo maltrata,
Na verdade é um Vaticano
De beleza aristocrata.

Os choferes da esplanada
E todos curioseavam,
Seguindo o risco do olhar
Para o herói indagavam
Que foi herói? Que qui foi?
E a fonte escura miravam.

Olha lá! Vindo nas águas
Um vaticano macota!
Aonde Macunaíma?
Vê se pára de lorota!
Por ali, a estibordo
Daquele corcel janota!

Foi aí que todos viram
Entre o cavalo e a parede,
Saindo à boca da gruta
Um baita navio que mede
Légua e meia de convés
E a vista da gente excede.

Não é Vaticano não!
Falou um chofer japonês,
É um baita transatlântico,
É do Lloyd ou Hamburguês,
Tá saindo! E o piróscafo,
E o Conte Verde em vez.

Era o Conte Verde sim,
Era a Mãe d'água que vinha
Pra atentar nosso herói
E vendo a nave marinha
De todos se despedia
Discursando pra gentinha.

Gente! Minha gente! Adeus!
E a choferada o abraçava
Do herói se despedindo,
Vou pra Europa! gritava,
Vou pegar o Piaimã
Comedor de gente escrava.

O vapor estava ali
Parado no Cais da Fonte,
Macunaíma pediu
Licença e subiu a ponte,
A tripulação chamava
Apontando o horizonte.

Eram marujos forçados
E muitas donas lindíssimas,
Pra no balanço das ondas
Fazer todas felicíssimas,
Desce a escada, capitão,
As cunhãs são tão belíssimas!

O navio iluminado
Relampeando de ouro,
Embandeirado e festeiro
Estava mesmo um estouro,
Tinha colares no casco
Nos camarins um tesouro.

O capitão executou
Uma letrinha no ar
E os marujos e as cunhãs
Começaram a vaiar
Caçoando do herói
Que não soube o que falar.

Virando a popa pra terra
O navio manobrando,
Flechou pro fundo da gruta,
Os tripulantes gozando,
O herói vingou-se deles
A erisipela passando,

Quando atravessou o estreito
Entre a parede e o bagual,
O piréscafo soltou
Um fumo descomunal,
Pernilongos, borrachudos,
Cabas, potós, mutucal!

Toda essa mosquitada
Afugentou os motoristas,
O herói penava, mordido,
De **erizipa** até na vista,
Sentiu frio, veio febre
E assim tão mal deu na pista.

No outro dia Jiguê
Trouxe uma cunhatã,
Fez ela engolir três bagos
De chumbinho de romã
Pra não ter filho e dormiram
Na rede de tucumã.

Ele era muito valente
E tinha se amulherado,
A companheira comprava
Macaxeira no mercado,
Mais logo Macunaíma
Foi ser o seu namorado.

Macunaíma comprava
Pra Suzi uma lagosta,
Debaixo da macaxeira
Arruma a bicha bem-posta,
Suzi era uma feiticeira
E logo dá a resposta.

Quando chegava em casa
Deixava a cesta na sala
Ia dormir pra sonhar
E sonhando ela fala!
Tou vendo que tem lagosta
No cesto encima da mala.

Jiguê ia ver e tinha,
Todos os dias era assim!
Acordava amanhecido
Picado de mucuim,
Sentiu dor-de-cotovelo
Que acendeu o estopim.

Percebendo a dor do mano
Macunaíma arranhou
Mandinga pra ver se passa
E numa cuia arrumou,
De noite sob o sereno
No terreiro ele rezou!

***Água do céu
Vem nesta cuia,
Paticl vem nesta água,
Moposêru vem nesta água,
Sivuoímo vem nesta água,
Omaispopo vem nesta água,
Os donos da Água enxotem a dor-de-corno!***

***Aracu, Mecumeouri, Paí, que venham nesta água,
E enxotem a dor-de-corno se o doente beber esta água
Em que estão encantados os Donos da Água!***

Deu pra Jiguê noutro dia
Porém não surtiu efeito,
Tava mui desconfiado
Por isso não tinha jeito,
Quando Suzi se vestia
Jiguê sentia despeito.

Cantando o rock da moda
Suzi passava o recado,
A companheira saía
Atrás vai o namorado,
Quando voltavam pra casa
Já tinham muito brincado.

Há essa hora porém
Não tinha mais macaxeira,
Suzi então retirava
Aipim da prateleira
E todos comiam bem
Só Maanape se esgueira.

Resmunga contrariado
Caboclo de Taubaté
De cavalo pangaré
E mulher que mija em pé
(E emburrado refugava)
Libera nós Dominé!

Maanape é feiticeiro
E não queria saber
De comer só macaxeira
E pra fome esconder
Mastigava ipadu
Até lesso adormecer.

E quando Jiguê queria
Na rede a Suzi embalar
Ela ficava gemendo
Só pra Jiguê não brincar,
Ele mais desconfiado
Começou a se enervar.

No outro dia ela foi
E Macunaíma atrás,
Jiguê uma mirassanga
Pegou e seguiu feraz,
Achou os dois abraçados
Rindo pro outro no Brás.

Jiguê desceu o sarrafo
Nos dois sem ter piedade,
Levou a mulher pra pensão,
Deixou o mano à vontade,
E resolveu que só ele
Vai pras compras na cidade.

Suzi sem ter quefazer
Ficava presa no quarto,
Passava o tempo gostando
Do imoral que é farto,
Um dia Santo Anchieta
Desmembrou aquele parto.

Por piedade ensinou
A Suzi catar piolhos,
Sua peruca à garçonne
Tinha bichinhos a molhos
E quando Jiguê partia
Ela tirava os trambolhos.

Com medo de o companheiro
Pegasse os bichos catando,
Pediui que Jiguê batesse
Quando estivesse chegando,
Então botava a peruca
E ficava lhe esperando.

Jiguê bem que concordou,
Quando voltava batia,
Ela botava a peruca
E mais um pouco atendia,
Jiguê ficou matutando
No que a cunhã fazia.

Um dia quis assustá-la,
Virou de pernas pro ar,
Veio andando pelas mãos
Até na porta chegar,
De surpresa viu a Suzi
Que estava a se catar.

Ela botou afobada
Na cabeça a cabeleira,
A frente ficou pra trás,
As costas pra dianteira,
Jiguê deu nela uma sova
E insultou de porqueira.

No outro dia o herói
Tava cheio de vontade,
De brincar com a piolhenta
Fez que ia pra cidade
Dizendo que ia caçar,
Mas nada era verdade.

Foi comprar duas garrafas
De licor de butiá,
Trouxe doze sanduíches,
Xarope de guaraná
E se amoitou no quartinho
Só depois saiu de lá.

Mostrou o embrulho falou!
Mano Jiguê vá seguindo
Lá pro fim de muitas ruas,
Um morrote assim subindo,
Eu vi um poder de caça
Que vinha de lá saindo.

O mano desconfiado
Pro apontado espiou,
Macunaíma esperto,
Muito bem que disfarçou!
Tem paca, tatu, cotia!
Na caradura afirmou.

Jiguê pelas oiças mesmo
Emprenhava assim à toa,
Pegou logo a espingarda
Dizendo: A caçada é boa!
Mas mano você promete
Não brincar com a patroa?

Macunaíma jurou
Por tudo que é sagrado,
Jiguê pegou espingarda,
Botou a bicuda de lado,
Foi campear a fruteira
Que o herói tinha indicado.

Nem bem virou a avenida
Que Suzi e Macunaíma
Armaram a mesa com tudo
Que tinha comprado encima,
Quando a bóia ficou pronta
Começou a pantomima.

Brincaram demais brincaram
Depois se riram bastante,
Beberam uma garrafa
De licor num só instante,
Pra rede foram de novo
O herói e aquela bacante.

Jiguê andou légua e meia
E campeonou a fruteira,
Foi até no fim das ruas,
Subiu e desceu ladeira,
Cansado voltou e viu
O herói mais a companheira.

Deu uma coça na Suzi,
No herói sentou o porrete,
Deixou a mulher chorando
E vendo aquele banquete
Jiguê de tudo comeu,
Tomou licor e sorvete.

Os dois sovados passaram
À noite se lastimando,
No outro dia Jiguê,
Que só vive bobeando,
A caça que o herói viu
Continuou procurando.

Suzi viu ele sair
E falou pro namorado:
Não chore não meu bichinho.
Não fique assim amuado.
Logo o herói se arrumou,
De novo estava aprumado.

Quando Jiguê retornou
Perguntou pelo irmão
Mas Suzi tava irritada
Não respondeu nada não,
Jiguê disse muito triste:
Vai embora perdição!

Ela sorriu mui feliz,
Catou todos os piolhos,
Atraiu-os num balanço
Colocou nele os trambolhos
Seguiu direito pro céu
Atravessando os escolhos.

Virou um astro que pula,
Dessas estrelas cadentes,
Que vivem alumando
Belo destino das gentes,
Trazendo esperanças novas
Fazendo lares contentes.

O herói procurou Maanape
E pegou se lastimando,
Contou uma história triste
No ombro dele chorando,
Maanape ficou zangado
Quando viu Jiguê chegando.

No corredor se encontraram
E foram os fatos narrados,
Viram que Macunaíma
Tinha tudo aquilo armado,
Que o herói era um herói
Sem caráter e safado.

Já no quarto eles toparam
O herói chorando imóvel,
Mas o coração atende
Qualquer coisa que comove-o
Então foram passear
Na Máquina automóvel.

XIV

MUIRAQUITÃ

– *Muiraquitã, muiraquitã de minha bela, vejo você mas não vejo ela!...*

Deu no jornal que o gigante voltou
E o herói foi atrás da muiraquitã,
Viu passarinho verde de manhã
Com isso muito, muito se alegrou,
Quando o monstro em casa desembarcou
Foi preparar uma boa macarronada,
Os tolos que estavam sem fazer nada
Davam sabor ao prato bom e fatal,
O herói se escafedeu do ritual
Mas Piaimã não escapou da garfada!`

Leia a história, que não conto nada.

XIV

Nem bem nasceu a manhã
Que Macunaíma abriu
A janela e um passarinho
Cor de esperança subiu,
Diz-que passarinho verde
Dá sorte pra quem o viu.

Maanape chegou contando
Que a Máquina jornal diz
Que o gigante Piaimã
Já retornou de Paris
Trazendo toda a família
Desse cruzeiro feliz.

O herói então resolveu
Não ter mais contemplação,
Pra recuperar a pedra
Mataria o regatão,
Foi ao mato ver a força
Se dava sustentação.

Campeou por légua e meia,
Topou com uma peroba,
A sapopemba gigante
Um bonde inteiro engloba,
Tirou o pau pela raiz
Depois foi comer pacoba.

Agora sim, tenho força:
Macunaíma exclamou,
De novo riu satisfeito
E pra cidade voltou,
Porém muito carrapato
No corpo dele atracou.

Ara! Ara! Carrapatos!
Vão embora, pessoal!
Não devo nada procês!
Reagindo natural
A carrapatada se foi,
Caiu no chão por igual.

E que carrapato foi
Gente assim igual a nós,
Botou quitanda na estrada
Porém algum tempo após,
De tanto vender fiado
A falência veio atroz.

Tanto fiou a brasileiro
(E brasileiro não paga)
Que carrapato quebrou
E hoje já virou praga:
Agarra feroz na gente
Pois cobrar é sua saga.

Quando o herói retornou
Já era noite fechada,
De pronto foi tocaiar
Do Piaimã a morada,
Neblinava sobre o mundo,
Tava a casa abandonada.

Macunaíma lembrou
De pro curar a cunha,
Pensou armar arapuca
Pra pegar o Piaimã,
Mas não tinha o que fazer
Naquela noite pagã.

Porém dormir não queria
Porque esperava o gigante,
Pensou vigiar o sono
E enforcar o tratante,
Não demorou muito viu
Um vulto naquele instante.

Macunaíma ficou
Entre ninhos de cupim,
Emoron-Pódole veio
Quando tava junto assim,
O herói bateu com o queixo
Mordeu a língua por fim.

Que susto! gritou o herói
E logo o Sono fugiu,
Andando desapontado
Macunaíma seguiu
Veja só! quase peguei!
Matutando refletiu.

Vou esperar outra vez
E enforco o Pai do Sono
Tinha o córgo com pinguela
Com um ar de abandono,
Uma lagoa branquinha,
Um luar meio sem dono.

A paisagem quieta,
Água cantando acalanto,
Suave e triste lamento
Dos desvalidos o pranto,
Fingindo morto o herói
Esperou o Sono num canto.

O Pai do Sono parou
E falou em voz bem alta:
O sujeito não tá morto,
Não sou de andar na malta,
Um morto tem que arrotar,
Isso é preceito sem falta.

Então o herói arrotou
Um Juque! Farto e sonoro,
Que o Sono fez caçada:
Defunto assim ignoro,
Morto jamais arrotou:
Aqui não mais me demoro.

Por isso que o Pai do Sono
Ainda hoje existe,
O homem, por um castigo,
Dormir em pé não insiste ,
E pelo sono é vencido
Por mais que a ele resiste.

Macunaíma escutou
Uma bulha do outro lado,
Um chofer gesticulando
Pra fama feito chamado
Sou francesa não, colega:
Disse o herói chateado.

Foi então que pós reparo
Numa linda criadinha,
Vestia chita amarela
Salpicada de florzinha,
Atravessou na pinguela
Seguindo pra lagoinha.

E depois dela passar
O herói gritou pra pinguela:
Viu alguma coisa, pau?
Vi todinha a graça dela!
Quá-quá-quá! o herói se riu
E foi atrás da donzela.

Encontrou o par se rindo
Descansando na lagoa,
Já tinham brincado ali
Agora estavam à toa,
A moça sentada nua
Na borda duma canoa.

Comendo tambiús vivos,
Também alguns lambaris,
As ondas amontoavam,
Corriam na areia gris
Com risadinhas de pingos
Brilhando a água feliz.

A moça com pés batia
Nágua fazendo um repuxo,
Espirrava pelos olhos
Depois corria no bucho,
Apertava as bochechas
Saía um jato de estucho!

A brisa forte fiava
A cabeleira da moça,
Esticando os fios lisos
No rosto alvo de louça,
Enquanto ela deitava
A cabeça numa poça.

Então para agradar ela
Enfiou três tambiús
Na boca dele e rindo
Pastou os joelhos nus,
Ele perdeu todo apoio
E caiu de cheio - truz!.

A moça inda forçando
O pescoço com os pés,
Ele ia escorregando
O corpo assim de través,
Sem perceber tanta graça
Que a vida tem a derréis.

Logo depois a canoa
Com o movimento virou,
Pois deixai ela virar!
Um tombo a moça levou
Mas talqual um apuizeiro
Ele nela se enroscou.

Todos os tambiús fugiram
Enquanto o casal brincava
Dentro d'água outra vez,
Macunaíma chegava
Sentado na igarité
Tranquilamente esperava.

Depois falou pro chofer:
Adão foi feito de barro,
Faz três dias que não como,
Semana que não escarro,
Por isso, caro sobrinho,
Peço me dê um cigarro!

Pensando numa resposta
Logo o chofer secundou:
Me desculpe meu parente
O cigarro não lhe dou,
A palha o fósforo e o goiano
Caiu água e se molhou!

Não se incomode eu tenho!’
Respondeu Macunaíma,
Tirou uma cigareira,
Perto dos dois se aproxima
E deu cigarro de palha,
Que se dá pra quem estima.

Depois afastou os mosquitos
E principiou contando
Um caso que se passou,
Pra noite ir navegando
No canto da sururina
As horas negras marcando.

No tempo de antes moço,
O automóvel não era
A Máquina que é hoje,
Era a onça-parda fera
Que chamavam Palauá,
Irmã da onça pantera.

Pois um dia Palauá
Ordenou pros olhos dela:
Vão na praia verdes olhos,
Vão sem medo da procela!
No que foram ficou cega,
Vagando pela orela.

Porém ergueu o focinho
Fez ele cheirar o vento,
Percebeu Aimaré-Pódole
Catando ali alimento,
Gritou pros olhos voltarem
A si no mesmo momento.

Palauá tava enxergando
Quando passou por ali
A tigre preta feroz
Em passo de baguari:
Posso saber que a comadre
Tá fazendo por aqui?

Estou mandando os olhos
Passear dentro do mar.
É bom? Bom demais comadre!
Então tu podes mandar
Meus olhos negros bonitos
Dentro dágua passear?

Mando não – é perigoso,
O Pai da Traíra está
Pela praia vigiando.
Mande meus olhos pra lá
Sinão te engulo comadre!
Foi o que fez Palauá.

Os olhos foram e a tigre
Ficou cega, não mais viu,
O Pai da Traíra logo
Os olhos dela engoliu,
Palauá maliciou,
Pela inhaca que sentiu.

Foi tratando de chispar
Porém a tigre feroz
Pressentindo a fugida
Garrou a onça no cóis,
Espera um pouco comadre!
E falou em alta voz:

Manda os olhos voltarem,
Já tou farta de escureza.
Palauá gritou bem forte:
Venham pela correnteza,
Olhos de minha comadre,
Mas depressa com certeza!

Mas os olhos não voltaram,
A tigre ficou uma fúria
Agora que te engulo,
Por me tratar com incúria!
Foi atrás da onça parda
Pra lhe deixar na penúria.

Foi uma chispada mãe
Por esses matos que chiiii!
Os passarinhos ficaram
Pequetitinhos em si,
A noite levou um susto
Que foi grande o quiriri.

Por isso quando faz dia
Por cima do arvoredado,
Debaixo é sempre noite
Escura de meter medo,
Coitada, não pode andar,
Vive escondida em degredo.

Quando correu légua e meia
Palauá olhou pra trás,
Tava demais fatigada
Nem correr podia mais,
A tigrone vinha perto
Com apetite voraz.

Palauá chegou no morro
De nome Ibirapora,
Viu a bigorna gigante
De aço que não acaba,
A seu lado quadro rodas
Laçadas com piaçaba.

Então Palauá amarrou
As quatro rodas nos pés,
Desatou o punho da rede
Chispou meio de través,
A tigre preta urrava
Coladinha às suas rés.

A corrida provocava
Um tremendo barulhão,
Os passarinhos de medo,
Perdidos na escuridão,
Ficavam todos mudinhos
Durante a perseguição.

Bateu fome em Palauá,
A tigre na cola dela,
Prosseguir não poderia
Pois se sentia fraquela,
Com tanta fome engoliu
Um motor pela goela.

Nem bem o motor caiu
Na barriga e ela criou
Força nova nos pneus
E pela estrada chispou,
Mas tava muito escuro,
No morro á frente trombou.

A porrada foi terrível
Que por um triz não morreu
Era uma vez Palauá!
Antes ela do que eu!
Pra evitar tanta escuriza
Dois vagalumes comeu.

Mas é que eles ficaram
Com fiofós pra de fora,
São maquininhas faróis
Que ela carrega agora,
Iluminam, sinalizam,
Pisca-pisca toda hora.

Alumiando o caminho,
Nem fez outra légua e meia
Deu uma olhada pra trás,
Era o que ela receia,
A tigre no calcanhar
Com o bafo lhe tonteia.

A onça parda cheirava
E a peste da tigre tinha
Um faro de perdigueiro,
Por isso que sempre vinha
Colada no seu traseiro
Sem nunca perder a linha.

Vai Palauá ingeriu
Galgo de óleo purgante,
Uns litros de gasolina
Despejou lá no bufante,
Que nem jegue peidorreiro
Disparou no mesmo instante.

A tigre preta ficou
Um bocado atrapalhada
Porque não cheirava mais
A catinga da danada
Palauá correu bem muito,
Olhou atrás e não viu nada.

Nem podia mais correr,
Suas fuças fumegavam,
Era tamanha a quentura
Que os vagalumes cegavam,
Chegou no Porto de Santos
Onde os navios paravam.

Vai a bicha derramou
Muita água no focinho,
Uma folha-açu retirou
De banana-capotinho,
Pôs sobre ela pousada,
Cobriu tudo direitinho.

A tigre preta ficou
Mais atrapalhada ainda,
Por ali perto passou
E a comadre na berlinda,
Dormia que nem piava
Numa canseira infinda.

Com medo da tigre preta
A onça ficou com tudo,
Anda com rodas nos pés,
No bucho motor forçado,
Ólio, água, gasolina,
Dois faróis, capô baludo!

Até tomou nome estranho
Pra disfarçar inda mais,
É a Máquina automóvel
Hoje de tudo capaz,
Pronta sempre pra chispar,
Veloz como satanás.

Com a buzina estridente,
Fon-fon! Chuééé! Baúúa!
Provoca muito acidente,
Atropela pela rua,
Nem sinal, guarda nem nada
Aquela fúria atenua.

Macunaíma parou,
Derramava comoção,
Sobre as águas uma fresca
Boiava na escuridão,
Pra disfarçar uma lágrima
Deu mergulho brincalhão.

Então na porta da casa
A onça Bate urrou,
Com a goela pra lua
Uma bulha ali formou,
Um pitium sufocante
Por todo ar se espalhou.

Venceslau Pietro Pietra
Da Europa regressava,
Logo o chofer e a criada
Piaimã convidava,
Vamo dentro minha gente!
E logo pra casa entrava.

Piaimã possuía
Duas orelhas furadas,
Ali enfiou as pernas
Do chofer bem separadas,
Atravessaram o parque
Como dois bons camaradas.

Bem no meio do salão
Sofás de cipó-titica,
Além um buraco enorme
Onde um cipó se estica,
Feito um balanço gigante
Ornado com tiririca.

Piaimã sentou o moço
Bem por riba, do cipó,
Pra balançar um bocado
E sacudiu sem ter dó,
Japrecanga e tiririca
É mato de espinho só.

O gigante balançou
E de repente um arranco,
Os espinhos espetaram
O motorista no flanco
Chega que tou satisfeito!
Gritava no solavanco.

Balança mais que vos digo!
Secundava o Piaimã,
O sangue escorria abaixo
Onde tava a charlatã
Temperando o macarrão
Para uma festa pagã.

Aí o Piaimã deu
Um arranco muito forte,
O rapaz caiu no molho
Se reclamando da sorte
Com pai e mãe a meu lado
Não temo a própria morte!

Venceslau Pietro Pietra
Foi buscar Macunaíma,
O herói já tava se rindo,
Na criada dando em cima,
Eis que chega Piaimã
E a conquista desestima.

Vamo lá pra dentro herói?
Ai! Que preguiça que dá...
Ora, vamo meu maninho!
Tá bom – então vamo lá!
Na orelha pendurado
Balançava lá e cá.

O herói, de sarabatana,
Já de cabeça pra baixo,
Acertava nos ovinhos
Que divisava debaixo,
Incomodou o gigante
Que reclamou cabisbaixo.

Faz isso não meu patrício!
E tomou a sarabatana,
Atirou ela bem longe
Mas o herói não engana,
Agarra os ramos de mato
Que nas suas mãos abana.

Macunaíma faz cócegas
Na orelha do gigante,
Piaimã dá gargalhadas
O espírito delirante,
Logo chegaram no rôl
E o painelão adiante.

Por debaixo da escada
Tinha a gaiola de ouro,
Os passarinhos cantantes
Pareciam um tesouro,
Mas era cobra e lagarto,
Escorpião e besouro.

Macunaíma pulou
Na gaiola pra comer
As cobras que tinha lá
Comeu cinco sem temer
Quando o gigante chamou
Pro balanço conhecer.

Engoliu mais outras bichas
Até todas acabarem
E o herói cheio de raiva
Viu mil idéias vingarem
Com ódio fitou o gatuno
E os medos todos passaram.

Piaimã então convidou
O herói pra ir balançar
Milhor você vai primeiro
Disse pra se desculpar,
Mas o gigante insistia:
Vamo herói vai balançar!

Sei não, ai, nunca aprendi,
Ademais, tô com preguiça!
Mas é mole meu maninho!
Fez Piaimã com malícia,
É o mesmo que beber água,
Igual padre dizer missa.

Macunaíma espiou
O gigante bem matreiro,
Fez um gesto decidido
Como fosse o derradeiro
Então aceito! Porém
Quero ver você primeiro.

Então o gigante amontou
E o herói foi balançando,
O cipó de japecanga
De pronto foi arranhando,
Mais um arranco-guaçu
E o sangue foi espirrando.

A caapora lá embaixo
Não sabia que a sangreira
Era do gigante dela
E aparava a aguadeira,
O molho engrossava bem,
O catchupe longe cheira.

Pára! O Piaimã soluçava,
Pois balança que vos digo!
Macunaíma agitava
E reforçava o castigo,
Após um tranco fortíssimo,
Destronou seu inimigo.

Venceslau Pietro Pietra
Caiu no poço berrando
Lém-lém se desta escapar,
Pra vocês estou jurando,
Nunca mais como ninguém
Na panela fumegando.

Enxergava o macarrão
Borbulhando na panela,
Afasta que vos engulo!
De longe berrou pra ela,
Porém jacaré fastou ?
E nem tampouco a gamela.

O gigante esparramou
Dentro da macarronada,
Subiu no ar um fedor
De carne ruim assada,
Morreram mil tico-ticos
Que bicavam na calçada.

Piaimã se debateu
Mas tava morre-não-morre,
Num esforço gigantesco
Do fundo do tacho acorre,
Retirando o macarrão
Que da sua cara escorre.

Falta Queeijoo! Berrou,
Logo em seguida morreu,
Venceslau Pietro Pietra
Teve o fim que mereceu,
O gigante Piaimã
Jamais a ninguém comeu.

Macunaíma voltou
Da sapituca que teve,
Pegou a muiraquitã
Que disputando obteve,
De bonde voltou à pensão
E lá não mais se conteve.

Chorava gemendo assim
Pitando a pedra amarela:
Querida muiraquitã
Talismã de minha bela,
Me alegre de ver você
Fico triste em não ver ela.

XV

A PACUERA DE OIBÊ

*O mundo ficava mudo não falando um isto e o silêncio vinha
amulengar a mornidão da sombra na igarité.*

Enfim os três filhos à terra tornam,
Deixam, sem ter pena, a cidade grande,
Ao ver a mata, o rio, o peito expande
O calor intenso dos que retornam,
Na canoa se deleitam e sornam
O prazer de ver locais de nascença:
Onde ocorreu a mal e a benquerença
Ali se iniciou toda essa aventura,
Onde o herói se fez de envergadura
Que teve vida venturosa e intensa...

Que narrá-la aqui requer mais sabença.

XV

Então os três manos voltaram
Logo pra sua querência,
Estavam mui satisfeitos
Com o fim da penitência,
Uma satisfa bem grande
Deixa o herói em evidência.

E quando atravessaram
O Pico do Jaraguá,
Macunaíma bem deu
Uma olhada pra lá,
Maginou mui sorumbático
Que ali jamais voltará.

Saúde pouca e saúva
Os males do Brasil são...
Uma lágrima sentida
Rolou e caiu no chão,
Com o beicinho tremendo
Fez um caboge então.

Sacudindo os pés no ar
Virou a taba gigante
Numa preguiça de pedra
Partindo no mesmo instante
Alguns recuerdos levou
Da paulicéia galante.

Carregou junto com ele
O revólver Smith-Wesson,
Um bom relógio Patek,
Um Café Moka expresso,
Galo e galinha legorne,
Um programa do congresso.

Do revólver e do relógio
Macunaíma fez brinco,
As duas aves seguiam
Numa gaiola de zinco,
No beijo furado leva
O talismã como trinco.

Por causa dele ficou
Tudo muito, muito fácil,
Deslizavam o Araguaia
Ao pôr-do-sol violáceo,
Maanape e Jiguê remavam
Admirando o herbáceo.

Outra vez marupiaras
Os três manos se sentiam,
Macunaíma na proa
Via o que outros não viam,
Tomava nota das pontes
Que os três construiriam.

Tudo da cidade grande
Haveriam de erigir,
Pra facilitar a vida
E melhorar o existir
Do bravo povo goiano
Nos tempos que hão de vir.

Noite chegada enxergando
Luzinhas dos afogados,
Sambando manso, sereno,
Nos remansos alagados,
Macunaíma dormia
O sono dos fatigados.

No outro dia acordava
O busto luzente erguido,
Na proa da igarité
Repinicava sentido,
A violinha cantando
Saudade do chão querido:

Antianti é tapejara

Pirá-uauau,

Ariramba é cozinheira,

Pirá-u auau,

Taperá, onde a tapera

Da beira do Uraricoera?

Pirá-uauau,

Taperá, tapejara,

Caboré,

Arapaçu paçoca,

Caboré,

Manos, vamos embora

Pra beira do Uraricoera

Caboré!

Panapaná pá-panapaná

Panapaná pá-panapanema

Papa de papo na popa,

Maninha,

Na beira do Uraricoera!

De novo ei-lo Imperador
Nanando a pele do rio,
O mirar longo, espichado,
Vendo a mata e o gentio,
Busca os pagos da infância,
Meninice de vadio.

Bem que as águas araguaias
Chamando murmurejavam,
Gemidinhos bem docinhos
Uiaras belas cantavam,
Vei – a Sol – com seu calor
As costas deles lambavam.

Era um calorão molhado
Relumeando o suor,
Maanape e Jiguê remando
Passavam de mal a pior,
Tudo era fogo e delírio
No rio e em todo redor.

Macunaíma lembrou
Que inda era Imperador,
Riscou um gesto pra Sol,
Logo uma nuvem ruivor
Escurentou de sopetão
O céu parando o calor.

O ruivor veio que veio,
Viu-se que tava chegando
Todos esses faladoras
Que na mata vivem em bando,
Uma tenda de mil asas
Foram aos poucos formando.

Arara vermelha e verde,
O papagaio-trombeta,
Periquito cutapado,
Araraúna pernetta,
Maracanã, Canindé,
Maipuré-cabeça-preta.

Era uma bulha de água,
Asas, deuses, passarinhos,
Pra proteger o herói
De vingarentos mesquinhos,
Que nem se escutava nada
Sussurrando nos caminhos.

Macunaíma assustando
Os legornes arriscava,
Um gesto de vez em quando,
Um grito tenor soltava,
O mundo sem vozerio
Toda a mornidão calava.

Dava mais entusiasmo
E a violinha tremida
Uma canção pinicava,
Triste, macia, sofrida,
O bonito Uraricoera
Sarava qualquer ferida.

Se escutava lá no longe
O ruidejar bem baixinho
Das corredeiras do rio
Deixando o mundo mudinho
E o silêncio amulengando
A mornidão com carinho.

Atirando gusparadas
Nosso herói pigarreava,
O guapa no rio afundando
Em matamatás virava,
Botando a boca no mundo
Feito doido ele cantava:

Meu mano vamos embora
Pra beira do Uraricoera,
Papa de papo na popa,
Taperá, onde a tapera?
Vamos embora maninhos,
Pra beira do Uraricoera.

Depois a boca-da-noite
Todas as bulhas engoliu,
Afora Capei – a Lua –
O mundo todo dormiu,
Rechonchuda, enorme, gorda,
Como nunca ninguém viu.

Urna noitada daquelas
Puxavante! Puxavante!
De sacanagem feliz,
Muita cunhã, quanta amante!
Tanto cachiri-champanhe,
Que agora ficou distante.

Foi tão bom quando brincou
De marido mais mulher,
As donas de pele alvíssima
Imitando malmequer,
O herói demonstra saudade
De todo aquele mister.

Então pensou muito sério
Na mãe da muiquitã,
Na diabinha gostosa
Boca sabor de romã,
Na briguenta, na marvada,
Que morreu mui temporã.

Ci tornou—se inesquecível
Porque fez ele dormir
Numa rede que teceu
Com cabelos de porvir,
Hoje no céu enfeitada
Vive brincando a luzir.

Quem tem seu amor longe,
Passa trabalhos trianos!
O herói, cheio de ciúme,
Virou as costas pros manos
E rezou pro Pai do Amor
Pra não sofrer desenganos:

Rudá! Rudá!

***Tu que estás no céu
E mandas nas chuvas.***

***Rudá! Faz com que minha amada
Por mais companheiros que arranje
Ache que tidos são frouxos!***

***Assopra nessa mareada
Sodades do seu marvado!***

***Faz com que ela se lembre de mim amanhã
Quando a Sol for-se embora no poente...***

Olhou de novo pro céu,
A Capei tomando tudo,
Deitou-se na igarité,
O clarão deixava mudo,
Dormiu entre maruins,
Muriçoca, borrachudo.

Vinha a noite amarelando
Quando o herói acordou,
Mano espera um poucadinho,
Pro Jiguê ele falou,
Foi dar um pulo na praia,
De lá a vista assuntou.

Foi légua e meia no mato
Buscar a linda Iriqui,
Ela esperava enfeitando
E aromando a piqui,
Os dois que bem festejaram
Brincando adoidado ali.

Voltaram pra igarité,
De novo a papagaiada
Se estendeu fazendo sombra
Por sobre a turma enfarada,
O herói já bem chateado
De ficar sem fazer nada.

Pra dormir em terra firme
Se lembrou de ir á praia,
Nem bem chegou se ergueu,
Por trás duma samambaia
O monstro Jucurutu
Que tava ali de tocaia.

Era o monstrengo Pondê
Que vive no Solimões
Virando gente de noite,
Vigiando os estradões,
Pra engolir caminheiros
Perdidos nos chapadões.

Pegou a flecha que tem
Na ponta a cabeça chata
Da formiga corupé
E sem provocar bravata
Estourou o bicho Ponde,
Virou coruja-da-mata.

Mais pra diante depois
Topou com Mapinguari,
Macaco-homem que anda
Fazendo mal por aí,
Atraindo as cunhatãs
Pra ir no seu tapiri.

O monstro Mapinguari
Agarrou no herói nu,
Macunaíma cuidou
De mostrar o toaliquiçu:
Não me confunda parceiro,
Não sou de fazer frufu.

O monstro riu e deixou
Macunaíma passar,
O herói andou légua e meia
Procurando onde pousar,
Num canto sem ter formiga
Nem pium pra perturbar.

Na ponta dum cumaru
Que não tinha mais altura,
Após muito campear
Descobriu na moita escura
A luzinha de um rancho
Perdido em tal lonjura.

Era o rancho de Oibê
Onde o herói se meteu,
Uma vizinha mui doce
Lá de dentro lhe gemeu:
Quem vem lá? É de paz!
Que o herói lhe respondeu.

Então a porta se abriu
E veio um bicho tamanho
Que sarapantou o herói
Com seu jeitão mui estranho,
Era o monstro Oibê,
Temível como o dianho.

O herói sentiu a friagem
Dentro do corpo correr,
Lembrou do Smith-Wesson,
Pediou pouso sem temer,
Entre que a casa é sua!
OuvIU o monstro dizer.

Pois Macunaíma entrou,
Foi sentando de mansinho,
Deu coragem e perguntou:
Vamos conversar vizinho?
Vamos mas sobre o quê?
Oibê matutou um cadinho.

De repente descobriu
Um tema mui satisfeito:
Vamos falar porcaria?
Chii! Gosto que é defeito!
E falaram por uma hora
Só nojeira desse jeito.

Oibê tava cozinhando
Uma boa comidinha,
Macunaíma porém
Nenhuma fome não tinha
Mas pôs no chão a gaiola
E alisou a barriguinha.

Juque! A barriga roncou,
Oibê ouviu e falou:
Que é isso, minha gente?
É fome! O herói secundou,
O monstro pegou a gamela,
Cará com feijão botou.

Depois encheu uma cuia
Com boa farinha-d'água
E deu tudo pro herói
Mas deixou ele na mágoa
Pois não deu nem a pacuera
Nem um tiquinho de água.

No espeto de canela
De sassafrás aromando,
Uma pacuera inteirinha
Continuava tostando,
Com a boca cheia d'água
O herói ficou se babando.

Macunaíma engoliu
Tudo sem nem mastigar,
Não tinha fome nenhuma
Mas estava a desejar,
Passou a mão na barriga
E ela ficou a roncar,

Juque! Oibê resmungou,
Que é isso minha gente?
É sede! O herói respondeu
E Oibê já descontente,
Foi buscar água no poço
Pra atender o indigente.

Enquanto ele ia o herói
Comeu a pacuera inteira,
Se lambeu bem sossegado
Já curtindo uma lombeira,
Bebeu um coco d'água
E se estirou numa esteira.

O estômago suspirou:
Juque! Juque: outra vez
Que mais que é isso gente?
É sono! Que o herói fez,
Oibê levou-o pro quarto
Onde hospeda freguês.

Deu boa-noite e fechou
A porta dele por fora,
Macunaíma sentiu
Uma bulhinha na hora,
Assuntou o quarto bem
Pra descansar sem demora.

Botou a gaiola num canto
Cobrindo com umas chitas,
Bateu a pedra de isqueiro
Viu mil baratas bonitas,
Logo o casal de legorne
Tava papando as ditas.

Macunaíma se riu,
Arrotou e adormeceu,
A baratada cobriu
O corpo dele e lambeu,
Lá fora Oibê pôs reparo
Na carne que ele comeu.

O monstro com muita raiva
Um sino grande agarrou,
Um lençol branco vestiu,
Em assombração virou,
Foi se vingar assustando
O hóspede que chegou.

Bateu na porta e tocou
O sino delém! delém!
Vim buscar minha pacuera
E meu sassafrás também!
O herói viu a assombração,
Ficou branquinho quem.

Paralisado de medo
Viu a visagem chegar,
Batia o sino dizendo:
Vim a pacuera pegar!
E o herói embasbacado,
Sem se mexer do lugar.

Quando o bicho chegou perto
Foi que o herói percebeu
Que não era assombração
Mas o monstro que o recebeu,
Pegou na Máquina revólver
Um tiro no bicho deu...

Porém Oibê não fez caso,
Veio vindo, veio vindo,
O herói voltou a ter medo,
Pulou da rede tinindo,
Pegou a gaiola e chispou,
Muitas baratas caindo.

Oibê desembestou atrás
Mas era só brincadeira,
O herói não acreditou
E disparou na carreira,
O minhocão acochava
Sem chegar à dianteira.

Macunaíma botou
O furabolo na goela,
Toda a farinha engolida
Num segundo desatrela,
O areão que formou
No chão o bicho embostela.

Macunaíma fugia
Tomando pela direita,
Desce o morro do Estrondo
E esse embalo aproveita,
Faz Sergipe ponta a ponta
E acha uma gruta perfeita.

Na boca da lapa um frade
Falou ao herói com pachorra:
Me chamo Mendonça Mar,
Chateado com a zorra,
E a injustiça dos homens,
Vivo aqui nessa modorra.

Ergui com as minhas mãos
Este altar à santidade,
Nosso Bom Jesus da Lapa,
Vive e faz a caridade
Perdoando como o Frei
Francisco da Soledade.

Macunaíma partiu
Mas logo adiante estava
Um outro desconhecido
Que gesto bobo inventava
E um caixotinho quadrado
Que a todos fotografava.

Os olhos relumeando
Tão descabida alegria,
Hercule Florence falou
Recorde bem este dia,
Estou aqui inventando
A Máquina fotografia.

Chiii! Isso já inventaram
Há muitos anos siô!
Ouvindo isso Florence
De repente estuporou,
Foi estudar passarinho,
Ficou maluco, pirou...

Macunaíma chispou,
Depois correu légua e meia,
Viu que Oibê tava perto,
Vomitou cará na areia,
Virou num tartarugal,
O monstro ficou na teia.

Mais légua e meia acolá
Vomitou água e feijão,
Aquilo virou um lamedo
Que prendeu Oibê no chão,
O herói ganhou dianteira
Voltou pra mesmo grotão.

Resolveu ir pro pomar
Bem no pé de carambola,
Pensando se esconder
Junto com sua gaiola,
Arrancou ramos da árvore
Mas a planta cantarola:

Jardineiro de meu pai
Não me cortes meus cabelos,
Um malvado me enterrou
Sem atender meus apelos,
Pelos figos da figueira
Agora vive a comê-los.

Os passarinhos choraram,
Choro de pena gemida,
O herói pegou o patuá
Que lhe protege na vida
E traçou uma mandinga
De uma só arremetida.

O caramboleiro virou
Uma princesa mui chique,
Deu um desejo no herói,
Ele quis ser seu cacique,
Porém Oibê já estava
Chegando ao maior pique.

Macunaíma ouviu
Perto bater o sininho,
Pegou a mão da princesa,
Foi fugindo de fininho,
Oibê no seu calcanhar
Já chegava bem pertinho.

Encontraram uma figueira
Que tinha enorme raiz,
Na sapopemba os dois
Esconderam-se por triz,
Mas Oibê percebeu
Pois é matreiro, beliz.

O braço na sapopemba
O minhocão enfiou,
Com os dedos compridões
A perna do herói físgou,
Mas, cheio de experiência,
O herói riu alto e falou:

Você está maginando
Que minha gâmbia agarrou!
Mas foi raiz, seu bocó!
O minhocão o libertou
E o herói de imediato
A perna livre puxou.

Mas sendo um sem vergonha
Não ficava satisfeito,
Inda foi gozar o monstro
Bem gritando a pleno peito
É perna mesmo, bocó!
Quem é bocó não tem jeito!

Tinha uma garça bem perto
E Oibê falou pra ela
Bote sentido no herói
E também nessa donzela,
Vou buscar uma enxada
Pra acabar com a querela.

A garça ficou guardando,
Oibê já tava distante,
Macunaíma falou
Pra garça bem confiante
Assim se bota sentido
Num bravo herói triunfante?

Fique de olhos abertos,
Aqui perto, arregalados.
Ela fez e o herói jogou
Formiga-fogo em punhados,
A garça gritava cega,
Os dois fugiram calados.

Já perto do Mato Grosso
Estavam mortos de fome,
Acharam uma bananeira
As verdes você que come,
Jogue fora as amarelas,
São ruim pra quem consome.

O herói disse e se fartou
Enquanto ela dançava
Cheia de dor de barriga
Pro herói que apreciava,
Nisso Oibê vinha chegando
E logo o par se mandava.

Correram mais légua e meia
E chegaram numa praia,
A igarité mais abaixo
Num pontão do Araguaia,
Maanape, Jiguê, Iriqui,
Dormiam de atalaia.

O herói botou o furabolo
Na goela fez cosquinha,
Jogou a pacuera n'água
Ela virou inteirinha
Num periantã jeitoso
Feito de erva fofinha.

Macunaíma botou
A gaiola e a princesa,
Um arranco deu com pé
No rumo da correnteza,
O periantã afastou-se
Flutuando com leveza.

Quando o minhocão chegou
Os dois já iam distante,
De raiva tremelicou,
Criou um rabo elegante,
Virou lobisomem famoso
Naquele mesmo instante.

Escancarou a goela
E da barriga saiu
Uma borboleta azul,
Alma humana que serviu
Corpo de lobo por artes
Do Carrapatu hostil.

Macunaíma e a princesa
Brincando pela corrente,
Muito se rindo pra outro,
Em gritaria contente,
Acordaram os três que iam
Numa canoa bem rente.

Iriqui enciumada
Porque o herói não queria
Saber mais dela e brincava
Com a princesa de dia,
Abriu um bué sonoro
Dando em Jiguê agonia.

Jiguê, cabra muito bobo,
Pedi pra Macunaíma
Ir brincar um poucadinho
Pra ver se ela se anima,
Mas o herói enfarado
Logo, logo, desestima:

Iriqui é relambória,
Não lhe dê crédito não,
Ôi! Que choro de mulher
E palavra de ladrão,
É como sol de inverno,
Como chuva de verão!

Foi brincar mais a princesa
Deixando triste Iriqui,
Ela chamou seis araras,
Canindés mais araris,
Subiu com elas pro céu
Chorando pedras rubis.

Canindés Amarelinhas,
Ariris verde-amarelo,
Também viraram estrelas,
Todo o céu ficou mais belo,
Iriqui e as aves são lá
Constelação Setestrelo.

XVI

U R A R I C O E R A

Agora Macunaíma passava as horas deitado de borco na proa da igarité e nunca mais havia de sarar.

Nem mesmo o chá de broto de abacate
Recupera o herói – é impaludismo,
Tosse, laringite, filosofismo,
Todo o mal do civilizado o abate
E doente comete o disparate
De atacar até mesmo seus irmãos,
Pois tantos sentimentos temporãos
Não mudam o caráter dissoluto
De quem nasceu no mato virgem bruto
E viveu errante como alguns pagãos.

Segredos da existência e seus desvãos.

XVI

De manhã Macunaíma
Acordou com muita tosse,
Uma febrinha lascada
Como se tísica fosse,
Porém era impaludismo
Que deixa gente sem posse.

A tosse da laringite
Aumentava o sofrimento,
Maanape foi preparar
Fortíssimo cozimento,
Ferveu broto de abacate
Que combate abatimento.

Agora Macunaíma
Passava as horas deitado,
Na proa da igarité
De borco e desanimado,
Nunca mais há de sarar
Magro, nu, desopilado.

Até uma vez recusou
Com a princesa brincar:
Ara! Ara! Que preguiça!
E danou-se a suspirar,
E modo triste, medonho,
De um herói terminar.

Um pássaro sirigaita
Trepado numa manguba,
Vendo o farrancho gritou
Sinhá dona vem à tuba!
Dá caminho pra passar!
Na frente tem um rei cuba;

Macunaíma feliz
Agradeceu a cortesia
E de pé ele assuntava
A paisagem que havia,
Veio o Forte São Joaquim
Que dum morro se erguia.

O herói mandou um té-logo
Lá pro cabo e pio soldado,
Só vestiam um naquinho
Do uniforme esfarrapado,
Tavam guardando as saúvas
Dos canhões abandonados.

Afinal tudo ficou
De fato conhecidíssimo,
Enxergou-se o cerro manso,
Daquele dia tristíssimo,
Que foi sua mãe um dia,
Coração grande, boníssimo.

No outro dia atingiram
As cabeceiras dum rio,
Escutaram o ruidejar
Do Uraricoera vadio,
Era ali a terra deles,
A querência, o casario.

Mais se enxergou o pauê
Trapacento assim malhado
De tanta vitória-régia,
Os poraquês malocados,
Os pitiús deslizando
Mergulhando no banhado.

No bebedouro da anta
Avistou-se uma tigüera,
Era um roçado velho
Que deu milho em outra era,
Além a maloca velha
Era agora uma tapera.

Macunaíma chorou
Ao achar a terra assim,
Já vinha a boca-da-noite
E o tempo tava ruim,
Bem entraram na tapera
E viram tudo no fim.

Maanape e Jiguê saíram
Pra fazer a facheada,
Pra pegarem algum peixe
Pois a fome tava arada,
A princesa também foi
Tentar alguma caçada.

O herói ficou descansando
Perdido na solidão,
Tava assim quando sentiu
No ombro um peso de mão,
Virou a cara e olhou
Junto dele um ancião.

Quem és tu nobre estrangeiro?
O velho lhe perguntou,
Não sou estranho, conhecido,
O herói logo secundou,
Sou Macunaíma e vim
Pra terra que me criou.

Você quem é conhecido?
O velho afastou os mosquitos
E disse: Sou João Ramalho,
A seguir deu dois apitos,
A mulher, quinze famílias,
Apareceram aos gritos.

E buscando pagos novos
Lá partiram de mudança,
Noutro dia bem cedinho
Não tinha ali mais criança,
Só os manos e a princesa
Ruminando uma esperança.

Ela seguiu pro roçado,
Maanape foi lá no mato,
Jiguê foi pra pescaria,
Macunaíma, de fato,
Foi buscar a consciência
Sem qualquer espalhafato.

Na boca do Rio Negro,
Na ilha Marapatá
Jacaré achou? Nem ele,
Não tinha mais nada lá,
Não achou nem em Manaus,
Nem em Belém do Pará.

O herói pegou a consciência
Dum hispano-americano,
Colocou bem na cabeça
Cobriu tudo com um pano,
Deu-se bem da mesma forma
Não sofrendo nenhum dano.

Passava uma piracema,
Centenas de jaraqui,
Macunaíma pescando
Por aqui e por ali,
Quando viu estava em Óbidos
Às margens do Juruti.

Mas o herói foi obrigado
A deitar tudo pra fora,
Porque falam lá em Óbidos
Que quem vem não vai embora,
Come jaraqui, fica aqui,
E o herói não se demora.

Voltou pro Uraricoera,
Chegou ao pino do dia,
Na sombra da ingazeira
Deitou e logo dormia,
Todos voltam pra tapera,
Macunaíma não ia.

Jiguê bem se acocorou,
Botou a orelha no chão
Pra ver se escutava o passo
Mas não ouviu nada não,
No grelo duma inajá
Maanape mirou em vão.

Aposto que você tava
Na ingazeira dormindo!
Estava negaceando
Nhambuguaçu muito lindo,
Você fez bulha, nhambu
Pro mato correu fugindo.

E era assim todo dia,
Os manos desconfiados,
O herói, matreiro, disfarça:
Eu caço por todos lados
Mas não acho nada não,
E vocês ficam parados!

Jiguê nem caça nem pesca
Pois passa o dia dormindo!
Jiguê teve raiva porque
O peixe andava sumindo,
Caça então, sem se fala,
Da queimada escapulindo.

Jiguê na praia do rio
Topou com o feiticeiro,
Era o velho Tzaló
Famoso no mato inteiro
Por ter uma perna só
E ser bom catimbozeiro.

Então saíram por mato
E capoeira gritando!
Nosso mano, nosso mano!
Nada, nada repostando,
Chegando na ingazeira
O herói tava despertando.

Ele tinha uma cabaça
De casca de jerimum,
Essa cabaça encantada
Pesca dourado, muçum,
Pacu, tucunaré, bagre,
Cará, ariocó, atum!

Jiguê reparou no jeito
Que o feiticeiro fazia,
Jogava os peixes na praia
E a cabaça esquecia,
Enquanto matava os peixes
Jiguê com ela fugia.

Mais diante fez quem
Viu o feiticeiro fazer,
Veio pirandira e bagre,
Veio cascudo a valer,
Jundiá, tucunaré,
Jarí a não mais poder.

Foi esconder a cabaça
Numa raiz de cipó,
Depois voltou carregado
Por graça do Tzaló,
Os manos sarapantados
Comeram bem sem ter dó.

Só o herói desconfiou
De olho esquerdo dormindo,
No outro dia esperou
Que Jiguê fosse saindo,
Saiu atrás e viu tudo,
O segredo descobrindo.

Logo o mano foi embora,
Macunaíma agarrou
Na cabaça escondida
Fez do modo que espiou,
Veio Acará, Guarijuba,
Mandi e Surubim pegou.

Na pressa de matar todos
O herói largou a cabaça,
A cabaça mergulhou
Onde a pirandira passa,
Pensando que era abobra
A Padzá a cuia traça.

Macunaíma voltou
E contou o sucedido,
Jiguê teve muita raiva
E reclamou do bandido!
Cunhada princesa eu pesco,
Quem estraga é seu marido.

E mentira- diz o herói,
O que hoje você fez?
Cacei viado e comi!
Quéde ele meu freguês,
Que até hoje nada vi?
Conto tudo pra vocês.

Andando por um caminho
Topei rasto dum mateiro,
Agachei-me e fui no rasto
Pensando ser catingueiro,
Olhando, olhando, bati
Num macio travesseiro.

Foi! Dei uma cabeçada
Em coisa mole, engraçado!
Vocês sabem o que era?
Pois a bunda do viado!
(Nisso o herói gargalhou)
Um bicho desmunhecado!.

Viado indagou pra mim:
Que tá fazendo, parente?
Te campeando – falei,
E num gesto de repente
Matei o bicho e comi
Com tripa, osso e dente!

Vinha trazendo procês
Um naco de bom tamanho,
Atravessando o Ypu
Escorreguei, levei banho,
As tanajuras sujaram
Todo o pedaço do lanho.

Maanape desconfiou
Pois a peta era tamanha,
E sendo bom feiticeiro
Até mentira ele apanha,
Disse na cara do herói!
Mano você não se acanha?

Fez assim um grande gesto
E o herói piscou de medo,
Confessou que era lorota
E desvendou o segredo,
Macunaíma sofreu
Dos três penoso degredo.

No outro dia Jiguê
Na procura da cabaça,
Topou com tatu-canastra
Feiticeiro de má raça,
Caicãe que não teve mãe
Bem na sua frente passa.

Caicãe sentado na toca
Puxou sua violinha,
Feita com outra metade
Da encantada abobrinha,
Agarrou cantando assim
Uma sonora modinha.

Vôte, vôte, cuandu!
Vôte, vôte, seu quati!
Vôte, vôte, taiaçu!
Vôte, vôte, pacari!
Vôte, vôte, canguçu!
Êi! Bicharada! Aqui!

Pois, vieram muitas caças,
Mano Jiguê reparando,
Caicãe largou da viola
E principiou matando
Aquele poder de caças
Tudo tantã, bambeando.

Jiguê roubou a violinha,
Mais pra diante cantou
Quinem que tinha escutado,
Um mar de caça apanhou,
Depois escondeu a viola
E pra tapera voltou.

Tornaram a se espantar
Mas comeram todos bem,
O herói a desconfiar
No outro dia também
Dormiu com o olho aberto
Pra descobrir o que tem.

Descobriu tudo, tudinho,
O mano voltou à tapera,
O herói pegou na viola,
Se apulumou na espera,
Veio imundície de caça,
Caça mansa, caça fera.

Paca, Muçum, Capivara,
Cateto, Jaguatirica,
Anta, Tatu, Canguçu,
Mono, Teju, Tiririca,
Onça, Lontra, Muçus,
Onça Pixuna Nanica.

O herói aí teve medo
Da bicharada tamanha,
Pinchou a viola longe,
Na corrida a mata ganha,
Põe a gaiola no braço
E nenhuma caça apanha.

O galo com a galinha
Um cacarejo faziam,
Macunaíma pensava
Que os bichos perseguiam,
Canela pra que te quero!
E as canelas respondiam.

A violinha caiu
No dente dum Queixada
Tinha umbigo nas costas
E a carcaça enrugada,
Em dez vezes dez pedaços
A viola foi lascada.

O herói estourou tapera
Feito um destemperado,
Botando os bofes pra fora
Contou o que tinha passado,
Agora não caço nem pesco,
Jiguê jurou muito irado.

E a fome principiou
Todos lezando curtindo,
Bem pediam pra Jiguê
E ele na rede dormindo,
O herói jurou se vingar
E um feitiço foi urdindo.

Com presa de sucuri
Disfarçou um bom anzol,
Chegou pro feitiço disse:
Se Jiguê fizer farol,
Se encrave na mão dele!
E largou o mal no sol.

Jiguê sem poder dormir,
De tanta fome que tinha,
Viu o anzol e perguntou:
Mano o anzol é de linha?
Xispeteó!, o herói disse,
Pega Dourado e Tainha.

Jiguê decidiu pescar
Pois tava com muita fome,
Deixa ver se é mesmo bom
Este anzol pra quem consome,
Na palma de mão espeta
E na carne a ponta some!

O dente de sucuri
Despejou todo veneno,
Jiguê correu pro matinho
Pegou um galho pequeno
De maniveira nativa
Que encontrou no terreno.

Foi buscar uma cabeça
De Anhuma que esfregou
Na picada da serpente
Mas de nada adiantou,
A ferida virou lepra
E no corpo se espalhou.

Primeiro comeu o braço,
Depois metade do corpo,
Mais além as duas pernas,
Foi deixando ele torto,
Comeu tudo e só a sombra
Sobrou do sujeito lorpo.

A princesa teve ódio
Pois andava ultimamente
Brincando só com Jiguê
E o herói espertamente
Bem que tinha percebido
Porém maginou descrente:

Plantei roça de mandioca
No entanto nasceu maniva,
Sei que de ladrão de casa
Nenhum sacristão se priva,
Depois encolheu os ombros
De forma compreensiva.

Quando o herói for passear,
Disse a princesa raivosa,
Você vira um cajueiro
Ou um pé de manga-rosa,
Ou pacuera de viado,
Pra ver ele contar prosa.

A sombra envenenada
Poderia o liquidar
O herói Macunaíma
Quando ele desesperar,
A fome lhe corroendo,
Ele não vai agüentar.

Foi espairecer andando
E topou um cajueiro,
Quis comer porém notou
A sombra como bicheiro,
O mesmo deu-se em seguida
Na pacuera do mateiro.

Mais légua e meia depois
Topou uma bananeira,
Já tava vesgo de fome
E por causa da vesgueira
Olhou a sombra dum lado
E do outro a embusteira.

Arre que posso comer?
E devorou todas pencas,
Era sombra venenosa
E pareciam avencas,
Agora chegava ao fim
A vida de mil encrencas.

Então lembrou de passar
Nos outros a tal doença,
Para não morrer sozinho,
Assim nos diz essa crença,
Pegou a formiga-saúva
Esfregou bem na ofensa.

Depois a Jaguataci,
A vez da Formiga Aqueque,
A Tracuá e a Quiquóm,
A Mumbuca bem moleque,
Todas ficaram leprosas,
Não há santo que seque!

E não tendo mais formigas
Em volta do herói sentado,
Mode estava com preguiça,
Moribundo e enfarado,
Passou o mal no birigui
Que lhe tinha beliscado.

Por isso que o birigui
Entra na pele e atravessa
O corpo pro outro lado
E não há nada que impeça
Que o furinho da entrada
Vire Bureva possessa.

Macunaíma passou
A lepra em sete pessoas,
Visou são no sufragante,
Voltou pra tapera à toa,
A sombra de Jiguê viu
Que o herói é gente boa.

Foi assim que quis voltar
Pra bem junto da família,
Era de noite e a sombra,
Antes que a noite assimile-a,
Sentou na pedra e ficou
Em permanente vigília.

Fogo, cunhada princesa!
A princesa coxeando
Doente de zamparina,
Trouxe um tição lumiando,
A sombra engoliu tudinho,
A cunhada e o fogo brando.

Foguinho mano Maanape?
O mano trouxe o tição
Se arrastando opilado,
A sombra não deu perdão
Engoliu o fogo e Maanape,
Tudo de um só sopetão.

Foguinho, Macunaíma!
Queria engolir também,
Mas o herói precavido
Não quis acudir ninguém,
Fechou a porta quieto
E dormiu como um neném.

A sombra não conseguiu
E ficou se lastimando,
De madrugada Capei
Vinha o céu iluminando,
A leprosa pôde entrar
Na cangerana sentando.

Pra se vingar de manhã
Inda tava acocorada,
Macunaíma acordou,
Não viu a sombra amoitada,
Quando passou pela porta
No seu ombro fez pousada.

O herói não maliciou,
Padecendo muita fome,
Tudo que ele pegava
A sombra toma e come,
Pesca peixe, põe no cesto,
E num minuto ele some.

Tamorita, Cajuí,
Bacuri, Caju, Ingá,
Cupuaçu, Graviola,
Mangarito, Biribá,
Ele joga no panelaço
E a sombra tira de lá.

E era o mesmo no rio,
Cada peixe que pescava
A sombra logo engolia,
No poleiro se fartava,
Deixa estar que te arranjo
Macunaíma pensava.

Quando peixe fisgou deu
Um baita arranco na vara,
Com o impulso o peixe
Só na Guiana pousara,
A sombra correu atrás
Curtindo a fome avara.

Pra outro lado o herói
Rapidinho gavionou,
Na volta porém a sombra
Atrás dele disparou,
Na terra do tatu-branco
Um susto grande pregou.

No meio de duas sombras
Passou sem pedir licença,
Jorge Velho e Zumbi
Numa discussão imensa,
O herói tava cansadíssimo
Da maratona intensa.

Estava na Paraíba,
A sombra vinha chegando,
O herói tava impaludado
Quase, quase desmaiando,
Encontrou uns bóias-frias
Num açude trabalhando.

Água pra matar a sede!
Macunaíma pediu,
Não tinha gota porém,
Raiz de umbu conseguiu,
Deu pra beber às legornes
E a viagem prosseguiu.

O cão leve quem trabalha!
Disse o herói e agradeceu,
Estumaram a cachorrada
E foi bom porque correu,
Acochado pela sombra
No estrado se intrometeu.

Mais adiante, dormindo,
Um boi Malabar chamado
Espácio do Piauí,
Pelo herói atropelado,
Louco de susto chispou
Num cego galopeado.

A sombra escutava a bulha
E imaginou! É o herói!
Foi atrás mui rapidinho,
Mais tarda alcançou o boi,
Pra não perder a pernada
Empoleirada se foi.

Porém nunca mais o boi
Pode uma coisa comer,
A sombra engolia tudo
Deixando o bicho sofrer,
Jururu, magruço e lerdo,
Certamente vai morrer.

Quando passou no rincão
Água Doce do Areal,
O boi viu sarapantado
Na sombra do laranjal,
A galinhada ciscando,
Sinal de morte fatal.

Noutro dia o Marruá
Estava mortinho assim,
Aos poucos esverdeando,
Mesmo da cor do capim,
A sombra mui pesarosa
Cantava um canto ruim!

***O meu boi morreu,
Que será de mim?
Manda buscar outro
– Maninha!
Lá no Bom Jardim.***

Bom Jardim era estância
Do Rio Grande do Sul,
Então veio uma gigante
Toda vestida de azul,
Pra brincar com Marruá
Dança perdida e taul.

Viu o boi morto e lastimou,
Quis levar o boi pra ela,
A sombra irada cantou
Uma canção tarantela,
A gigante agradeceu
E fugiu sem lhe dar trela.

Então passou por ali
Um indivíduo famanado,
Siô Manuel da Lapa
Estava bem carregado
De folha de cajueiro
E de algodão enramado.

A sombra saudou cantando
Sonorosa saudação!
Seu Mané vem do Açu
Com rama de algodão,
Muita folha de caju,
Seu Mané traz do sertão.

Pra agradecer seu Mané
Dançou um sapateado
E com folhas de caju
E algodão entremeado
Cobriu o cadáver do boi
No chão liso abandonado.

O velho já retirava
A noite do seu buraco,
A sombra se confundiu
Do boi não viu mais um naco,
Dançou à procura dele
Pulando quem macaco.

Um vagalume espantou
Daquela procura estranha
E cantando perguntou
Porque aquela artimanha
Dançando mostrou o boi
E a sombra nele agatanha.

Ela trepou na barriga
E ficou ali chorando,
Outro dia o boi já podre
Urubus foram chegando
E ao ver tanta carniça
Principiaram dançando.

Muitos urubus vieram:
Urubu-rei e Urubutinga,
O Ministro, Urubupeba,
Que só quer olho e língua,
O Camiranga e o Jeregua,
Revoando na caatinga.

Todos fizeram a festa
De tio formosa carniça,
Foi assim que inventaram
Essa festa arranhadiça
Chamada Bumba-meu-boi,
Que o povaréu todo atiça.

A sombra ficou com raiva
De estarem comendo o boi,
Pulou no Urubu-ruxama
E no ombro dele se foi,
Foi recebida na festa
Com flores de restaboi.

O Pai-do-Urubu contente
Mui satisfeito gritou:
Achei uma companhia
E com ela lá me vou!
Pras alturas muito azuis
O Urubu-real voou.

Desde esse dia o Ruxama,
Que é o Pai-do-Urubu,
Anda com duas cabeças,
A da sombra, jururu,
E outra do lado esquerdo,
Pescoço pelado e nu.

De primeiro o Urubu-Rei
Tinha só uma cabeça,
Hoje revoa solene,
Por incrível que pareça,
Com as duas coroadas,
No meio da nuvem espessa.

XVII

U R S A- M A I O R

Então Macunaíma não achou mais graça nesta terra.

Agora Macunaíma está só,
Todos se foram, a tapera cai,
A doença do impaludismo vai
Devastando talequal um catimbó,
Somente um papagaio já bocó
Acompanha o herói no triste fim,
Como toda gente de vida assim
Decerto vai virar constelação
E sua vida terá a narração
Boca-a-boca, tintim por tintim.

Lembro o dia que era só um curumim.

XVII

Macunaíma cansado
Se arrastava pra tapera,
A casa velha vazia
Sem mesmo nenhuma fera
Deixava-o contrariado
Sem saber porque que era.

Ficou defunto sem choro
No abandono completo,
Os manos foram embora
E o lugar Tava repleto
Do silêncio cochilando
Num desamparo discreto.

E mesmo a gente esbarrava
Umas cunhãs por ali,
Que enfaro! Que preguiça!
Que solidão tem aqui!
O herói contrariado
Não entende o quiriri.

Logo mais foi obrigado
A tapera abandonar,
Pois a última parede
Estava a desmoronar,
E a malária não deixava
O herói reanimar.

Trouxera a rede pra alto
De um teso onde existia
Uma pedra com dinheiro
Do tempo da monarquia,
Enterrado por debaixo
Por uma pirataria...

Amarrou a rede entre dois
Cajueiros frondejando,
Não saiu de riba dela
Muitos dias ressonando,
Comendo cajú maduros,
A solidão enfrentando.

O próprio séquito alado
Todinho se dissolvera,
Só mesmo um aruaí
Ou alguma cardigueira
Ficavam ciscando ali
Pelos pés de macaxera.

Vê que um ajuru-catinga
Passara muito afobado,
Papagaios perguntaram
Aonde ia o aparentado,
Madurou milho na terra
Dos ingleses, bem ao lado!

Então todos papagaios
Foram comer milho lá,
Só ficou um aruaí
Com medo dum carcará,
Era um louro falador,
Igual a ele não há.

O herói pensamenteando
Se consolou com ciência:
Mal ganhado o demo leva,
Paciência, paciência.
Passa os dias enfarado
Relembrando acontecência.

Se distraía fazendo
O pássaro repetir,
Na fala dos tapanhumas
Causos que fazem rir,
Ocorridos da infância
Na aurora do porvir.

O nosso herói bocejava,
Aaahh, escorrendo caju,
As mãos pra trás imitando
Um travesseiro-guaçu,
Jamais saía da rede
Molinho como um teiú.

Vinha o casal de legorne
Empoleirava nos pés,
O lourinho caminhava
Como pirata em convés,
Repetindo as aventuras
De cá pra lá de revés.

Vinha a noite e aromado
Pelo odor do cajueiro,
O herói ferrava no sono
Um ressonar bem maneiro,
Quem vê dormir até pensa
Que é o sono derradeiro.

Quando vinha a arraiada
O papagaio tirava
O bico debaixo da asa
E o café que ali tomava
Era a aranha que de noite
Mil teias no herói fiava.

O papagaio chamava
Depois já mui satisfeito:
Macunaíma! Herói!
E o herói nem um trejeito,
Enfarado e dorminhoco
Nem se mexia do leito!

Ô herói! Macunaíma!?
Mas deixa a gente dormir!.
Acorda herói! É de-dia!
Vamos nós se divertir,
Pouca saúde e saúva...
...Começava a repetir.

Macunaíma então dava
Uma grande gargalhada,
A cabeça ele coçava
Pois só vivia irritada,
Tava assim de pixilinga
De tão grande piolhada.

O aruaí repetia
O caso recém-aprendido,
Macunaíma orgulhoso
Da glória do sucedido
Dava mais força pro louro
Contando outro ocorrido.

E era assim todo dia,
Cada caso mais pançudo,
Quando Papaceia vinha
Com seu passinho miúdo,
Mandando tudo dormir,
O louro ficava mudo.

Com raiva por ter parado
Uma história no meio,
O papagaio xingava
Taína-cã sem receio,
Vendo isso o herói contou
Mais um caso de permeio.

Taína-cã – Papaceia –
Tem pena da Terra e manda
Dar o sossego do sono
A toda gente que anda,
Pra quem não tem pensamento
Nenhuma existência abranda.

Sendo indivíduo também
Relumeava bem lá,
No campo vasto do céu
Onde todo ser está,
Foi querido pela filha
Dum cacique Carajá.

Imaerô – a mais velha
Filha do morubixaba,
Pedi ao pai Zozoiça
Que trouxesse bem na taba
Taína-cã – Rei Bonito –
No leito de piaçaba.

Taína-cã relumeia
Tão bonito que eu quero
Me enfeitar com sua lua:
E foi verdade, assevero,
Papaceia chega à noite
Num galeão celtibero.

Um remeiro saltou dele
E falou pra Imaerô:
Escutei vosso pedido
E apaixonado estou,
Peço que case comigo.
Ela de pronto aceitou.

Contentíssima deu a rede
Pra Taína-cã dormir,
Com a mana Denaquê
Foi o leito dividir,
Prevendo a felicidade
Que haveria de vir.

No outro dia, porém,
Todos se sarapantaram,
Taína-cã acordou
E as moças verificaram,
Coroca e tremelicando,
Suas feições enrugaram.

Sai da frente cocoroca!
Vê lá se sou de casá
Com um cacunda enrugado!
Bom moço hei de encontra,
Mui brabo, belo e mucudo,
E de nação Carajá!

Ouvindo de Imaerô
A verdade dita assim,
Taína-cã jurou,
Pensou no mundo ruim,
Na injustiça dos homens
Sem começo, meio e fim.

Porém a filha mais nova
Teve pena do coroca,
Disse: Caso com você!
E lhe deu urna beijoca,
O velho brilhou de gozo
Muito alegre com a troca.

Denaquê feliz cantava
Preparando o enxoval:
Amanhã por estas horas,
Furum-fum-fum coisa e tal!
Eu também com vossa mãe,
Furum-fum-fum bem legal.

Depois de que se acabaram
Os dedos das vossas mãos,
Que são de espera pra noivo
A uma rede sem desvãos
Trançada por Denaquê
Foram os dois cortesãos.

Furum-fum-fum muito tempo
Brincou-se a dança do amor,
Porém nem bem rompe o dia
Taína-cã com fervor,
Se preparou pro roçado
Como qualquer lavrador.

Você fica no mucambo,
Nunca vai me espiar,
Disse assim pra Denaquê
Que ficou a matutar
Nesse velhinho gostoso
Que tanto lhe soube amar.

Taína-cã derrubou
Muito mato e botou fogo,
Fez aradura na terra
Sem a ninguém pedir rogo,
Depois voltou pra palhoça
Pra curtir um desafogo.

Naquele tempo a nação
Carajá não conhecia
Plantas boas de comer
Só peixe e bicho engolia,
Era de muito louvor
O que o velhinho fazia.

Na madrugada seguinte
Declarou pra companheira
Que ia buscar caroço
Pra fazer a sementeira,
Bisou a proibição
E sumiu na capoeira.

Denaquê ficou deitada
Matutando as gostosuras,
As noites boas de amor
Cheias de tantas venturas
Que o bom do coroca dava
Até com muitas farturas.

Taína-cã pois foi dar
Uma chegada no céu,
Foi lá no Corgo Berô
Rezou tirando o chapéu,
Com a perna em cada lado
Do córrego assuntou o véu.

Daí a pouco vieram
Vindo no pelo da aguinha
Sementes de cururuca,
Fumo, cará, manivinha,
Taína-cã apanhou,
Levou pra sua rocinha.

Estava ali trabucando
Quando Denaquê chegou,
Tava cheia de saudade
Da noitada que passou,
Quis rever o companheiro
Mas um susto ela levou.

Deu um grito de alegria
Mui contente com o que viu,
Taína-cã era moço,
Brabo, mucudo, viril,
E de nação Carajá!
Não um coroca senil.

Fizeram um macio de fumo
E um colchão de maniva,
Brincaram pulando ao sol,
A arraiada dando vivas,
Quando veio o arrebol
Donaquê estava cativa.

Quando voltaram ao mocambo
Muito um ao outro se rindo,
Imaerô ficou fula
E foi logo decidindo:
Taína-cã é pra mim!
Na minha rede é bem-vindo.

Sarta fora! Sai azar!
Que Taína-cã falou,
Quando quis você não quis,
Agora bem, se danou!
Brinque-se! E mais Denaquê
Logo na rede trepou.

Imaerô suspirou
Assim mui desinfeliz:
Pois deixe estar jacaré,
E como o ditado diz,
A lagoa há de secar!
E partiu muito infeliz.

Saiu gritando no mato,
Virou na ave araponga,
Berra amarelo de inveja
Uma cantiga bem longa,
De Imaerô nada mais
Se ouviu falar uma chonga!

Desde então pela bondade
Da estrela Taína-cã
O Carajá come tudo
Milho, aipim, caju, romã,
Tem fumo pra se animar,
Padu pra ficar tantã.

E tudo o que Carajá
Pra seu viver carecia,
Taína-cã lá do céu
Ror de fartura trazia,
Pois não é que Denaquê
Armou grande ingrizia?

A cunhã, de ambiciosa,
Entendeu de namorar,
Com todas as estrelinhas
Queria no céu andar,
Taína-cã – a Papaceia
Logo pôde confirmar.

De tão triste se orvalhou,
Pegou nos teréns e foi-se,
Do vasto campo do céu
Pra Carajá nada trouxe,
A fartura que era tanta
Num minutinho acabou-se!

Tem mais não! finalizou,
O papagaio dormia,
Depois janeiro chegou,
O herói acorda alto dia
Com um piado agourento
Que lhe enche de agonia.

Tremeu de medo e apalpou
No peito o seu patuá,
Era um feitiço bem feito
Com um ossinho de piá
Morto pagão e enterrado
Em caixão de jatobá.

Procurou o aruaí
Naquela mudez tamanha
Mas só o par de legorne
Brigava por uma aranha,
O calorão que fazia
Deixava a mata tacanha.

Vai a Sol escorregava
Por sobre o corpo do herói,
Virada em mão de mocinha
Faz um carinho que dói,
Não amulherou mais a filha
E a vingarenta o destrói.

Paga por ter desprezado
Uma das filhas da luz,
Sente de manso no corpo
A carícia que o seduz,
Nervos cheios de vontade
À força do amor conduz.

Já depois de tanto tempo
Macunaíma lembrou:
Faz muito que não brincava
E o gosto se acumulou,
Água fria — diz-que é bom
Pra fogacho que chegou.

O herói escorreu da rede,
Tirou a penugem de teia
Que vestia o corpo dele
E andando pela areia
Foi ao banho num sacado
Que o Val de Lágrima medeia.

Macunaíma deixou
Os legornes bem na praia,
Pra beira d'água chegou
E ficou de atalaia,
Coberta de ouro e prata
A lagoa se espraia.

As águas se descobriram
Deixando ver o que tinha,
Lá no fundo ele enxergou
Uma cunhatã alvinha,
E vendo Uiara tão linda
Muita vontade lhe vinha.

Chegando foi de mansinho,
Como quem nada não quer,
Muito dançando piscava
Com trejeitos de mulher,
Dizia: Cai fora moço,
Vai se perder se vier.

Assim como quem não quer
Festeava muita dança,
Deu vontade tão imensa
Que o herói virou criança,
Lasso o corpo, boca úmida,
Fitando a lagoa mansa.

Macunaíma queria
Porque queria a Uiara,
Se botava o dedão n'água
Querendo bancar baguara,
O lago de ouro e prata
Encobria a sua cara.

E foi assim muitas vezes:
Macunaíma sentia
O gelo frio da água
E logo o dedo encolhia
Mas o calor aumentava,
Chegava o pino do dia.

Vei estava zangadíssima
Torcendo pra ele ir,
Nos braços da feiticeira
E no lagoão sumir,
Sabendo ser a Uiara
Que estava a seduzir.

Que boniteza ela era!
Morena bem coradinha,
Quinem a cara do dia
Logo acorda manhãzinha,
Cabelos cor da graúna,
Gosto de mel na boquinha.

Tinha no duro perfil
Um narizinho mimoso,
Mas por ali não respira,
Eis um fato curioso,
Ela só mostra de frente
O rosto liso formoso.

Um buraco no cangote
Num lugar bem escondido,
Macunaíma não via
Pois não fazia sentido,
Era ali que aquela pérfida
Respirava e tinha ouvido.

O herói parava indeciso
Num eterno vai-não-vai,
Por isso a Sol irritada
De paulada nele cai,
A dona mostrando a graça
Molenga e doce o atraindo.

Macunaíma sentiu
Um fogaréu no espinhaço,
Estremeceu e se atirou
Inteiro no seu abraço,
A Vei chorou de vitória:
O herói caiu no seu laço!

Lágrimas da Sol caíram
Na lagoa num chuveiro,
Pingos de ouro e de ouro
Em magnífico luzeiro,
Chegava o pino do dia
Com seu potente braseiro.

Quando ele voltou à praia
Se viu que muito brigou,
Com a vida dependurada
Um tempão ali ficou,
Com respiros fatigados
De braços desmoronou.

Tava sangrando demais
Muitas eram as mordidas,
Sem uma perna, sem dedões,
Sem as coisas mais queridas,
Orelhas, nariz, colhões,
Chaguento de mil feridas.

Quando deu tento das perdas
Um ódio de Vei guardou,
Um ovo bom da legorne
Na cara da Sol chimpou,
As bochechas de amarelo
Pra todo o sempre sujou.

Mornamente entardecia,
Macunaíma sentou
Numa lapa-jaboti
Onde um por um contou
Os tesouros que perdeu,
Tantos eram que chorou.

De repente num rompante
O herói pulou dando grito,
Encurtou a luz do dia,
O mato calou-se aflito,
Feito louco ele corria
Pulando quem cabrito.

É que as piranhas também
Comeram a muiquitã!
De quebra levaram o beijo
Dois brincos e o talismã,
Além dos toaliqüis
Deixando o herói mais tantã.

Arrancou uma montanha
De Timbó, de Assacu,
De Tingui, de Cunambi,
De Curare e Caruru,
Essas plantas tão letais,
Venenosas pra xuxu!

Todos os peixes morreram
Virando barriga pro ar,
Barrigas azuis, rosadas,
Amarelas, cor-do-mar,
Na superfície da água
Peixes mortos a boiar.

Era quase de-tardinha,
Macunaíma então
Destripou todos os peixes
Do envenenado lagoão
Catando a muiraquitã
Em desesperada ação.

Foi uma sangreira mãe
Escorrendo sobre a terra,
Tudo assim tinto de sangue
A boca-da-noite encerra,
E o herói desesperado
Entre peixes mortos erra.

Macunaíma encontrou
Dois brincos e dois dedões,
As orelhas, o nariz,
Os nuquiris inchadões,
Prendeu tudo nos lugares
A cola de peixe e cordões.

Porém a muiraquitã
E a perna não achou não,
Tinham sido engolidos
Por ali no cerradão,
Pelo Monstro Ururau
Que não morre a sopetão.

Macunaíma mui triste
Campeava, campeava,
Gritos de lamentação
Pelo campo ele soltava,
Saltando numa só perna
Com voz tremida gritava:

Lembrança! Só hai lembrança
Lembrança, minha marvada!
Não vejo você nem ela,
Não vejo o céu nem mais nada!
Com essa bulha encurtava
O tamanho da bicharada.

E mais ele mais pulava
Mais lágrimas respingavam,
Dos seus olhinhos azuis,
Flores do campo pintavam,
Desse milagre de anil
Os miosótis floravam.

O herói já não agüentava,
Parou e cruzou os braços
Num desespero heróico
Que alargava os espaços
Pra conter todo o silêncio
Que provocou tais fracassos.

Pra infernizar mais a disgra
Veio bem um mosquitinho,
Vim di Minas. Vim di Minas.
Zumbindo bem de fininho,
Delgado, quase sumindo,
Pernilongo raquitinho...

Então que Macunaíma
Cheio de ódio e pirraça,
Nesta terra abandonada
Não achou nenhuma graça,
E resolveu procurar
O povo da sua raça.

Capei bem relumeava
Na grupiara do céu,
Macunaíma cismou
Se ia viver ao léu
Ou na Ilha Marajó
Caminhar de déu em déu.

O momento pensou mesmo
Em morar numa cidade
Com o Delmiro Gouveia,
Homem de capacidade,
Porém lhe faltava ânimo,
Muita força de vontade.

Era té por causa disso
Que ele desanimava,
Qualquer graça nesta terra
De fato não mais achava,
Tudo que foi existência
Era a vida que passava.

Tantos casos ocorridos,
Tanta ilusão, brincadeira,
Sofrimento, heroísmo,
Uma vida aventureira,
Tudo um se deixar viver
Até a hora derradeira.

E pra viver com Delmiro
Ou na Ilha Marajó
Carecia ter sentido
E ele agora muito só
Penava na solidão
Um sofrer que dava dó.

Qual o quê! E decidiu:
Quando urubu tá de azar
O de baixo sem milagre,
No de cima vai caçar,
Este mundo não tem jeito
Vou pro céu, vou lá morar.

Ia pro céu pra viver
Bem ao lado da mareada,
Ia ser brilho bonito,
Inútil — melhor que nada!
Mais uma constelação
Dentro da noite estrelada.

Pelo menos era o mesmo
Igual a esses parentes,
Pais vivos da sua terra
Os conhecidos viventes,
Mães, pais, tios e cunhãs,
Agora estrelas candentes.

Replantou uma semente
De cipó matamatá,
Enquanto o cipó crescia
Agarrou bem numa itá,
Com a ponta riscou na laje
A frase que lá está:

NÃO VIM NO MUNDO

PARA SER PEDRA!

A planta tinha crescido
Ele se agarrou na ponta
Da Lua que branca e cheia
No horizonte desponta,
O herói capengando vai
Melodiando sem conta.

Vamos dar a despedida,

– Taperá,

Talequal o passarinho,

– Taperá,

Bateu asa foi-se embora,

– Taperá,

Deixou a pena no ninho.

– Taperá.

Em lá chegando bateu
Na maloca de Capei,
A lua desceu ao terreiro
Perguntou na sua lei:
O que qui quer seu Saci?
Me diga que eu não sei!

O herói aí secundou:
A bênção minha madrinha!
E respirando bem fundo:
Me dá um pão com farinha?
Então Capei reparou
Naquela fala mansinha.

Que não era Saci não,
Era o herói Macunaíma,
Lembrou do fedor antigo
E ajudá-lo não se anima,
Macunaíma enfezado
Deslanchou o pau encima.

Deu bastante munhecaços
Na cara chata da lua,
Por isso nela se vê,
Quando na noite flutua,
Manchas escuras na cara
Que no luar acentua.

Macunaíma foi ver
A Estrela-da-Manhã,
Caiuanogue surgiu
Viçosa, bela, louçã,
Pelo negrume da noite
Não viu a alma pagã.

Porém vendo a capenguice
Do herói lhe perguntou:
Que ó que quer seu Saci?
Mas do fedor se lembrou,
Bateu logo a janelinha,
Vá tomar banho! gritou.

Macunaíma enfezou:
Vem pra rua cafajeste!
Caiuanogue tremia
Com medo daquela peste,
Por isso que a estrelinha
De pisca-pisca se veste.

Macunaíma então foi
No Pai do Mutum bater,
Ele gostava do herói
Porque viu lhe defender
Na festança do Cruzeiro
E se alegrava em rever.

Paui-Pódole exclamou
Ah herói, tarde piaste!
É uma honra pra mim
Saber que aqui chegaste,
O meu mosqueiro modesto
Finalmente visitaste.

Sei que és descendente
Da nobre raça primeira,
Pois no principio era só
O jaboti nesta eira
Que fez do bucho da noite
A humanidade inteira.

Um homem e sua cunhã
Foram os primeiros fulanos,
As gentes de vossa tribo
Reinaram por muitos anos,
Depois que outros vieram
E com eles desenganos.

Chegaste tarde, herói!
Somos doze e com você
A gente ficava treze,
Lamento muito porque
Sinto mas chorar não posso
Pois isso ninguém prevê.

Que pena sinhá Helena!
Foi o herói que exclamou,
Paui-Pódole de dó,
Um feitiço preparou,
Agarrou os três pauzinhos
E lá pro alto jogou...

Como num passe de mágica
Formou uma encruzilhada,
Que virou Macunaíma
E toda a sua cambada
Numa constelação nova
Refulgente, iluminada.

Galo, galinha, gaiola,
Revólver, relógio e mais,
São hoje a Usa Maior
E vivem no céu em paz,
É isso aí minha gente!
Tem mais não! Não tem mais!

Dizem que um professor,
Naturalmente alemão,
Por ai andou dizendo
Que essa constelação
Por causa da perna só
É o Saci, mas não é não.

Saci inda tá no mundo
Espalhando as fogueiras,
Trançando crina de burro,
Tocaiando nas barreiras,
Pedindo fumo-de-rolô,
Fazendo arte nas feiras.

A Ursa Maior é mesmo
O velho Macunaíma,
É mesmo o herói capenga
Com a corte toda em rima
Que de tanto aqui penar
Foi-se embora lá pra cima.

EPÍLOGO

... e eu fiquei pra vos contar a história.

E assim minha gente acabou a história,
Deu tangolomango em toda sua tribo,
Os fatos de heroísmo que exhibo
Não servem para atestar a sua glória
Se a derrota é às vezes vitória
O que corre boca-a-boca é boato
A mentira muitas vezes é um fato
E o que fica do homem é a fama:
Sua vida entre comédia ou drama
Que acaba sempre no último ato!

Do Mário de Andrade eu li tal relato.

EPÍLOGO

Deu tanglomanglo na tribo
Pois acabou-se a história,
Os filhos dela tombaram
Sem deixar nenhuma glória,
Não havia mais ninguém
E assim morreu a vitória.

Não havia ninguém lá
Naqueles campos, lugares,
Furos e meios-barrancos,
Puxadores, lagamares,
Os matos misteriosos
Que foram ontem seus lares.

Tudo era a solidão
Como igual a um deserto,
Não havia ninguém lá
Que explicasse por certo
O silêncio que dormia
No Uraricoera ali perto.

Sobre a face dessa terra
Nenhum conhecido havia
Pra contar aqueles causos
Que o mundo desconhecia,
Falar na fala da tribo,
Saber do herói, quem sabia?

Agora os manos virados
Naquela sombra leprosa
Era uma outra cabeça
Do pai do urubu-rosa,
O herói - a Ursa Maior –
Constelação fulgurosa!

Ninguém jamais vai saber
Tanta história bonita,
A fala da tribo acabada,
Não existia a escrita,
Só um silêncio imenso
Na solidão infinita.

Um dia um homem foi lá,
Era de-madrugadinha,
Pra despedir as estrelas
Vei mandou suas filhinhas,
Era o deserto tão grande
Na mata pequenininha.

Os passarinhos morriam
Ao tamanho do pavor,
Até mesmo a Natureza
Desmaiava o seu verdor,
A mudez de tão gigante
Sufocava o esplendor.

O tamanhão do arvoredor
Espichava a mataria,
No peito doido do homem
Uma voz da ramaria
Curupac! Curupac!
Tremendo se anuncia.

Que o homem ficou frio
De susto feito um piá,
Viu brisando um guanubi
Numa flor de guaraná,
Boleboliu o beijo dele
Bilu, bilu, bilu, lá!...

Bilu, bilu, lá, tetéia!
E subiu mui apressado
Pro cipó do guaraná,
O homem bestificado
Acompanhou o guanubi
Naquele vôo espantado.

Puxa rama! Puxa boi!
O beija-flor que se riu,
Deu um vôo colorido
E pro mato escapuliu,
Foi aí que um papagaio
Na ramaria surgiu.

Então o homem notou
O louro de bico dourado,
Espiaava assim pra ele
Um tanto desconfiado
Dá o pé, dá o pé louro!
Ele atendeu ao chamado.

Bem na cabeça do homem
O papagaio pousou,
Ambos se acompanharam
E o louro principiou
Falando uma fala mansa
Que nunca jamais soou.

Um falar que era canto,
Cachiri com mel-de-pau,
Era boa e muito nova
E possuía a fatal
Traição das frutas doces
Desta nação tropical.

A tribo toda acabara,
Virara sombra a família,
A maloca despencara
Sem telhado, sem mobília,
O herói subira ao céu
Onde cintila em vigília.

Dos tempos antes de dantes
Que o grande Macunaíma
Fora herói e Imperador
Da mataria de cima
Só ficara o aruaí,
Bicho da sua estima.

Só o nobre papagaio
Na mudez do Uraricoera
Guardara do esquecimento
Os casos daquela era,
A fala desconhecida
E tudo mais que se dera.

No silêncio todas coisas
O papagaio conserva,
Frases e feitos do herói
Na memória ele preserva
E tudo contou ao homem
Sem fazer qualquer reserva.

Depois pensou viajar
Largar a velha tapera
E partir pra bela Europa
Realizar sua quimera
Logo após abriu as asas
Pra encontrar a primavera!

Por isso que vim aqui,
Nas folhas me acocorei,
Os velhos carrapatinhos
Um a um todos catei,
O tom plangente rasgado
Nesta viola ponteei.

E boto a boca no mundo
Pra cantar bem lentamente
A aventura fantástica
E o viver inconsequente
Do herói Macunaima
Um herói de nossa gente!

O homem sou eu ó gente!
E vim rimar numa boa
Os feitos do grande herói
Cantando em dolente loa
Nestes versos mal traçados
Pelo Sá de João Pessoa.

Tem mais não...

*Mário de Andrade escreveu em 1927,
Sá de João Pessoa versejou em 1987.
Rio de Janeiro, Cachambi,
Setembro/Dezembro de 1987*

O AUTOR

Salomão Rovedo (1942) teve formação cultural em São Luis (MA), desde 1963 mora no Rio de Janeiro e participou dos movimentos culturais e políticos nos anos 60/70/80. Tem textos publicados em Abertura Poética (Ant.), Walmir Ayala e César de Araújo, 1975; Tributo (Poesia), 1980; 12 Poetas Alternativos (Ant.), Leila Míccolis e Tanussi Cardoso, 1981; Chuva Fina (Ant.), Leila Míccolis e Tanussi Cardoso, 1982; Folguedos (Poesia/Folclore), c/Xilos de Marcelo Soares, 1983; Erótica (Poesia), c/Xilos de Marcelo Soares, 1984; Livro das Sete Canções (Poesia), 1987.

Publicou os seguintes e-books: Porca elegia (Poesia), 7 canções (Poesia), Ilha (Romance), A apaixonada de Beethoven (Contos), Sentimental (Poesia), Amaricanto (Poesia), Arte de criar periquitos (Contos), bluesia (Poesia), Mel (Poesia), Meu caderno de Sylvia Plath (e-recortes), O sonhador (Contos), Sonja Sonrisal (Contos), Cervantes, Dom Quixote (Artigos), Gardênia (Romance), Espelho de Venus (Poesia), 4 Quartetos para a amada cidade de São Luis (Poesia), 6 Rocks Matutos (Poesia), Amor a São Luis e ódio (Poesia), Stefan Zweig Pensamentos & Perfis (c/Silvia Koestler), (Antologia), Viagem em torno de Dom Quixote (Notas de leitura), Três vezes Gullar (Ficção), Sonetos de Abgar Renault (Antologia), Suite Picasso (Poesia), Literatura de Cordel (Ensaio), Tradução: Mi Borges.com, poema de Sandra Pien (Argentina) e Cancionero de Upsala, texto medieval.

Publicou folhetos de cordel com o nome **Sá de João Pessoa**. Editou a folha de poesia Poe/r/ta. Colaborou esparsamente em: Poema Convidado (USA), La Bicicleta (Chile), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates (RJ), Opinião (RJ), O Galo (RN), Jornal do País (RJ), DO Leitura (SP), Diário de Corumbá (MS)... e outras ovelhas desgarradas. e-books grátis em: www.dominiopublico.gov.br e outros sites.

Foto: Priscila Rovedo



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brasil. Proibida a Impressão e Venda em qualquer mídia. Para ver uma cópia desta licença, visite:

<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA. Obs: Após a morte do autor os direitos autorais devem retornar para seus herdeiros naturais.